

# Copos que Andam

ROMANCE DO ESPÍRITO

**ANTÔNIO CARLOS**

PSICOGRAFADO PELA MÉDIUM

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

**psitt**



## Prefácio

Em certa cidade do interior, numa Feira de Livro espírita, um grupo de senhoras e demais companheiros responsáveis pelo evento conversam, preocupados, com o assunto do momento: a brincadeira que alguns jovens do lugar faziam, com copos, na invocação de Espíritos. Até nas escolas, desavisados já estavam se reunindo para, no intervalo das aulas, fazer suas indagações a título de curiosidade. Uma equipe espiritual que prestava assistência aos trabalhos da Feira de Livros, preocupou-se com o problema pelo perigo que tal atividade pode trazer aos incautos que se envolvem na ação aparentemente inofensiva de brincar invocando Espíritos. O mal está em que apenas Espíritos inferiores e ignorantes se prestam a esse tipo de invocação. Bons Espíritos jamais se dispõem a isso. E os Espíritos inferiores, maus e ignorantes, apresentando-se nas sessões de invocação, mentem, mistificam, inclusive assumindo falsa identidade, a fim de satisfazer a curiosidade dos desavisados.

Respondem àquilo que lhes perguntam, fazem previsões e dão conselhos, participando da brincadeira. Contudo, julgando-se credores dos participantes que os invocam a seu serviço, fazem duras e dolorosas cobranças pelo "trabalho" prestado. Esses Espíritos, portadores de fluidos pesados e negativos, infestam o ambiente a que comparecem. Se gostarem do lugar e dos moradores, aí permanecem, passando a fazer parte da vida da família, acarretando todo o tipo de desequilíbrio e influências nocivas. Induzem os jovens ao consumo de drogas para que possam vampirizá-los; divertem-se com as peças de mau gosto que pregam aos desprotegidos encarnados; e julgam-se no direito de usar e abusar de tudo e de todos por terem sido chamados para a prestação de serviços.

Antônio Carlos e equipe acompanham muitos dos envolvidos nas brincadeiras dos "copos que andam" e têm a oportunidade de presenciar a deletéria atuação dos Espíritos inferiores invocados.

Constatam muitos casos de obsessão e procuram intervir em favor dos atingidos, numa difícil e espinhosa tarefa de amparo e reparação.

Muitas são as histórias então relatadas. Inclusive, o caso da jovem Nely que é induzida a matar o próprio pai, vindo depois a se suicidar!

João Duarte de Castro

Em uma cidade pacata e bonita, realizava-se mais uma Feira do Livro Espírita. A tarde morna do mês de agosto contribuía para o movimento das pessoas, que palestravam alegres, trocando idéias sobre a Doutrina Espírita. Um grupo de senhoras simpáticas conversava com amizade e respeito sobre o assunto que as preocupava:

- Muitos dos nossos jovens, desinformados, levam na brincadeira algo que desconhecem, e o fazem com a ajuda de muitos adultos - disse Conceição, deveras preocupada. - Até nas escolas, estão se reunindo nos intervalos das aulas, para indagarem sobre curiosidades.

- E acontece cada barbaridade! Conta-se que perguntam datas de desencarnações e obtêm respostas, e que formam até palavras obscenas! - comentava não menos preocupada Maria Luíza.

- Tento, sempre que possível, instruir as pessoas sobre o que é realmente a brincadeira do copo, que de brincadeira não tem nada.

Gostaria de indicar a esses jovens algum livro sobre o assunto, mas não tenho conhecimento de nenhum - fala Solange.

- A literatura Espírita é vasta - diz Toninha, pessoa de estudo, conhecedora da Doutrina Espírita. - Realmente, não tenho conhecimento de livro específico sobre o assunto. Será que não poderíamos pedir ao Antônio Carlos que escrevesse um?

- Seria bem interessante um livro que narresse os acontecimentos do lado de lá, no Plano Espiritual, sobre essa brincadeira tão em voga - conclui Solange.

- Acho que vocês se preocupam muito - diz Claudete, otimista.

- Essa brincadeira está fazendo muitas pessoas passarem apertos e medos. Brincam com o que não conhecem e, depois, passam a temer as conseqüências. Isso tem levado muita gente a pedir trabalhamos há tempos com jovens encarnados e, conhecendo-os bem, sabemos que, na maioria das vezes, fazem isso por fazer, ou para

participar, por curiosidade, ou até mesmo para serem agradáveis à turma. Entretanto os que têm mais sensibilidade, são os mais prejudicados. Essa brincadeira tem-se realizado com muita freqüência, está na onda, como diz a garotada.

- Adultos também estão lidando com isso, embora em número menor. Querem solução para seus problemas, tentam bisbilhotar a vida de outras pessoas ou, ainda, procuram saber do futuro, como se nós, desencarnados, pudéssemos conhecer e responder sobre o que há de vir. Muitos pensam que, só porque desencarnamos, sabemos de tudo e, ainda, que até podemos nos tornar adivinhos.

- O futuro depende muito do livre-arbítrio de cada um! - suspira Lúcia.

- Bem - fala Mateus -, se você, Antônio Carlos, estiver interessado, poderemos, logo mais, levá-lo para que assista a uma "brincadeira do copo". Verá grupos de Espíritos desencarnados desocupados responderem durante um fenômeno mediúnico, através de um objeto no caso um simples copo de vidro, a grupos encarnados imprudentes que ignoram o perigo que correm nessas horas em que estão a se divertir.

- Aceito e agradeço.

O trabalho do lado espiritual, na Feira do Livro Espírita, era feito por horário, em rodízio, tal como faziam os encarnados. E não faltavam tarefas. A equipe dos encarnados não só vendia livros, mas também orientava muitas pessoas, com conselhos sensatos e bondosos, e ainda escutavam pacientes os problemas de muitos, procurando sempre ajudar.

Os trabalhadores desencarnados eram de uma equipe que acompanha Feiras de Livro Espírita por todo o Brasil. São instruídos e acostumados nesse trabalho, sendo um de seus objetivos o ânimo e a alegria de todos. Outra equipe era constituída por Espíritos que trabalham no espaço espiritual da cidade, tais quais amigos que conversavam. Participavam dessa equipe so-

corristas de três grupos, dos quais faziam parte os encarnados que ali trabalhavam.

Os Espíritos davam passes em todas as pessoas e, ainda, socorriam outros desencarnados sofredores. Muitos vinham até a barraca. Alguns acompanhavam compradores encarnados ou mesmo buscavam auxílio para seus males. Havia os que se portavam como compradores, certos de estarem encarnados. Eram, então, encaminhados para os Postos de Socorro, ou para os Centros Espíritas para serem orientados.

A preocupação maior era com os ataques de Espíritos avessos ao Bem, que perseguem a divulgação da Verdade. Porque, conforme disse Jesus: "Conhecereis a Verdade, e ela vos libertará". Essas Entidades vêm na Feira do Livro Espírita uma força enorme que os está vencendo. Por isso as equipes estão sempre atentas na defesa, sempre felizes e irradiando Paz.

Foi com muito prazer que fiquei na barraca, esperando pelos amigos, enquanto observava o movimento.

Três jovens se aproximaram. Eram garotas bonitas, mas estavam inibidas. Puseram-se a olhar os livros em exposição e ficaram a cochichar. Acompanhava-as uma senhora desencarnada, que nos cumprimentou e explicou:

- Marina, minha neta, veio até aqui induzida por mim. As outras são amiguinhas, e elas estão curiosas para participarem da brincadeira do "copo que anda". Já fiz de tudo para elas não irem e, na tentativa de que alguém as instruisse, encaminhei-as até aqui.

Preocupo-me com Marina, ela é doce e bondosa, mas sendo médium e participando de uma atividade, onde Espíritos brincalhões estejam presentes, temo que um deles se torne companhia dela e a prejudique.

José Luiz, que no momento estava a receber as pessoas e a orientá-las na compra de livros, cumprimentou-as e indagou:

- Que livros preferem? Romances?

- Será que você poderia nos responder uma coisa? - indaga Marina. Nem esperou pela resposta e continuou: - A brincadeira do "copo que anda" é espírita?

- O Espiritismo é uma Doutrina que ensina somente o Bem, a modificação íntima das pessoas, tornando-as melhores. É uma religião séria que proporciona aos seus seguidores estudo e orientação. E, respondendo sua pergunta, esse divertimento não é espírita, o "copo que anda" constitui apenas fenômeno mediúnico.

- Hum!... - suspirou Marina.

José Luiz entendeu que não fora bem compreendido e explicou mais claramente:

- Não, minha filha, essa brincadeira não é Espiritismo, porém nós, espíritas, entendemos que os mortos do corpo, vivos em espírito, ou como também são chamados tantas vezes de fantasmas, assombrações, podem vir e brincar quando são chamados. Entenderam?

- Ave-Maria! São demônios? - exclamou uma delas.

Estavam assustadas e, atentas, escutavam as elucidações de José Luiz:

- Desencarnados são os que vivem sem o corpo físico, são os vivos, cujos corpos morreram. Continuamos a ser no Além o que fomos aqui. Pessoas sérias, ocupadas, não desperdiçam o tempo.

Espíritos bons não participam de fenômenos mediúnicos que não visam o Bem. Dessas brincadeiras participam Espíritos que não têm o que fazer, são desocupados e brincam com as pessoas para se divertirem. Muitos deles podem ser maus ou "demônios", como você diz, porém "demônios" são também nossos irmãos que, no momento, desconhecem o Bem e afastaram-se de Deus...

- Por que querem participar desse divertimento? - indaga Solange, que se aproximara e escutava a conversa.

- Para saber do futuro - respondeu uma delas. - Se vou casar, se vou estudar...

- Do futuro, só Deus sabe - replica Solange.  
- Esses Espíritos levianos respondem o que lhes vêm à mente, sem se importarem com a verdade. Mentem e divertem-se. Depois, são almas de mortos, vocês não têm medo? Pois deveriam temer os que participam dessa brincadeira. Por isso, não devem divertir com o "copo que anda"!

- Eu não vou!

- Nem eu!

- Sei lá, e se vier um demônio e ficar conosco! Isso pode acontecer, não é? Meu pai disse que pode... tenho medo!

- Este é o grande perigo - conclui José Luiz -, algum Espírito maldoso ficar com vocês e atrapalhar suas vidas.

Interessaram-se por alguns livros e indagaram o preço.

- Que preço baixo! Custa só isso? - exclamou Marina. - Nunca vi um livro tão barato!

- É que a Literatura espírita não visa lucro algum, porque seu objetivo é instruir, informar e ajudar as pessoas - sorriu Solange.

As mocinhas compraram alguns livros e foram embora com a decisão de não participarem da brincadeira do copo. A avó desencarnada, aliviada, agradeceu e partiu com elas.

Uma senhora, acompanhada de um Espírito, veio até à barraca.

Quando o desencarnado viu Claudete, não se aproximou, ficou olhando à distância. A senhora cumprimentou a atendente e logo se queixou:

- D. Claudete, estou sentindo-me novamente mal, desanimada, com dor de cabeça e cansaço!

A professora Claudete animou-a, sorriu e, como se falasse a um de seus alunos, aconselhou-a, indicando alguns livros que muito poderiam ajudá-la.

- Este Espírito, um senhor desencarnado, já foi encaminhado por três vezes ao Posto de Socorro, mas não toma jeito! - informou-nos Maria.



- Por que será que não fica num lugar tão lindo e agradável como é o Posto? - indaga Lúcia.

Aproximamo-nos dele, que nos olhou desconfiado e falou rápido:

- Não fiz nada, estou quieto. Só olho...

- Sabemos - disse calmamente Mateus -, só queremos saber o porquê de o senhor não ficar no Posto de Socorro!

- Bem, lá existe muita disciplina, muita ordem que temos de obedecer, nem posso fumar...

- Entretanto, lá foi curado e não sente dores, há um leito confortável e alimento.

- Alimento sem carnes - replicou, exigente -, curam-me, porém logo fico doente novamente.

- Já sabe que seu corpo morreu e, quando tenta viver como se estivesse encarnado, volta a sentir os sintomas que tinha, e fica doente.

Entretanto, o senhor está vampirizando sua esposa!

- Disse bem, meu caro, a minha esposa e não a sua. Vivemos bem deste modo.

- Sua esposa não pensa assim, pois está constantemente a se queixar dos maus fluidos seus.

- Ela é assim mesmo, queixa-se de tudo.

Parou de falar, foi saindo devagar, distanciou-se alguns passos e correu desaparecendo de nossas vistas.

- Sempre achei estranho desencarnados saírem dos Postos de Socorro - disse Lúcia. - Esse senhor prefere vagar, não querendo disciplinar-se.

- Gostos diferem - explica-nos Mateus -, nem todos gostam do amarelo. Nos Umbrais encontramos muito sofrimento, nos horrores dos cativeiros, nos que padecem em remorso e também na prática de vícios de toda espécie. O que pode ser feio, triste e ruim para alguns, como ficar a vagar, ou morar nos Umbrais, pode ser uma escolha para outros. O que é um paraíso sonhado para tantos, como as Colônias, Postos de Socor-

ro, é um lugar desagradável para muitos. Questão de afinidade. Colônias Espirituais e Postos de Socorro são lugares de disciplina, de ordem, onde não se podem conservar vícios, mas se aprende a moral cristã e a ser útil. Existem os que só querem receber e, pior, exigem, sem dar valor a quem os serve. Porém nem todos os que retornam de um Posto de Socorro, pensam assim, porque a saudade dói. Se queremos bons lugares, temos que nos afinar já com eles, sendo simples e puros, como os que vivem lá.

- Que acontecerá com esse senhor? - indaga Lúcia

passou a sentir em parte seu desespero. Ele não quer suicidar-se, porém sente-se tentado. Pensa muito nisso e teme.

E, para nosso espanto, o moço falou às senhoras:

- Desde que fiz a brincadeira do "copo que anda", lá em casa, sinto-me assim, angustiado, aflito, com dores de estômago, sem poder dormir direito, e parece que escuto: "Suicida! Suicida!" Não quero isso não, moças, não quero. Sei que quem se suicida vai para o Inferno.

Acredito em Deus e não posso fazer isso, nem ir para o Inferno.

- Quem pratica esse ato sofre muito realmente, porém Deus é bom demais, e o castigo eterno não existe! Por ser grande o sofrimento, parece que o tempo não passa e, assim, acredita-se que o sofrimento é eterno. Você não deve mais pensar nisso - disse-lhe Hilda.

- Deve tomar passes, ler o Evangelho - falou carinhosamente Maria Luíza. - Vamos fornecê-lhe os locais e os dias de reunião.

- Vou indicar-lhe alguns livros e, ao estudá-los, não pensará mais nisso - esclarece Toninha. - É preciso orar, pedir a Deus para ajudar a afastar essas idéias de você. Também não deve mais participar ou fazer a brincadeira do copo.

- Peguei essa tentação por isso, não foi? - indaga o moço, mais tranqüilo.

- Deve ter sido - esclarece Toninha -, nada de bom sai dessa diversão.

- Se quiser presenciar Espíritos se comunicarem, vá a sessões espíritas. Não deve você participar desses divertimentos, para não sujeitar-se a influências piores - conclui Hilda.

- Está vendo, Antônio Carlos - diz Mateus -, como essa brincadeira é perigosa? Está a preocupar a todos os espíritas da região!

- Será que ele poderia suicidar-se? - indaga-nos Lúcia.

- Talvez, se a moça desencarnada ficasse muito tempo com ele. Porém ele sentia-se apavorado e, de algum modo, procuraria ajuda. Estava sendo induzido, ou, como os encarnados costumam dizer, "tentado". Mas possui o livre-arbítrio para atender ou não a sugestão - responde Mateus.

- E se ele não procurasse ajuda? - indaga Maria.

- Os fluidos constantes dela fariam com que ficasse doente e consultasse médicos, que lhe receitariam remédios. Poderia até perturbar-se e, quem sabe, suicidar-se.

- A culpa dele, nesse caso, é a mesma? - indaga Lúcia, interessada.

- Na Espiritualidade, cada caso é um caso, levando-se em conta inclusive a obsessão. De qualquer forma, o suicídio traz graves consequências para quem o pratica.

O moço adquiriu vários livros, desejando estudá-los e ir com freqüência tomar passes e, sentindo-se outro, agradeceu e foi para casa.

Mudando a equipe de trabalho, Maria, Joaquim e Mateus estavam livres. Andamos tranqüilamente pela bonita e grande praça, onde estava armada a barraca da Feira do Livro Espírita.

- Não vá por ali!

Esbarrou em nós, sem nos ver, um desencarnado que seguia uma senhora. E continuou a falar sem notar-nos:

- Uma Feira do Livro Espírita, que perigo! Sabe-se lá o que um desses livros poderá fazer, se for lido? Ela poderia desconfiar que a vampirizo e pare minha vingança!

Ainda mais, se procurar ajuda desses abelhudos espíritas. Vamos pelo outro caminho, e já!

A senhora mudou de rumo, evitando passar perto da Feira.

- Infelizmente - disse Joaquim - muitos encarnados aceitam facilmente a orientação má de desencarnados. Esse irmão que obsedia essa senhora, certamente responderia a quem o invocasse através do copo. Isto é, diria muitas mentiras. Ele é inteligente, mas teme a Feira do Livro Espírita, por ser um local de socorro e orientação; onde seus organizadores alertariam aquela senhora e poderiam até impedir que dela se vingasse.

Na ponta da praça, a barraca era um foco enorme de luz que descia do alto, irradiando-se e permitindo ser vista de longe. Fazia os maus temerem, dava esperança e socorro aos sofredores e o mais importante, propiciava oportunidades de aprendizagem, conhecimento e instrução a todos os que dela se aproximassem.

Não tínhamos andado muito e, ao atravessarmos a rua, encontramos um grupo de oito jovens. Num instante, prepararam o local como já haviam planejado, e organizaram a mesa. Colocaram nela as letras do alfabeto recortadas de papel grosso, e também os numerais de zero a nove, todos em círculo, tendo de um lado o monossílabo "sim" e, do outro, o "não". Puseram um copo de vidro, com a boca para baixo, no centro do círculo. Os jovens rodearam a mesa e três deles apoiaram o dedo indicador da mão direita sobre o copo. Um deles, o que liderava, pediu em voz alta:

- Concentremos-nos, para que Anabela e Lael se comuniquem conosco - e continuou o jovem, com voz pausada: - Anabela, Lael, vocês estão presentes? Podem falar conosco?

- Este jovem que está invocando é Luciano - esclareceu-nos Joaquim. - Está achando sensacional o fenômeno. Tem dezessete anos e não segue religião nenhuma, embora se diga católico, como é sua família. Sendo sensitivo, permite, com seus fluidos, que desencarnados possam brincar com ele. Vejam, aí estão os Espíritos que foram invocados: um grupo de arruaceiros. Anabela é esta jovem... bem, nem tanto, pois desencarnou com vinte e seis anos, e Lael é este rapaz loiro. Todos pertencentes ao bando, como eles próprios chamam "nossa turma". São viciados em drogas.

Os integrantes do grupo, sete no total, chegaram em alvoroço, rindo, gargalhando e dizendo gracinhas. Trajavam poucas roupas, predominando as vestes de cor preta e os cabelos despenteados; estavam sujos, cheirando mal, e as mocinhas, muito pintadas, usavam colares e brincos. Não nos viram.

- Lael, deixa-me responder em seu lugar? - perguntou um deles, todo enfeitado com correntes grossas prateadas.

- Pode, porque esse Luciano está me cansando, pois a todo momento quer consultas, Idiota! Pagará caro, porque Lael nada de graça! Ei, garotos, podem vampirizar à vontade, pois foram eles que nos chamaram...

- Ora, eles não usam drogas, e seus fluidos não são legais reclama uma das jovens.

- Pode esperar que não cansará sua beleza; logo muitos de estarão nas drogas - diz, confiante, Lael.

Eles rodearam os jovens encarnados, e nós ficamos à sua volta.

E nós é que respondemos aos jovens encarnados, usando mesmo processo para formar as palavras:

- Vocês, jovens, deveriam estar estudando, e não brincam com o que desconhecem. Espíritos sérios e bons não perdem seu tempo com essas coisas. Não devem fazer isto, é errado!

- Que acontece, Lael? - indaga um dos desencarnados do bando, assustado. - Quem está respondendo por nós?

- Não sei. É melhor "dar no pé".

Saíram rápido e os moços ficaram desiludidos. Um deles murmurou

"Que estranho!"

- Acho isso coisa do demônio. Minha mãe viu num filme que era o diabo quem respondia.

- Deixe de ser boba! - exclama Luciano -, às vezes, nem Ana bela nem Lael podem vir; deve ser algum engraçadinho que respondeu por eles.

- Se não puderam vir, onde estarão? - quis saber uma jovem - Eu sei lá! - exclama Luciano -, nunca morri pra saber,...

- Será que é morto mesmo, quem responde?

- Que medo! - exclama outro jovem.

- Ora, não diga besteira, é morto mesmo, Você não é eterno Então, quando morre, continua vivendo. Foi Lael quem disse - fala com convicção Luciano.

Frustrado, desfez o grupo de jovens e foi embora.

- Luciano não é má pessoa - explica-nos Joaquim, um dos mentores espirituais. - É curioso, inteligente, era bom filho, digo era porque esses Espíritos viciados já começam a mudar sua cabeça.

Mateus, preocupado, argumenta:

- Vícios! Como é triste ser escravo de um vício! No corpo físico ou fora dele, estaremos presos ao vício que cultivamos, até que pela nossa própria vontade, possamos vencê-lo. Pessoas cativas de drogas quando encarnadas, continuam a se drogarem depois de desencarnadas e quase sempre em piores condições. E tudo fazem para alimentar o vício, vampirizando encarnados e persuadindo-o a se drogarem também. E liber-

tar-se delas não é fácil. É necessário muita ajuda, mas primeiramente é preciso que queiram a ajuda.

- Vamos tentar ajudar Luciano? - exclamei.

- Sim, porém iremos nos defrontar com seu livre-arbítrio - fala Maria, com piedade. - E como afastá-lo dos Espíritos viciados, se ele é que os invoca? Que fazer com esses irmãos viciados que não querem ser ajudados? Temos em nosso Educandário uma ala enorme destinada a recuperar Espíritos de jovens viciados. Mas lá estão só os que querem se libertar da droga e lutam para isso, o que não é fácil, pois mesmo tendo todo o apoio, levam tempo para que se curem. E esses integrantes do bando estão longe de querer socorro!

Querem usar Luciano como intermediário, pois desejam que se vicie para depois vampirizá-lo.

- E, pelo jeito, Luciano prefere-os. Vocês ouviram como se referiu a nós, chamando-nos de "engraçadinhos"? - sorriu Joaquim.

Seguimos Luciano e logo encontramos o grupo dos jovens desencarnados que o esperavam, e o acompanharam. Não nos viram, e só nos perceberiam se quiséssemos, pois nossas vibrações eram diferentes: a nossa mais suave, rarefeita; a deles, mais grosseira.

Após alguns minutos, sentiram algo diferente, que estranharam e os incomodava!

- A sensação esquisita de novo? Que será? Não vejo ninguém - disse Lael.

- Não sei - fala um outro -, parecem-me fluidos dos "caretas de branco". Será que Luciano orou?

- Claro que não, porque já recomendei que não fizesse isso - começa a ficar nervoso Lael.

- Em todas as vezes que meu avô vem encher-me, querendo que mude minha forma de viver, sinto esta sensação - fala uma jovem.

- É melhor "dar no pé" novamente - disse Lael. - Que tal irmos ao bar e farrear? A turma pode estar lá.

- Se não estiverem, é só chamá-los, que virão como cachorrinhos!

Vamos! - exclama Anabela.

Luciano continuou seu caminho, e foi para casa.

- Qual será o bar onde irão? - indaga Maria.

- Vamos acompanhá-los à distância e depois visitaremos Luciano - sugere Mateus.

Seguimos os jovens do grupo, que foram para um barzinho com aparência discreta. Entraram, entramos também e, acomodando-nos num canto, ficamos observando.

Alguns encarnados ali estavam, a maioria jovens desocupados.

O bando de desencarnados logo animou-se:

- É incrível como se afinam! - exclama Maria.

- Ociosos e desocupados! - exclama Joaquim.

- Não é à toa que os imprudentes dizem que não têm o que fazer, só arrumam confusão.

Os viciados desencarnados cochicharam a seus conhecidos encarnados, ficaram pertinho deles e vimos as drogas surgirem seus esconderijos. Drogaram-se, usufruindo juntos daqueles efeitos nocivos e, como diziam, "viajavam" tristemente unidos.

Saímos e Mateus explicou-nos:

- Nem todos os jovens viciados são induzidos por Espíritos, Embora a companhia desses infelizes não falte. Porém é fácil adquirir o vício e são muitos os motivos que eles enumeram, para se justificarem, Os vícios danificam o corpo físico, o corpo perispiritual, e um dia terão que dar conta do seu ato ao Criador que os fez perfeitos. Aprenderão, talvez, a lição num corpo doente, cujos efeitos eles mesmos provocaram por livre escolha!

- Esses Espíritos foram viciados, quando encarnados - indaga Maria.

- Sim, mas pode acontecer que um Espírito se junte aos jovens e adquira o vício. O corpo



carnal é uma vestimenta, quem adquire vícios somos nós - explica Joaquim.

- Que acontecerá a esses jovens desencarnados? - quis saber Maria.

- A droga aos poucos arruinará o perispírito deles, tornando-os verdadeiros farrapos, e a dor sábia virá para ensiná-los; ou pode acontecer que antes se cansem dessa vida e queiram ajuda - responde Mateus.

- Aí deixarão o vício?

- Terão que lutar para vencê-lo - diz Mateus. - Sofrerão duplamente, o vazio da vida fútil e a falta das drogas, porque chegarão a um ponto que nem forças terão para vampirizar alguém.

Chegamos à casa de Luciano. Não é de nosso costume entrar sem ser convidado, por isso ficamos por minutos observando-a do lado de fora. Seu lar era confortável, de classe média e não lhes faltava nada.

A família se compunha do pai, da mãe e da irmã menor, Para nossa surpresa, veio ao nosso encontro, convidando-nos a entrar, o avô desencarnado de Luciano. Apresentou-se alegre cheio de esperanças:

- Sou Wálter, avô paterno de Luciano. Vieram ajudar meu neto?

- Estamos a pesquisar as invocações que estão fazendo com a brincadeira do copo. Vimos Luciano fazer isso e o seguimos. Não sei se poderemos ajudá-lo - explica Maria.

O Sr. Wálter sorriu, conduzindo-nos para dentro

- Por não ver a turma de viciados chegar com meu neto, pensei que se livrara deles. Aqui estou de visita, pois preocupo-me com ele, mas não consigo ajudar. Ninguém acredita que isso não seja brincadeira e, pior, julgam que não necessita de ajuda. Já tentei conversar com ele, durante o sono, porém não me atende. Até já respondi através do copo, mas repele-me.

- Já tentou instruir os pais? - indaguei.

- Sim, minha nora pensa que é a força do pensamento de seu filho que faz mover o copo. Acha lindo Luciano ter essa força, e até já pesquisou em livros de Psicologia. Considera tudo normal, não crê que os mortos se comuniquem, e vê nessa brincadeira algo inocente de jovens, achando que logo Luciano se cansará e deixará disso. Meu filho é que se preocupa mais com o assunto, mas aqui prevalecem as idéias de minha nora.

- Sr. Wálter, tente intuir seu filho a aconselhar Luciano. Daremos ajuda - disse Mateus.  
Atendendo à nossa sugestão, chegou perto do filho, que deixou de ler o jornal, por sentir em parte as orientações.

- Luciano, venha cá!

O jovem veio de má vontade e sentou-se perto do pai.

- Filho, você tem estudado? Percebo que anda muito envolvido nessa brincadeira.

- Não é brincadeira, é algo sério - diz Luciano, desafiando.

- Não vá muito na conversa de sua mãe. Mesmo que seja força do seu pensamento, é algo que você desconhece e, por isso, não deve fazer. Deixe de participar desse divertimento!

- Não é nada como a mamãe pensa, converso mesmo é com os mortos!

A mãe de Luciano entrou na sala e começaram a discutir. Não havia respeito, e um xingava o outro. Luciano agrediu os pais, que lhe aplicaram um castigo. Naquela noite não sairia, e ficaria em seu quarto.

Luciano foi para o quarto, revoltado e aborrecido. Incentivamo-lo a orar, a pensar em acontecimentos bons. Nada conseguimos, pois isso lhe era desinteressante demais e, assim, lembrou-se dos amigos e pensou em invocá-los.

Tirou da gaveta os objetos necessários, arrumou-os no chão, sentou-se e concentrou-se. Com o pensamento firme, chamava-os pelos nomes:

- Anabela! Lael!

Logo que escutamos o alvoroço dos jovens, saímos do quarto e ficamos na área da frente, tornando-nos visíveis para eles.

- Boa noite! - dissemos.

Gargalharam, examinando-nos:

- Quem são vocês? - quis saber Lael.

- Amigos - respondeu Joaquim. - Vocês estão bem?

- Demais, "cara" - responde Lael. - Que querem vocês aqui?

- Que deixem Luciano em paz - responde Mateus.

Riram de novo, e Lael fala desafiando-nos:

- Há um engano aí, quem não nos deixa em paz é ele. Não viemos aqui de abelhudos como vocês. Somos chamados. Alguém quer sua presença aqui? Quem pediu para que cuidassem de Luciano? Ele? Nesse ponto, Lael tinha razão. Luciano chamava por eles e não por nós. Sereno, indaguei:

- Por que vivem assim? Arruinaram-se e levam outros a fazerem o mesmo?

Lael respondeu, após dar escandalosas gargalhadas:

- Estamos bem cientes do que ocorre conosco, pois o avô deste aqui vive nos enchendo. Mas, enquanto dá, vamos tocando, porque ninguém aqui está a fim de ser certinho, nem de largar o viciozinho. Esta vida de aventura nos atrai. Não forçamos ninguém a se drogar e, se o fazem, é porque gostam. Somos mesmo todos amigos. E podem parar por aí, porque não vamos responder mais a interrogatório. Atendam quem pede pra vocês. Ok?

- Vocês sofrem, são escravos do vício - ponderei.

- Corta essa, cara! - fala cinicamente Anabela. - Cuidem da vida de vocês, que da nossa cuidamos nós. Se sofremos, ou não, que têm vocês com isso?

Tentaram entrar, mas os impedimos e, vendo que não conseguiriam, afastaram-se rindo e xingando.

- Pena que não podemos levá-los para um tratamento - suspira Maria.

- Os trabalhadores do Bem não estão para socorrerem a todos, mas sim aos que pedem e aos que querem - expressa Mateus.

- Sinto por eles, pois vagam vampirizando encarnados viciados e induzem outros a se drogarem. Enganam a si mesmos, dizendo que estão bem, e se iludem com alegria falsa, através dessa brincadeira - diz Maria.

Entramos. Luciano, por não ter sido atendido, deitou-se e adormeceu logo. Fizemos com que se desligasse do corpo físico, e Maria tentou alguma conversa, porém ele não deu lhe atenção e, minutos depois, voltou irritado ao corpo.

Despedimo-nos do Sr. Wálter e retornamos a nossos afazeres.

No outro dia à tardinha, reunimo-nos novamente e fomos ver Luciano. Chegara em casa cansado, saturado de fluidos negativos, com dor de cabeça, por ter se concentrado demais. Participa de três reuniões, onde o copo andara, respondendo a todas as indagações que fez.

Deitou-se e ficou a pensar:

"Acho que vou experimentar drogas. Deve ser um barato só.

Ajudará a suportar esta vida chata que levo."

Tentamos novamente intuí-lo, mas Luciano repeliu todos os bons pensamentos e apelos nossos. Saímos e Joaquim disse:

- Só se ficássemos vinte e quatro horas por dia com Luciano para ajudá-lo, assim mesmo, só impediríamos que os desencarnados se comunicassem, mas não de ele invocá-los. Temos, entretanto, nossos afazeres e aqui nem fomos chamados.

- É verdade - disse Maria -, há muito o que fazer, tanto entre encarnados como desencarnados, pois os trabalhadores são poucos.

A maioria quer ser servida, sem pensar em servir, desejando encontrar e usufruir o que

está feito, mas nunca fazer. Poucos pensam em ser úteis e, muito menos, servos, como nos pediu Jesus.

Na grande Seara do Pai, há muito o que fazer. Não podemos ficar com Luciano e, mesmo porque nesta oportunidade, não temos como ajudá-lo, já que nem quer nossa presença...

- É verdade - disse -, somos nós os intrusos. Lael tem razão em dizer, porque são eles os chamados. Não devemos interferir, desrespeitando o livre-arbítrio de Luciano, que no momento quer a eles e não a nós.

Mateus concluiu, sério:

- Experimentará drogas e fatalmente se tornará um viciado, influenciado pelos desencarnados que ele mesmo chamou.

Deixamos pesarosos a residência do jovem, entendendo, porém, que ali nada poderíamos fazer. Mesmo se levássemos todo o grupo de desencarnados e afastássemos dele os jovens viciados, ele novamente invocaria, e outros viriam. E também, que fazer com uma turma de arruaceiros que não quer mudar a forma de viver?

Como levá-los para um lugar em que haja ordem, como as Colônias e os Postos de Socorro?

Fomos pesquisar outro caso.

Fomos até a casa de Renata, jovem de dezesseis anos, que se mostrava apavorada. Tentava orar, ou então clamava por socorro. Entramos.

Estava na sala, sentada no sofá, sentindo-se fraca, entretanto notamos que começava a debilitar-se. Confundia as orações, pois iniciava recitando a Ave-Maria e acabava no Pai-Nosso. A causa dessa confusão era um desencarnado que estava sentado na frente dela, impaciente com as orações.

Joaquim aproximou-se da jovem, ficando entre ela e o desencarnado, e Renata sentiu-se aliviada por causa dos fluidos bons dele.

- Que ocorre com você, menina? - indaga carinhosamente Joaquim. Renata sentiu a pergunta

do Espírito e, parando de orar, pensa no que lhe acontece.

- Por Deus! Não sei o que está havendo. Desde que participei da brincadeira do copo, na casa de minha prima, na cidade vizinha, encontro-me assim, triste, infeliz, irritada e perseguida. Não durmo mais direito, não tenho sossego para me alimentar, sinto vontade de tomar bebida alcoólica, que detesto. E o pior, é que parece que odeio meu namorado, mas sei que o amo muito! Sinto vontade de xingá-lo. Não sei o que faço...

Com nossa presença, Renata pôde orar e sentir-se mais calma.

Observamos o desencarnado. Mateus lê o seu mental e nos informa:

- Chama-se Alen, desencarnou com 26 anos, já há um bom tempo, é de nacionalidade alemã e teve seu corpo morto em um acidente de avião. Não é mau, mas aventureiro; é poliglota e fala o português, estando há meses no Brasil. Adora viajar e o faz de avião. Sabe que seu corpo morreu, porém isso lhe é indiferente.

Observei Alen, tinha cabelos castanhos, olhos verde-escuros, barba rala, magro, alto, vestia simplesmente calça e camisa de cor cáqui. Olhava Renata com adoração. Não nos viu, porque estava muito ligado à matéria, e só pelo que fosse material se interessava.

- Que faz aqui? - indaga-lhe Mateus.

Ele responde como se a pergunta viesse de si mesmo, como se estivesse pensando.

- Amo-a. É incrível, tantas mulheres conheci e fui apaixonar-me por essa encarnada, com quem nenhuma ligação no passado tive. Encontrei-me com ela pela primeira vez, há pouco, é tão linda.

Amo-a...

Mateus insiste:

- Você está desencarnado e ela está encarnada!

- Que importa isso? Perto dela ficarei, e será só minha. Afastarei quem dela se aproximar, principalmente o namorado, aquele que chato, e logo conseguirei que terminem esse relacionamento bobo.

por ,já fiz com que ele caísse da moto, que belo tombo. Aquela máquina tem equilíbrio frágil e, por isso, foi um trabalho fácil; não será muito difícil fazê-lo cair novamente.

- Ela não o quer... - fala-lhe Mateus.

- Renata aprenderá a amar-me. E só tenho este problema, pois ela tem medo de mim. Vou deitar ao seu lado, ela sente e não quer, indo então dormir com a mãe. Aí não vou. Como ficar junto com a sogra? Amo-a tanto, mas ela não entende. Sempre quis uma mulher assim: jovem, bonita, honesta e pura. Ela nunca se casará, não deixarei, porque não quero que ninguém a namore, tenho ciúme e, quando terminar esse namoro, tudo estará resolvido. Quero conservá-la assim, jovem e bonita.

- Como o fará? Ela envelhecerá - continua Mateus, enquanto Alen, pensa, levando-nos a conhecer suas idéias:

- Certo, ela envelhecerá, porque está encarnada, porém vai demorar para acontecer. Terei que amá-la assim, porque não posso tirá-la do corpo. Como faria para que desencarnasse? E se isso acontecesse, iria querer ficar comigo? E ninguém desencarna antes da hora, só se for através do suicídio. Renata suicidar? Não, não seria possível, não poderia induzi-la, porque ela ora e crê em Deus. Também, se conseguir matar-se, vai perturbar-se e sofrer muito, e não quero isso, amo-a!

- Você já lhe perguntou se quer o tipo de vida que está querendo para ela?

Com a nova pergunta de Mateus, Alen inquieta-se, levanta-se e fala:

- Amo-a e pronto, se me quer ou não, é outro problema, e problema dela, não meu. Ainda bem que a encontrei entre os jovens que brincavam

com o copo. Renata é minha e aprenderá a amar-me. Vou sair um pouco, estou pensando besteiras.

Ele saiu e Renata suspira aliviada, levanta-se e vai ao encontro da mãe. E então Maria, nossa companheira de trabalho, fala-nos admirada:

- Imaginem, um desencarnado apaixonar-se por uma encarnada! Poderemos ajudá-la?

- Sim, vamos fazê-lo - disse -, aproveitemos que Alen ausentou-se, para intuía-la a pedir orientação e auxílio.

Renata foi para a cozinha, onde sua mãe lavava a louça.

- Mamãe - disse ela -, tenho que dar um jeito neste meu medo e nervoso. Sinto muita vontade de brigar com meu namorado. O coitado caiu da moto e nem tenho vontade de ir vê-lo. Apavoro-me quando vou dormir, pois sinto que tem alguém na minha cama!

- É bom dar um jeito mesmo, porque seu pai não está achando bom que durma na cama dele...

A senhora calou-se por momentos e Mateus chegou perto dela, transmitindo-lhe uma intuição, que ela recebeu como um pensamento seu: sentiu que a filha teria que pedir ajuda a quem entendesse desse assunto. Lembrando-se, então, de uma pessoa, alegrou-se e disse à filha:

- Você não tem uma amiga, cujos pais são espíritas e dão passes? Isso que se passa com você, pode ser algo que desconhecemos e eles talvez possam ajudá-la.

- É mesmo, mamãe, Leslie é tão boa e delicada! Vou telefonar-lhe e perguntar se seus pais podem ajudar-me.

Saiu da cozinha, pensando em telefonar mais tarde, mas Joaquim insiste com ela:

- Telefone agora! Agora!

Quanto mais cedo recebesse ajuda, seria melhor. Renata atendeu à sugestão, discou, conversou com a amiga e, contando parte do que lhe



ocorria, foi convidada a ir lá, que estaria sendo esperada.

Com nossa motivação, Renata comunicou-se com a mãe e saiu.

Acompanhamo-la.

Alen estava na esquina e, ao vê-la, correu, ficando perto dela.

- Vai sair? Vou junto, beleza!

Joaquim ficou entre eles e, por isso, Alen não conseguiu saber onde ela ia e nem Renata recebeu influências dele. Ela andou rápido e logo chegou à casa da amiga, que a fez entrar.

Foi acolhida por Conceição e Próbio, que a convidaram a se sentar. Diante do olhar carinhoso da dona da casa, Renata começou a chorar e contou o que lhe acontecia.

Alen entrou também e, estranhando, quis sair, mas Lúcio, um dos protetores do casal, segurou-o:

- Fique conosco, senhor - disse-lhe Lúcio -, nada lhe faremos de mal...

Magnetizado, Alen ficou imóvel ao lado de Renata, sem conseguir influenciá-la. Teve que escutar os conselhos que Conceição dava à mocinha:

- Renata, essa brincadeira do copo é um fenômeno mediúnico, em que invocam, chamam os desencarnados para responderem perguntas. Embora mortos do corpo, são mortos bem vivos. Nesse divertimento de que você participou, um dos Espíritos presentes passou a acompanhá-la.

- Um morto acompanhando-me, D. Conceição? Na verdade, bem que sinto isso. Será que os senhores podem livrar-me dele? Tenho medo e não quero um morto me acompanhando! Por favor, prometo nunca mais participar e nem ver essa brincadeira maldita!

- Peça a Deus, peça com humildade e confiança - disse-lhe Próbio. - Peça a Deus por ele também, para que receba a ajuda que necessita.

- Sim, Sr. Próbio, vou orar, porque nada quero de mal a ele, pois nem sei quem é, e nem

quero saber. Espero que seja feliz, mas longe de mim. Por Deus, peço-lhes, tirem-no de perto de mim!

- Como sabe que é "ele"? - sorri Conceição.

- Sinto, somente. Acho que não sei...

Conceição o vê, pede a todos que orem e Lúcio, com passes, faz Alen adormecer. Próbio e a esposa levantam-se e dão um passe em Renata, desligando Alen dela. Então, Lúcio pega Alen, como se fosse uma criancinha, e o leva para o Centro Espírita.

Renata começa a se sentir bem melhor, aliviada, com os fluidos nocivos dispersados por passes benéficos. E ora com fé.

- Pronto - disse Conceição -, ficará melhor.

- Agradeço aos senhores, e também à Leslie. Começo a achar que o Espiritismo é algo moderno e não coisa "careta". Sinto-me tão bem! Foi como se os senhores tirassem de mim um peso e dos bem pesados.

- Verá como é maravilhoso compreender a Justiça de Deus - fala-lhe Próbio.

Renata agradeceu e voltou tranqüila para casa, já pensando em arrumar-se e visitar o namorado.

Lúcio regressou, cumprimentou-nos sorrindo, pois já nos conhecíamos da Feira do Livro Espírita, e explicou-nos:

- Levei Alen para o Centro Espírita, onde o casal amigo e eu freqüentamos. Ficarão dormindo e, na próxima reunião, receberá orientação através da incorporação. Será levado, depois, para seu país de origem e deixaremos que lá receba o aprendizado necessário e, por isso, não voltará mais a incomodar a jovem.

- Graças a Deus! - falamos aliviados.

Renata pediu ajuda em lugar certo e a recebeu. Quando suplicamos com fé, recebemos sempre o melhor, o que nos convém no momento.

Dali, fomos visitar outro local, onde estava sendo realizada outra "brincadeira do copo".

Quatro garotas faziam a invocação e uma outra observava, fazendo orações, pois estava com medo. O desencarnado que respondia, não gostou nem um pouco de sua vibração, porque a oração o incomodava. Pediu, então, que se retirasse, ordenando:

"Marisa deve sair, ela atrapalha!"

A jovem levantou-se e disse:

- Vou mesmo e vocês também deveriam parar com isso!

O desencarnado pôs-se a rir alto e a mocinha retirou-se. As outras continuaram e uma delas indagou:

- Vovó Cida? Agora pode responder-me?

"Claro, querida" - formou a frase letra por letra.

Maria exclama:

- Veja, Antônio Carlos, ele se passa pela avó da menina!

- Quem mente, informa errado até sua individualidade - fala Mateus. - Este desencarnado parece-me mal-intencionado. Vamos ouvir o que ele responde às garotas.

As jovens estavam na casa de Cláudia, e a que indagava, permanecia num quartinho de fundo. As outras mocinhas eram suas amigas. O desencarnado fala para si mesmo, cuspiendo de lado e com raiva:

"Ser convidado a ditar a essas desmioladas no quarto do fundo... humilhação! Odeio os ricos! Vou colocar mais lenha na fogueira da discórdia, vou levá-los a odiarem-se e a brigarem."

Cláudia perguntou, novamente:

- Meus pais me amam?

Gargalhando, o desencarnado vai formando a frase:

"Sinto dizer-lhe, neta querida, que eles amam só a si mesmos.

Ninguém liga para você aqui, somente eu."

Maria fala-nos, indignada:

- Vê o que esse desencarnado está incutindo na mente delas?

Que maldade!

Ali ficaram por mais de meia hora, indagando curiosidades. E o desencarnado respondia o que lhe convinha, procurando sempre intrigar um contra outro.

Dando-se por satisfeitas, encerraram a brincadeira e saíram conversando e trocando idéias sobre as respostas. O desencarnado foi sentar-se, cansado. Sua perna direita estava inchada e toda cheia de feridas. Joaquim aproximou-se dele e inquiriu:

- Que faz aqui?

Ele não nos via, mas sentiu a pergunta como se lhe surgisse na mente e pôs-se a pensar:

"Vagava por aí, há tempo. Perambulo de um lado pra outro, pois sempre fiz isto, desde encarnado. Estava passando na rua, em frente a esta casa, quando escutei chamarem por alguém para responder à "brincadeira do copo". Vim e atendi, fazendo-lhes este favor e, quando perguntaram quem eu era, pensei no que responder. Não ia dizer a essas finezas de senhoritas que era Pedro, só Pedro, porque nem sobrenome tenho; respondi, então, que era a avó...

"Avó? Que avó?" - indagou Cláudia. - "Vó Cida"?

- Bem, elas mesmas acharam o nome e passei a ser "Vó Cida".

Esta casa é chique e bonita; são ricos, metidos e possuem tudo o que sempre quis ter. Eles têm demais e aqui fiquei para atormentá-los, porque merecem. São ricos... odeio os ricos!

- Por que atormentá-los, se nada lhe fizeram? - indaga novamente Joaquim.

- Nada me fizeram? Se eles pudessem me ver, já teriam me expulsado. Se eu fosse encarnado, já teriam chamado a polícia. Só porque são ricos, merecem que fique aqui e os importune.

- Deve ir embora - insiste Joaquim.

- Não! Estou bem, pois é a primeira vez que estou num lugar onde fui chamado e bem recebido; e ninguém pediu para eu ir embora. Porém sou orgulhoso, quando me tocam, saio.

Escutamos vozes de dentro da casa: eram os encarnados discutindo.

Pedro levantou-se, gargalhando, foi para o local da discussão e nós o acompanhamos. O casal chegava da rua, eram os donos da casa e discutiam com Cláudia e esta reclamava, chorosa:

- Vocês não me amam, não me querem, sou sozinha no mundo!

Quero morrer!

Por um bom tempo discutiram, sem motivos aparentes, entretanto atendiam Pedro que, na discussão, pulava com uma perna só, de um lado para outro, com raiva, querendo mesmo é que se odiassem.

Quando a discussão terminou, Pedro sentou-se cansado, com a perna doendo terrivelmente. Colocava a culpa de sua dor em outras pessoas que, no momento, eram os proprietários da casa em que estava. Dizia, raivoso:

- Se tivesse sido rico, não havia ficado com a perna deste jeito, porque teria dinheiro para cuidar-me; por isso tenho que descontar em alguém esta dor! E estas são as pessoas ideais: ricos e com saúde. E a idiota da mocinha trata-me bem, pois acredita que seja a avó dela. Ainda bem que essa avó não está por aqui.

Joaquim tornou-se visível a ele. Pedro examinou-o com indiferença, mas o socorrista falou-lhe de maneira agradável:

- Dói-lhe a perna? Quer curar-se? Se vier comigo, posso ajudar.

- Minha perna dói muito e quero muito sarar. Mas onde devo ir com você? Logo agora que tenho um lugar para ficar, você convida-me para ir não sei aonde? Agora tenho um lar!

- Este lar não lhe pertence e, se continuar a atacá-los, logo esta casa não será mais lar de ninguém. Por que faz isso?

- Cobra meus atos?

- Não, só queria que soubesse que há outras formas de viver e em bons lugares, sem ser intruso em lares alheios.

- É capaz de curar-me?

- Sim, venha comigo.

- Vou, mas é bom que saiba que sou livre e só fico lá se quiser.

- Claro!

Joaquim deu-lhe a mão e volitaram. Mateus, Maria e eu limpamos o ambiente da casa e demos passes nos moradores. Maria conversou mentalmente com Cláudia, aconselhando-a a não brincar mais com o copo e a orar com mais freqüência.

Logo depois, Joaquim reuniu-se a nós novamente:

- Levei Pedro ao Centro onde trabalho, deixando-o aos cuidados de amigos, que curarão sua perna aos poucos, para que fique conosco mais tempo. Tenho esperança de que, em nossa companhia, ao ver nosso trabalho e sentir nossa alegria em servir ao Bem, goste e mude de vida.

- Poderá voltar aqui? - indaga Maria.

- Sim, mas esperamos que não - responde Joaquim. - Se voltar a vagar, sua perna enfermará novamente. Se os jovens o chamarem, será tentado a voltar e, nesse caso, dependerá dele. E, se insistirem com essa brincadeira, mesmo que Pedro não volte, outro ou outros poderão atendê-los e, talvez, não tenham o auxílio que tiveram agora. Aí, talvez, comece uma obsessão que poderá trazer graves conseqüências a todos.

- É chegada a hora de nos despedirmos - suspira Maria -, porque a Feira do Livro Espírita terminou. A equipe que participa dos trabalhos da Feira, vai partir e devemos retornar às nossas tarefas.

Abraçamo-nos, felizes.

A Feira do Livro Espírita é uma bênção para a cidade que a organiza.

Muitos livros bons vendidos, muitas pessoas orientadas, amizades fortalecidas e muitas ajudas realizadas.

Recordei-me de uma história ocorrida há tempo, que, na série de acontecimentos desastrosos, se iniciara com uma diversão, a de invocar Espíritos por brincadeira.

Fui visitar o Departamento de Socorro da Colônia onde resido, com a finalidade de conhecer e aprender a ser útil com sabedoria.

Carlos, um velho amigo, recebeu-me:

- Antônio Carlos, é um prazer tê-lo conosco! Venha conhecer nossas equipes de trabalho.

Sempre me encantei com aquele Departamento, instalado num edifício lindo, aconchegante e grande, com inúmeras salas, onde trabalham muitos benfeitores. Não conseguia esconder minha alegria.

Primeiramente, visitamos a ala onde se recebem pedidos de desencarnados que vagam pelos Umbrais, na Crosta e nas furnas.

São quase sempre clamores desesperados de socorro. Mas, também, há muitos desencarnados que pedem por seus entes queridos encarnados ou desencarnados, e os pedidos chegam telepaticamente.

Desta ala, saem as orientações para as equipes de socorro a desencarnados. E os pedidos serão atendidos, ou não, conforme a necessidade real dos solicitantes, tendo em vista sempre o melhor para eles.

Logo passamos à ala onde chegam pedidos de socorro, de ajuda, feitos por encarnados. O local é grande e os pedidos são separados por seções. Íamos entrar na primeira sala, quando encontramos duas senhoras, que, ao cumprimentarem alegremente

meu cicerone, foram-me apresentadas:

- Aqui estão duas amigas, que estão a nos visitar também. A Sra. Antonina, que prefere ser chamada de Toninha, e Leila.

Continuamos, agora, nós quatro, a observar tudo. O movimento era bem maior neste setor.

- Nessas alas, são analisados os pedidos que nos chegam - esclarece Carlos.

Eram três salas grandes, onde trabalhavam muitas pessoas.

Numa delas, a maior, o número de pedidos excedia ao das outras.

- São pedidos feitos a Maria, mãe de Jesus - explica-nos ele. - Nesta outra sala, anotam-se pedidos feitos a Deus e a Jesus e, naquela, aos Espíritos com nomes de santos, e a pessoas desencarnadas.

- A ala da mãe de Jesus é maior e, nela, há mais pedidos do que a Deus e a Jesus? - indaga, indignada, Leila.

Carlos sorri e elucida:

- São muitos os necessitados que recorrem a ela, Maria, mãe de Jesus. Isso talvez aconteça por causa do culto católico, ou porque é mulher, mãe. Muitas pessoas julgam Deus muito distante, incomunicável e poderoso. Mas também o temem, julgando-o vingativo, capaz de punir seus filhos por leves pecados. Não entendem ainda que Deus não castiga, mas que somos, isso sim, donos de nossos atos e que as ações más levam-nos a sofrer sua reação. Longe estão de sentir em Deus o Pai amoroso e justo, que esta dentro de nós. Pensam outros que, pedindo a Maria, Jesus não irá negar um pedido feito à sua mãe e, por isso, preferem pedir a ela e não ao próprio Jesus.

Uma equipe médica, composta de seis membros, passou por nós. Carlos desejou-lhes êxito, voltou-se para nós e explicou:

- São médicos e enfermeiros que irão à Terra atender a dois pedidos: um deles, feito à Nossa Senhora do Carmo, por uma senhora que sofre de atrozes dores reumáticas, e eles têm ordem para



amenizar suas dores; o outro foi dirigido a São Sebastião, também por outra senhora, mãe de um garoto de seis anos, que passará por uma cirurgia abdominal de grave risco. Os da equipe auxiliarão os médicos encarnados e tudo farão para a recuperação da saúde do menino.

- Como chegam os pedidos? - indaga Toninha, curiosa, diante de tantas solicitações que estavam na mesa e seriam estudadas.

- De muitas formas. Nos locais comunitários, dedicados a todos os cultos do Bem, existem trabalhadores que atendem a pedidos comuns, de ajuda simples. As súplicas que necessitam de análise mais profunda, são anotadas e enviadas a nós. As solicitações feitas em ambientes privados, a exemplo dos lares, são recebidas telepaticamente por estes trabalhadores que estão sentados em frente às mesas, para anotação.

- Todos os pedidos são anotados? - indaga Leila.

- Os que são feitos com fé, por quem clama por auxílio com confiança, vindos de onde quer que seja, chegam com certeza ao Departamento. Quando pedem socorro, em caso de perigo, se o auxílio precisar ser urgente, qualquer trabalhador do Bem que esteja por perto, prestará ajuda, atendendo o caso, se for possível. Os trabalhadores do Bem estão em toda parte e, para eles, não importa atender em nome de Maria, dos Santos ou de outros desencarnados.

E ainda, amiga Leila, nossos irmãos inferiores também estão pela Terra e eles, ao contrário, afastam-se quase sempre dos chamamentos do Bem, porém se aproximam, quando ouvem blasfêmias, pragas e palavras obscenas. Se os bons tentam ajudar, os maus tudo fazem para agravar as situações, deliciando-se com as discórdias, provocando brigas e incentivando o anedotário baixo. Entram em sintonia com os bons ou com os maus, conforme sua vibração. Mas os pedidos de ajuda são quase sempre dirigidos aos bons e, se forem feitos com a força da fé, recebem atendi-

mento. Acredito que a maioria das solicitações de encarnados são atendidas.

- E pedem muitas coisas? - quis saber Toninha.

- Oh! sim, recebemos pedidos para tudo, desde a cura de uma pequena dor, até de uma doença grave. Também para encontrar objetos ou comprar coisas; de pais que querem filhos; e de filhos abandonados, que querem pais. Recebemos realmente muitos.

Vejam vocês estes aqui.

Carlos mostrou-nos uma pilha grande de pedidos: todos de adolescentes, para as mais diversas Entidades, com o objetivo de serem ajudados nos exames do colégio.

- E são atendidos? - indaga, sorrindo, Leila.

- Acho que terão de estudar mesmo! - sorri também Carlos, - Porém algumas solicitações nos chegam com tanta fé, que nos impele a enviar fluidos benéficos ao solicitante, sendo que em alguns casos, os membros de nossa equipe de socorro vão até eles e lhes dão passes, para que se acalmem e possam fazer o exame bem dispostos.

- Promessas? Que seção grande! Por que tem este nome? - indaga Leila.

- A maioria dos pedidos vêm, juntamente com promessas. Na Terra, os encarnados estão acostumados a comprar tudo, ou quase tudo, até favores. Por ignorância, agem assim também com as raças. Vejam, amigos, este pedido aqui: uma senhora pede a cura de seu filho a São Jorge e, se atendida, acenderá uma vela de seu tamanho para o santo. Aqui chegam, todos os dias, várias promessas, algumas difíceis de serem feitas, sendo que muitas não beneficiam ninguém. Em outras, há a intenção de ajudar o próximo, como as que prometem fazer a caridade material. Porém são raras as que nos chegam como pagamento do benefício de melhora íntima do paciente.

- Aqui, não costumamos observar se cumprem, ou não, as promessas.

Somos felizes por trabalhar e tentamos ser servos úteis, fazendo todo o possível para realizar nossas tarefas, porém os resultados a Deus pertencem. Fazer o Bem condiciona-nos para a bondade, e é maravilhoso ser bom! O que recebemos e nos deixam contentes são os agradecimentos, os quais recebemos em número bem menor que os pedidos. Vejam este: é simples e sincero, vem de uma senhora que manifesta gratidão comovida Nossa Senhora do Rosário, pela graça recebida.

- Carlos, seria prejudicial à pessoa que faz uma promessa, receber a graça e não cumpri-la? - indaga Leila.

-A maioria que faz a promessa, mas não a cumpre, geralmente contrai uma dívida. Nesse caso, os trabalhadores do Bem não são credores, pois a nós ninguém deve. Todavia, temos visto muitos encarnados ansiosos por pagarem promessas e desencarnados sofrerem com o pensamento fixo na promessa não cumprida. Mas, se não somos os credores, outros podem consideram-se como tais.

Conhecemos casos, em que as promessas feitas às almas do purgatório, ou melhor aos Espíritos que vagam, promessas que alguém faz ou que outros fazem em nome desse alguém, e elas costumam ser cobradas por esses Espíritos, que exigem o seu cumprimento.

Há também os pedidos feitos diretamente a Espíritos, como acontece em certos Terreiros; depois que os atendem, exigem que cumpram as promessas. Quando a Terra estiver mais adiantada, em progresso, as promessas irão desaparecer. E, para as graças recebidas, haverá o sincero agradecimento ao Pai Misericordioso.

- São muitos os pedidos atendidos? - perguntei.

- A porcentagem não é grande, porque muitos são considerados impossíveis. A maioria deles é

vinculada às coisas materiais, e são em número pequeno os formulados para a melhora verdadeira, a

espiritual. Em quantidade grande existem os pedidos para tornar-se rico. Muitos até mencionam, junto aos pedidos, que irão fazer expressivas ajudas aos semelhantes, com a riqueza. Entendemos que a caridade material é o calor da fraternidade, porém existem muitas formas de fazê-la, sem ser através do dinheiro. Nenhuma dessas pessoas que pedem, se comportam assim, e se esquecem da caridade do consolo, da boa orientação, de ser paciente, de visitar pessoas solitárias e enfermas. Não admiraria se uma dessas pessoas atendidas esquecesse a promessa, logo após ficar rico, ou fizesse a caridade a si própria em primeiro lugar. Vejam vocês, amigos, estes outros pedidos: uns querem que chova, e outros, que faça sol em determinados dias; certamente, não é nossa tarefa intervir nos fenômenos naturais, para o prazer das pessoas. Estes outros pedidos são para a vitória de equipes esportivas e para o time preferido ser campeão. Há muitas solicitações para encontrar objetos perdidos, ou de moças que querem se casar. Esta outra solicitação é de um homem que, infelizmente, pede a Santo Antônio, com desejo de ficar viúvo. Por isso, caros amigos, todas as súplicas que nos chegam, feitas efetivamente com fé e perseverança são analisadas, separadas e nossas equipes vão e fazem as visitas devidas.

Se dirigidas para o Bem e viáveis, são atendidas prontamente.

- Para o Bem? - estranha Toninha.

- Sim - esclarece Carlos bondosamente. - Se for para o Bem do solicitante ou para quem ele pede. Veja estes, como exemplos:

A mãe pede a cura do filho paralítico; analisado o caso, a mãe quer a cura do filho, mas ele, não; o jovem não quer sarar, porque seu Espírito quer passar por essa prova escolhida

antes de reencarnar. Este outro, feito por um homem, dirigido à Virgem Maria, pedindo a cura para sua dor de estômago; analisado, tem ele essas dores por fumar demais, porém ele quer sarar sem deixar o vício; se o atendermos, atolará mais no vício piorando sua situação futura. Observe este, é de um moço de 23 anos de idade, que pede diretamente a nós, trabalhadores do Bem, para que o ajudemos a encontrar determinado trabalho, onde trabalhasse pouco, mas ganhasse muito; isso seria nocivo a ele, porque nesse emprego alimentaria a luxúria e a preguiça, já tão fortes em seu espírito.

Temos aqui também pedido dos pais de um garoto de dois anos, que foi raptado. Analisado o caso, foi o casal unido, para um aprendizado através da dor, para cumprir um resgate do passado. Foram eles, noutra existência, feitores que castigavam escravos, vendendo-lhes os filhos, separando-os dos pais. O garotinho está em outro país e dificilmente o terão de volta. As dores deles são ecos daquilo que semearam.

- Por isso é que os pedidos devem ser analisados? - interroga Toninha, concluindo.

- Sim, porque todo o bem deve ser realizado com sabedoria e do melhor modo possível. Muitos casos, porém, dos que estudamos, eram simples de serem atendidos. A exemplo deste, em que uma senhora pede que a filhinha de três anos pare de cair. Verificamos que a menina possuía um problema na visão e intuímos a mãe, para que a levasse ao oftalmologista; agora, com óculos, ela não se machuca mais.

- Noto, Carlos, que as mulheres é que fazem mais pedidos - fala Leila.

- É verdade, a mulher é mais sensível, mais do que o homem, pois a maioria delas está sempre a cuidar, a ajudar. Quase sempre ela é mais humilde e, por isso, pede mais, ora mais.

- Vocês recebem também pedidos para o encaminhamento de alguém recém-desencarnado? - quis saber.

- Vários são os pedidos que recebemos nesse sentido. Alguns deles podemos atender, porém outros infelizmente não, pois seria como dar um copo de água para alguém que não quer tomá-lo.

Pedem socorro para quem não está querendo ser socorrido.

Tendo que se ausentar por momentos, Carlos deixou-nos à vontade, aconselhando mesmo que observássemos os trabalhadores e analisássemos a tarefa junto deles.

Andei por entre as mesas, observando tudo e, numa delas, estava escrito: "Pedidos que não podem ser atendidos". Parei. Num canto, estavam dois pedidos unidos, examinei-os: um deles era de um homem que se dirigia ao Espírito André Luiz, para que a esposa se convertesse à Doutrina Espírita. O outro era da esposa à Nossa Senhora Aparecida, pedindo para que o esposo se tornasse católico.

Os resultados da análise foram: ambos não seriam atendidos, pois nenhum deles tinha a real compreensão de religião, para aceitar a doutrina do outro. Foram intuídos para se amarem e se respeitarem e aceitarem Deus, como Pai de todos, que não separa os filhos por suas crenças.

Outro pedido que me chamou a atenção, foi o de uma esposa suplicando a cura do marido. Analisado, constatou-se uma obsessão, em que o desencarnado e o encarnado foram e continuavam sendo inimigos ferozes; indicou-se a intuição aos familiares encarnados do doente, para procurarem ajuda em Centros Espíritas. Mas não aceitaram a sugestão, por não acreditarem no Espiritismo.

Novamente foram ajudados, no sentido de perdoarem, também não aceitaram, porque para os encarnados o sofrimento era injusto e quem o causara, indigno de perdão.

Em seguida, estava uma promessa a Nossa Senhora de Lourdes, feita por um pai, que pedia uma graça para evitar que o filho de vinte e

seis anos se casasse, porque julgava má a moça; analisado o caso, concluiu-se que os dois estavam ligados por outras encarnações e deveriam unir-se nesta, para reajuste. Esse pai recebeu somente o consolo, pedindo-lhe que aceitasse a nora como filha e ajudasse o casal, com bons conselhos.

- Senhores, por favor! - volta Carlos, dirigindo-se a nós. - Estamos analisando um caso deveras interessante, convido-os a participar. Aceitam? Acompanhem-me.

Seguimos nosso instrutor, agradecidos.

Seguimos Carlos até uma saleta agradável, onde o esperavam os membros de uma equipe de socorro. Apresentou-nos, eram Cibeli, Fabiano e Mauro.

- Amigos - disse Carlos -, estamos reunidos para atender um pedido incomum. O pedido veio diretamente a nós, ou quase - Marta pede aos bons Espíritos ou aos "santos de Deus" que atendam. Clama por socorro para uma sobrinha, que vive nos arredores de pequena cidade, não longe da metrópole em que a reside. O pedido é para que socorramos Nely, não específica em que. Fabiano e Mauro foram até a menina e verificaram que ela realmente necessita de ajuda. Por favor, Fabiano, conte-nos o que viu.

Fabiano é o que aparenta ser o mais jovem da equipe. Muito bonito, loiro de olhos azuis, traços firmes e bem pronunciados, fez a narração em seguida:

- Marta não se encontra com a sobrinha Nely, no momento. A menina é órfã e mora numa chácara com três empregados. Está debilitada fisicamente, além de estranhamente, e ainda uma pequena mas perigosa falange de Espíritos, a obseda.

- Vamos ajudá-la - completa Carlos. - Para isso, convido vocês Toninha, Leila e Antônio Carlos, a acompanhar-nos. Esqueceremos o que de fato acontece e tudo faremos para ajudar a menina Neli Aceitam o convite?

- Sim! - respondemos os três juntos - com prazer!

- Dentro de uma hora partiremos, por isso estejam na sala de recepção, de onde sairemos.

Continuamos ainda por algum tempo no departamento, e visitamos o belíssimo jardim que o circundava, enquanto estávamos ansiosos por conhecer os fatos que induziam uma falange de Espíritos inferiores a obsedar uma menina.

Na hora marcada, reunimo-nos os sete na recepção e partimos em seguida, volitando, em direção à guerra.

Nos arredores de pequena cidade, descemos nos jardins de uma chácara.

A propriedade não tinha grande dimensão e estava descuidada, com aparência mesmo de abandono. A estreita estrada que levava à propriedade era de terra e, na parte da chácara que dava para a estrada, havia muros altos, com um portão de ferro na entrada.

A casa estava no meio de um jardim, onde outrora havia flores, mas no momento só se viam muitas ervas daninhas e pequenos arbustos. Porém chamava mais a atenção o seu paisagismo, com os canteiros tortos, formando estranhas figuras geométricas e, nos canteiros maiores, estatuetas de gesso, de anões e duendes, constituindo figuras feias, já gastas e sujas, que completavam a estranha decoração do jardim. Não era à toa que conheciam a propriedade como a Chácara do Jardim torto.

- Ninguém deve cuidar deste jardim, que pena! - disse Leila.

A casa, um sobrado, era grande e com muitos cômodos. Pareceu-nos conservada, embora notasse que Fora pintada.

Atrás da casa, uma pequena horta de verduras e uma plantação descuidada de milho, crescendo junto com o mato. Havia também um grande galinheiro, com muitas aves e logo observamos que a maioria era de cor negra. Um chiqueiro com al-



guns porcos e um pequeno curral com poucos cabritos.

Nesse instante, ouvimos um barulho de carro. Aproximamo-nos e vimos no volante um homem de aproximadamente trinta e cinco anos, de aspecto desagradável, e pudemos notar que era viciado em bebida alcoólica. Cinco desencarnados, com o mesmo aspecto do motorista, estavam no carro. Saindo da casa, em correria, entra no carro uma menina.

- Esta é Nely - mostra-nos Fabiano.

- Não parece ter doze anos! - exclama Toninha.

Nely era pequena para sua idade. De complexão magra, cabelos castanhos avermelhados, crespos, bem curtos, trajava uniforme de escola. Depois de entrar no carro, partiram. Senhor arriou o portão, fechando-o logo que ele passou.

- Este senhor é João - elucida-nos Mauro. - São três os empregados da casa. João, que cuida dos animais e da horta; a Sra. Germana, ou D. Gema, sua esposa, que cuida da cozinha e da limpeza da casa; e seu filho José, o motorista que vimos.

Um estranho grupo de Espíritos, conversando distraídos, saiu da casa, passou por nós, sem nos ver. Um deles falou para uma das mulheres do grupo:

- Honória, fique com Ana no jardim, deixe-a tomar sol.

- Sol? Oh! cara, pensa que ela é encarnada? - riu um outro Espírito, que se aquietou logo, por causa do olhar firme e autoritário daquele que dera a ordem.

Honória, a que recebeu a ordem, possuía fisionomia de idosa, aparentando ser a mais velha do grupo. Pegou pela mão uma mulher, que julgamos ser Ana, e sentaram-se no jardim.

Os outros três volitaram.

- Que chato! - resmungou Honória, baixinho - , fazer companhia a esta idiota, que nem sabe conversar.

Ana estava enferma e pudemos verificar que era recém-desencarnada.

Mostrava-se magra e abatida, com olhar sem expressão, pois estava perturbada.

- Deve haver um desencarnado dentro da casa, pois constatamos dez, em nossa visita anterior, porém vimos até agora só nove - disse Fabiano.

- Entremos para conhecer a casa, amigos - disse Carlos. - Vamos tentar compreender o porquê de estarem aqui reunidos tantos desencarnados trevosos.

Logo que entramos, escutamos resmungos vindos da cozinha e para lá nos dirigimos.

- Esta é D. Gema - explica-nos Mauro.

A Sra. Germana, de cabelos quase todos brancos, deveria ter quase sessenta anos e estava insatisfeita e irritada, porém não nos admiramos, pois um desencarnado do grupo vigiava-a, aborrecido.

- Pelo que vimos - elucida Mauro -, sempre fica um deles com D. Gema, a vigiá-la, impedindo-a de orar.

- E consegue impedi-la? - indaga Toninha.

Carlos responde:

- Ninguém consegue impedir a outrem de orar, mas podem, isso sim, distrair, dificultar a concentração. Observe, Toninha, que o desencarnado está irritando-a, para dificultar seu trabalho diário e tudo faz para que não tenha vontade de orar. Sabem que a oração poderá ser acompanhada com um pedido de socorro, e os desencarnados aqui não querem Espíritos bons por perto.

D. Gema limpava a cozinha e preparava o almoço. Numa bacia sobre a pia estava um grande pedaço de carne que ia utilizar. Escutamos seu resmungo:

-A menina Nely só quer comer carnes e quase cruas, mas nada de verduras e frutas, nem lei-

te. Faço arroz, feijão e carne todos os dias, no almoço e no jantar, porém a menina só come carne! Meu Deus!

D. Gema deu um suspiro e, ao pronunciar "Meu Deus!", o desencarnado deu-lhe um tremendo tapa na cabeça. Ela sentiu uma pontada de dor e exclamou:

- Ai! Que acontece? Nem esse nome posso dizer? O João acha que é impressão minha, entretanto recomenda que não o diga, porque todas as vezes que o pronuncio, dói minha cabeça.

O desencarnado, cínico, sorrindo, disse alto:

- Não é para dizer mesmo! Se repetir, repito a dose, bato mesmo, velha imbecil. Só não acabo com você porque Raquel não quer, porque é útil na cozinha!

Falou isso, ameaçando-a com a mão. Fabiano tentou protegê-la, mas Carlos o impediu:

- Logo mais, Fabiano, a ajudaremos. Devemos primeiro conhecer os fatos, estudar os acontecimentos e agir com sabedoria. Por enquanto, não devem desconfiar de nossa presença aqui. Vamos conhecer a casa toda.

Todos os cômodos eram grandes, estavam desarrumados e não muito limpos. As janelas fechadas davam a impressão que não era costume abri-las. Não havia muitos enfeites. No térreo situavam-se as salas e a cozinha e, no andar de cima, os quartos e banheiros.

Só dois quartos estavam destrancados, os outros, fechados, talvez por não serem usados. Um deles pertencia à Nely, e nele nada nos chamou a atenção. Havia um armário, com poucas roupas, a cama, uma escrivaninha com alguns livros e cadernos escolares, indicando que cursava a quinta série, e estava com notas péssimas.

O outro quarto chamou-nos a atenção:

- Parece um quarto de pintura e trabalhos manuais! - diz Leila.

- Sim, mas não de Nely. Era a saleta de trabalho de sua mãe, Noemy - explica Fabiano.

Constituía o aposento mais limpo da casa. Uma saleta que deveria ter sido local agradável outrora, onde se viam telas pintadas, a maioria de natureza morta, estando inacabada a do cavalete, e uma mesinha com pincéis e tintas. Ao lado do sofá, uma cesta de vime com agulhas, linhas e toalha para bordar.

- Nely é órfã de pai e mãe? - indaga Cibeli.

- Sim, sua mãe desencarnou há dois anos e meio, e o pai, há sete meses - esclarece Mauro.

- Seus pais estão entre os desencarnados que vimos? - indaguei.

- Não, não se encontram por aqui - responde Carlos. - Vamos, agora, descer ao porão.

A casa estava saturada de fluidos pesados, nocivos, que nos inquietavam, e mantínhamos o equilíbrio com orações e bons pensamentos.

A escada que ligava o andar térreo ao superior da casa, era larga e revestida com um tapete de cor vermelha, sujo e gasto, e possuía bonito corrimão de madeira trabalhada. Porém a escada que levava ao porão era estreita e com degraus altos. E o porão era um salão, somente.

- Que interessante! - exclama Leila.

Tinha razão, pois o lugar, se olhado por encarnados, nada tinha de especial: apenas alguns armários com poucos objetos, uma mesa grande, algumas cadeiras velhas, quadros pelo chão e utensílios velhos.

Porém, visto do plano astral, ali estava montado um grande laboratório de alquimia, com muitos tubos de líquidos, potes com ervas, objetos profanos, instrumentos de torturas e muitos livros de magia negra.

- Que objetos estranhos! - exclama Cibeli.

- São objetos de um mestre do mal, talvez pertences do chefe do bando.

- Vejam isto, amigos! - mostra-nos Toninha.

Num canto do salão, jogado no chão, um objeto físico, um quadrado de madeira fina. Em um dos lados, estava pintado, com tinta preta, o alfabeto e os numerais de zero a nove.

O estranho tablado estava impregnado de forte fluido nocivo.

Carlos concentra-se por instantes no objeto e explica-nos:

- Esses desencarnados estão aqui porque foram chamados, invocados. - Diante do nosso assombro, continuou: - Sim, invocados talvez por brincadeira ou diversão, para responderem às indagações e, para isso, usou-se o tablado. Unindo a força mental do encarnado que indaga e os fluidos dos Espíritos, consegue-se movimentar esta seta, essa aí, que está no chão, para formar palavras e frases, completando um intercâmbio entre eles, encarnados e os desencarnados.

- Quem os invocaria? Nely? - indaga Cibeli.

- Sim, a menina - responde, triste, Carlos. - Lyly não o fez por maldade, porém, quando mudou para esta casa, encontrou o tablado no porão e interessou-se, julgando ser uma brincadeira.

Agindo dessa mesma forma, em muitos lugares, há pessoas que julgam isso simples brincadeira, mas representa algo sério, levado a conseqüências trágicas muitos que dela participam. Invocam Espíritos levianamente, usando até orações ao iniciar.

Entretanto, as orações apenas nos lábios não espantam nossos irmãos inferiores, que as toleram apenas no começo dessa pretensa diversão, mas logo que adquirem confiança, mandam parar com isso.

Observando o tablado, Carlos continua:

- Este tablado tem sua história.

A família que residia antes nessa chácara era feliz. Tudo era diferente, bonito, alegre e bem cuidado. O casal tinha seis filhos, estando o mais velho com dezesseis anos, na época em que tudo começou a mudar. Foi ele que ouviu dizer, na escola, que pessoas bem dotadas mentalmente tinham força para fazer andar objetos com a ajuda dos mortos, e que eles poderiam, inclu-

sive, responder a qualquer indagação. Curioso, resolveu tentar, construindo, ele mesmo, este tablado, e pintando-o devidamente, Depois, juntamente com dois irmãos mais jovens, iniciaram a comunicação.

A família dizia ter uma determinada religião, mas não a seguia nem possuía o abençoado costume de orar. Com eles morava, há muito tempo, Narcisa, a empregada, vigiada por alguns desencarnados, que esperavam momento adequado para se vingarem dela, porque, em encarnação anterior, fora ela um feitor branco muito mau. Os sete negros que agora a rodeavam, não a tinham perdoado e acabaram por encontrá-la nas vestes de uma negra pobre, órfã e empregada de brancos.

Os meninos tiveram na tablado um brinquedo interessante.

Concentravam-se e invocavam um desencarnado. E diziam "qualquer Alma do outro mundo", "um morto", pois para eles não fazia diferença. Assim invocavam:

"Qualquer um que aqui esteja, venha atender-nos!"

Os negros observavam os meninos, curiosos, e sentiam-se invocados, e o mais inteligente deles, o líder, de nome João, passou a responder aos garotos e cognominou-se de Pai-João.

Pai-João e, conseqüentemente, os outros seis companheiros passaram a sentir-se à vontade na casa e, porque eram chamados e tratados com consideração, até simpatizavam-se com os meninos, pois para eles tudo era válido, desde que realizassem a vingança. A primeira recomendação feita aos garotos foi para esconderem dos pais a brincadeira do tablado, e eles assim o fizeram.

Léa, outra empregada, descobriu o brinquedo, e os meninos convidaram-na para participar, contanto que guardasse segredo. Tornaram-se assim quatro encarnados e sete negros, ex-

escravos revoltosos, um grupo a realizar o intercâmbio mediúnico.

Os desencarnados passaram a fazer favores aos garotos e também à Léa, contando parte de suas vidas, quando estavam encarnados, para assim ganharem a confiança deles e, aos poucos, foram fazendo os quatro odiarem Narcisa.

Pai-João falou que o pai dos meninos era amante de Narcisa, e eles acreditaram piamente, passando a tratar a empregada negra com rancor, e assim também o pai. De adolescentes dóceis, tornaram-se revoltados, sendo compreendidos somente pelo suposto amigo, Pai-João. Narcisa sentiu-se triste e magoada com o tratamento que passou a receber dos jovens, e isso fez com que seus pensamentos baixassem a vibração. Seus inimigos, então, puderam influenciá-la e começaram a obsedá-la, dando-lhe a sugestão de que deveria suicidar-se.

Faziam ao seu antigo feitor, na pessoa de Narcisa, o que ele lhes fizera. Diziam-lhe sempre:

"Deve matar-se a si mesma. Nada é pior do que ser negro! Pessoas de cor não merecem viver! Não seja covarde, suicide-se, mate-se a si mesma, negra imunda!"

Os meninos acabaram contando à mãe que o pai era amante de Narcisa, porém não contaram como souberam, e então a mãe deduziu que eles haviam visto. Por isso, o casal desentendeu-se e o lar, antes sossegado, tornou-se um caos. Todos souberam da calúnia e acusavam Narcisa, que foi expulsa da casa pela senhora.

Narcisa desesperou-se. Sentindo que ninguém acreditava nela e não tendo para onde ir, saiu correndo de casa, atravessou as plantações, entrou nas terras vizinhas onde havia um grande reservatório de água e, atendendo aos chamamentos dos desencarnados, suicidou-se.

A tragédia abalou a todos. O pai dos garotos não se conformava por ter sido difamado, e a esposa por ter sido traída. Os negócios começa-

ram a ir de mal a pior e o senhor faliu. Por isso, venderam a chácara e mudaram-se.

Os negros, após o suicídio de Narcisa, sentiram-se vingados e, vendo-a sofrer desesperada pelo ato que cometera, desinteressaram-se dela. Resolveram, assim, mudar com a família, porque se julgavam amigos dos garotos, considerando certo tudo o que fizeram.

Os meninos, porém, desiludiram-se da brincadeira com os Espíritos, ficaram chateados com a mudança e com as brigas dos pais, por isso não quiseram levar o tablado, deixando-o aqui, no porão.

A família foi morar em uma outra cidade, onde residia uma irmã da mãe dos garotos, que era espírita e médium. Logo que ela os viu, percebeu também os negros, e explicou-lhes o fato, convidando-os para ir ao Centro Espírita que freqüentava. O casal, achando que deveria mesmo ter algo que os atrapalhava, foi a uma sessão de desobsessão e os mentores da casa trouxeram os negros, orientando-os através de incorporações, e eles contaram toda a história.

O casal pasmou com a afirmação o dos filhos sobre o tablado, reconheceu o perigo a que ficaram expostos e reconciliou-se, tornaram-se espíritas. Hoje estão bem.

- Como soube disso tudo! - exclamou Cibeli.

- O dirigente espiritual desse Centro é meu amigo e já havia comentado o fato comigo. Ao ter o endereço desta chácara, achei que poderia ser a mesma, e fui confirmar com ele: realmente era.

- E Narcisa, sabe dela? - perguntou Leila.

- Foi socorrida pelos antigos obsessores, então já doutrinados, e pelos trabalhadores espirituais. Vagava desesperada perto de onde se suicidara, e atualmente recupera-se em local de socorro apropriado para os que tiram a vida física, através do suicídio.

Continuando sempre tranqüilo, Carlos, após uma pequena pausa, aduziu:



- Um agiota da região comprou a chácara para revender, porém, por causa dos comentários sobre o suicídio de Narcisa e a infelicidade do casal, as pessoas supersticiosas da redondeza não se interessaram em adquiri-la, ficando por muito tempo fechada.

- Carlos - indaga Toninha -, locais de acontecimentos trágicos podem vir a prejudicar outras pessoas, futuros moradores?

- Dependendo de muitos fatos, os locais de fluidos pesados podem prejudicar, se não forem eliminados e trocados por outros, benéficos. E também podem estar no local moradores desencarnados e, se os futuros moradores não souberem conduzi-los, orientá-los, pode se estabelecer uma obsessão. Tudo o que ocorre fica registrado no Plano Espiritual, e pode transformar-se em más influências às pessoas. Há sensitivos que conseguem ver o ocorrido, através da psicometria.

Tempos depois, o agiota colocou o anúncio de venda num jornal da Capital e convenceu Noel Leocídio, pai de Nely, a se interessar e a comprar o imóvel. Foi mais precisamente Noemy, mãe da jovem, quem quis vir para o interior, na tentativa salvar seu casamento.

Noel e Noemy não se entendiam, porque ele era mulherengo, jogador, e ela achou que no interior o marido poderia se interessar pela terra e vir a ser bom esposo. Havia também interesse que a filha crescesse numa cidade pequena. Assim, tentando recomeçar, compraram a Chácara do Jardim Torto e se mudaram.

Todos gostaram do lugar, principalmente Nely. Contrataram-se empregados e, entre eles, Léa, a moça que trabalhou com os antigos donos e participava da brincadeira do tablado.

O casal continuou a brigar e Nely vivia isolada. Por isso interessou-se pelo tablado, logo que o achou no porão e, por não saber como manuseá-lo, indagou aos empregados e Léa a ensinou.

Fez tudo como Léa falara, inclusive invocar o Pai-João. Nely não desistia, embora sem resultados. Certo dia Raquel, Espírito que vagava, passava pelas redondezas, ouviu a invocação, aproximou-se e, porque não houvesse ninguém a impedir sua entrada, resolveu por curiosidade responder a menina. Assim, amigos, uma invocação sem conhecimento do assunto, por brincadeira, deu início ao que vimos. Raquel procurava um local para trazer Ana, que estava prestes a desencarnar, porque não queria que ela ficasse no umbral, depois da morte do corpo físico. Achou aquele local ideal, com uma família sem religião, vibrando mal, e com mais um detalhe a seu favor: fora chamado e convidado por Nely a permanecer e a responder sempre a ela. Raquel, atualmente, passou a obsedar Nely, que nada faz sem seu consentimento.

- Mas agora o tablado parece-me abandonado!  
- disse Leila.

- Sim, está. No início, o obsessor e a jovem conversavam através do tablado. Sabemos, porém, que o tablado é um objeto neutro, pois são as mentes, os Espíritos, é que se comunicam, e Raquel sabe disso. No momento, comunica-se com Nely telepaticamente, e ela o vê e sente, além de conversar com ele normalmente.

- E Léa onde está? Não trabalha mais na casa? - pergunta Toninha.

- Trabalhou pouco tempo aqui, mas foi dispensada, por não ser boa empregada.

- Nely também chama Raquel de Pai-João? - perguntei.

- Não, logo ele identificou-se, dando o nome certo - responde Carlos bondosamente, diante do nosso interesse.

- Nely escondeu também o tablado dos pais? - indagou Mauro.

- Não. Chegou até a fazer a seta andar, para os pais verem. O pai ficou indiferente, como sempre fazia diante dos acontecimentos do lar. E, se aquele brinquedo fazia a menina aquietar-

se, deveria ser bom. A mãe achou lindo a filha, com dez anos na época, saber concentrar-se, ter poderes mentais a ponto de mexer sozinha e com habilidade a seta, formando frases inteligentes e rápidas. O companheiro espiritual que ela dizia ter e que a atendia, com o nome exótico de Raquel, seria tudo uma invenção da mente privilegiada de sua filha bem-dotada. Sentia-se orgulhosa ao vê-la encontrar objetos perdidos, responder às perguntas dos empregados, através da concentração sobre o tablado, Sei disso, amigos, porque pesquisei sobre a antiga família e como teria começado essa estranha obsessão ou possessão, e também lendo a projeção astral do tablado. Mas, para ajudar, teremos que saber mais, muito mais. Entretanto é hora de sair daqui.

Sentimo-nos aliviados ao sair do porão e fomos para o jardim.

Honória e Ana continuavam sentadas no banco, sendo que uma sentia-se entediada e a outra estava passiva, alheia.

- Vamos fazer deste local um ponto de encontro - disse-nos Carlos.

O local escolhido situava-se entre dois canteiros grandes, perto do muro que dava para a estrada, no canto direito do jardim.

- Repartiremos as tarefas, vamos colher informações para começar a agir - incentiva-nos Carlos carinhosamente, a sorrir.

Concordamos e Carlos determinou:

- Cada um de nós fará uma pesquisa ou trabalho. Leila, fique encarregada de obter informações de Noel Leocádio, pai de Nely.

Cibelí, procure saber de Noemy, onde está, como desencarnou etc.

Toninha, informe-se sobre Raquel e, consequentemente, sobre Ana.

Mauro fará a parte mais perigosa, tentando obter informações sobre o dono do laboratório que vimos no porão: procure saber se algum dos socorristas sabe quem é ele e por que está a-

qui. Estarei no Departamento, procurem-me se houver necessidade. Tentarei saber de Nely, de suas encarnações anteriores, para que possamos entendê-la e ajudá-la. Antônio Carlos e Fabiano, vocês aqui ficarão observando e anotando os acontecimentos, mas sem interferir.

Espero amigos que, até à noite, nos reunamos novamente para elaborar nosso plano de ação. Boa-sorte!

Rápidos volitaram, ficando Fabiano e eu.

Sentamo-nos num dos bancos do jardim, de onde podíamos observar toda a casa. A Sra. Gema continuava na cozinha com seu vigia, enquanto que Honória e Ana permaneciam no jardim.

Observava Fabiano, quando notei que pensava em algo que o inquietava.

- Fabiano, conhecemo-nos há poucas horas e sinto-o muito amigo, porém noto-o preocupado, posso ajudá-lo? Ficaremos horas aqui, talvez só observando, por isso poderíamos ocupar o tempo conversando. Não quero ser indiscreto, entretanto, se quiser repartir suas atribulações, diga-me.

- Obrigado. Se tiver paciência para me ouvir, Antônio Carlos, saiba que me preocupo é com a repetição.

- Repetição?! - estranhei.

- Devo, amigo, reencarnar logo. Estou há tempo desencarnado, há quinze anos, e dedico-me ao estudo, ao trabalho, preparando-me, mas temo a reencarnação e a repetição. Explicarei melhor.

Muitas vezes já encarnei; quantas, não sei. Vestir um corpo carnal é passar por difíceis provas e, na Terra, nesta época de transformação, as responsabilidades são muitas e receio, como tantos outros, falhar.

- É verdade, nossa Terra está atualmente saturada de vibrações tensas, materialistas e destrutivas, descendo cada vez mais ao fundo do poço, no domínio da matéria. E a responsabili-

dade de cada um de nós, cristãos no trabalho do Bem, são muitas. Fabiano, você tem necessidade de reencarnar agora? Se não estiver seguro, não é melhor adiar, aguardar mais tempo?

- Tempo? Já tive bastante! Anseio por reencarnar, só que tenho medo de fazê-lo. Já ouviu, amigo, a história de um aluno que passa em muitas matérias, menos em uma que o obriga a repetir o ano?

Acontece assim comigo. Pedi para reencarnar e tudo fazer para resolver a questão desta vez e, para isso, tenho trabalhado, estudado e pesquisado a matéria que me retém, tanto é que aqui estou a participar deste socorro.

Fabiano calou-se por momentos, olhei-o e procurei transmitir-lhe conforto e coragem. Olhou-me agradecido e exclamou:

- É a mediunidade que temo!

Calamo-nos novamente. Mediunidade, graça para distribuir de graça e por graça. Lembrei-me de alguns médiuns que conhecia e de tantas histórias reais que ouvira, de vitórias e fracassos. É realmente uma grande prova. A mediunidade é para mim como um bisturi que, bem usado, cura e extermina a dor, mas que também pode machucar, matar. Ou como um livro que, sendo bom, educa, ensina e orienta ou, sendo mau, que perverte, desencaminha. Podendo ser também como o fogo que aquece, serve e constrói ou destrói, queima e fere.

- Fabiano, não tema ser médium! A mediunidade é uma graça, uma bênção para indivíduos que estão no meio do caminho, para purificar-se e alcançar o Reino de Deus.

- Antônio Carlos, Nely é médium, não é?

- Sim, é, e muito sensitiva.

- Está ela usando a mediunidade mal, não acha?

- É cedo para afirmar. Teve e tem maus companheiros, porém é jovem e poderá mudar.

- Tem más companhias porque vibra como eles. Se assim não fosse, não aceitaria tê-los por

companheiros. Sabemos que Nely tem somente o corpo jovem, mas não o Espírito. Espero realmente ajudá-la.

- É o que desejo também.

Após ligeira pausa, Fabiano falou:

-A mediunidade, para mim, será uma repetição, pois serei novamente médium. Tenho, amigo, uma história triste, de fracassos.

- Conta-me, Fabiano, fale de seu passado, de sua experiência.

- Falarei dos fatos mais importantes, daquilo que me marcou mais. Começarei no início da Idade Média, quando fui quente fanático e tornei-me padre. Para mim, nada existia de importante além do Clero. Não acreditava que pessoas pudessem ter visões, sentir, ver, conversar com pessoas mortas fisicamente, ter avisos em sonhos; não aceitava nada de quem pensasse diferente de mim.

Cheguei a perseguí-las com injúrias, castigos e as ironizava, chamando-as de loucas. Tinha a religião nos lábios, não no coração e, para os que me contradiziam, desejava-lhes o Inferno. Desencarnei e sofri muito pela perseguição de inimigos e pela decepção de não estar no Paraíso, porque achava que merecia o Céu. Pela bondade do Pai, fui socorrido e pedi aos benfeitores para ter mediunidade e, assim, voltei a encarnar.

Naquele tempo, ter mediunidade não era fácil. Considerados bruxos, fossem bons ou maus, eram perseguidos, presos e até queimados vivos. Fui filho de camponeses e, desde menino, via os desencarnados e com eles conversava, principalmente com minha avó paterna. Meus pais temiam por mim e tentaram corrigir-me, procurando fazer com que escondesse o dom que possuía. Mas o fanatismo em mim voltou forte, pois achava que não poderia ocultar algo que me era tão natural, e sentia que estava certo e os outros, errados. Minha avó também aconselhava-me cautela, dizendo carinhosamente que não era direito que-

rer que outras pessoas acreditassem em mim. Comecei a benzer pessoas e ajudá-las, chegando mesmo a curar muitas. Atendendo recomendação de minha avó, não cobrava dinheiro pelo que fazia, mas exigia delas a gratidão, e que passassem a pensar, a crer como eu. Para se dar de graça o que de graça se recebe, exige-se meditação profunda. Não devemos cobrar materialmente, nem tampouco oprimindo as pessoas.

É necessário ajudar e esquecer. O que fazemos aos outros, é a nós que fazemos. O trabalho no Bem é a graça que nem sempre merecemos, e que só conseguimos fazer pela Bondade do Pai. E, tantos como eu, cobram do beneficiado a gratidão.

Inclusive, não suportava gracejos. Por isso, familiares e conhecidos passaram a ironizar, a rir de mim, porém percebi que, se fazia o bem, podia também fazer o mal. Passei então a beneficiar os que me elogiavam e a prejudicar os que me criticavam, através de vibrações para que adoecessem, até mesmo a meus familiares. E rogava pragas terríveis aos que, curados e ajudados por mim, eram-me ingratos. Esquecia-me de que não era u quem fazia, mas que eu servia apenas de intermediário. Entretanto julgava-me importante e orgulhoso. Minha avó, aquele bondoso Espírito, aconselhava-me e tudo fazia para me chamar à razão. Não quis atendê-la e, por isso, afastou-se e fiquei com a companhia a que fizera jus, a dos maus. Fui denunciado ao Clero, porém, avisado por um amigo, consegui fugir. Mudei-me para a Alemanha e, como lá as perseguições eram terríveis, dissimulei a mediunidade, arrumei um trabalho e nunca mais dei notícias aos meus. Namorei uma boa moça e me casei. Mas o fanatismo era forte em mim e acreditava que tinha de fazer tudo para que os outros pensassem como eu. Procurei um grupo que realizava rituais escondidos, e um parente de minha esposa ajudou-me a integrar-me nele. Com eles, aprendi a fazer filtros de amor e mistu-

rar de ervas, que manipulava para remédio ou veneno. Cobrávamos caro, e vovó ainda tentou fazer com que mudasse de atitude, porém pedi-lhe que não me aborrecesse e ela ausentou-se, triste. Desencarnei saturado de energias negativas, sofrendo muito por longos anos e foi novamente vovó quem me socorreu e me ajudou. Por algum tempo, estudei, trabalhei e pedi para encarnar novamente. Vovó despediu-se, pois tinha que continuar seu trabalho, e por isso já não podia contar com sua ajuda.

Tive amparo e não lhe dei valor. Quando procedemos assim, chega a hora em que o auxílio nos é tirado.

Fabiano parou a narrativa e enxugou as lágrimas abundantes.

- Fabiano, as lágrimas de remorso lavam a alma, e as de saudade, aliviam-nos. Esse Espírito que tanto bem lhe fez, fez o bem para si mesmo. E agora que lhe é grato, sentirá com certeza e receberá a recompensa por seu carinho onde quer que esteja. Não se entristeça, amigo, porque tristezas não pagam dívidas, pois são resgatadas com trabalho edificante.

- É verdade, Antônio Carlos, desculpe-me. Luto sempre contra a tristeza, porque sei que cultivá-la nos traz desânimo, desesperança e doenças. Tento ser otimista e sou grato ao Pai-Amoroso, pelas muitas oportunidades que nos dá, pela Lei justa da reencarnação.

Amo muito esse Espírito, que foi minha avó, sou-lhe profundamente grato, sei que está em esferas superiores e que ora por mim.

Tenho muitas dívidas, amigo, e quero resgatá-las pelo Amor, com trabalho mediúnico no Bem. Nesse período em que estive desencarnado, prometi a mim mesmo voltar a ser médium, sem ser fanático, respeitando as opiniões alheias. Benfeitores do Plano Espiritual tudo fizeram para ajudar-me, e voltei como membro de família religiosa, que conhecia os fenômenos mediúnicos e os respeitava.



Logo notaram minha mediunidade e tudo fizeram por educar-me e conduzir-me no Bem. Entendi, obedeci a meus pais e não tivemos problemas. Éramos pobres, porém trabalhadores. Aos vinte anos, enamorei-me de uma jovem de família rica, desejei ardentemente tê-la para mim e casar-me com ela. Passei a segui-la sempre que podia e via-a sempre nas missas aos domingos. Um dia, enchendo-me de coragem, fui conversar com ela e disse-lhe que a amava. Ela contou-me que era prometida a um senhor rico e que seu pai só a deixaria casar com pessoas de posse financeira.

Prometi-lhe conseguir dinheiro suficiente para poder casar-me, e pedi que me esperasse.

Pensei com aflição em como ficar rico em pouco tempo e só achei um modo: utilizar meu dom mediúnico. Sabia que na floresta, em uma caverna, morava um mago, homem rico, que dava consultas e fazia filtros. Era procurado por muitas pessoas de posses.

Escondido de meus pais, fui procurá-lo. Recebeu-me e escutou-me pacientemente. Depois fez comigo alguns testes que comprovaram minha mediunidade e, por isso, aceitou-me como ajudante. À noite, escondido, ia para a gruta e com o mago trabalhava, aprendendo tudo rapidamente. Já não me sentia bem na Igreja, nem com as orações, e as imagens pareciam cobrar meus atos. Porém ficava nas proximidades da Igreja no horário da missa, para rever minha amada. Algumas vezes trocamos frases banais, em encontros que tudo fazia para parecerem casuais. Minha família descobriu tudo e proibiu-me de voltar à floresta. Briguei com eles, saí de casa e fui morar com o mago. Conseguí juntar algum dinheiro em poucos meses e, embora não fosse muito, enchi-me de esperanças. Então fiquei sabendo que minha amada iria casar-se em breve. Então, esperei ansioso que saísse da missa, segui-a, cerquei-a na rua e indaguei, furioso:

- Você vai se casar?

Ela tentou explicar, parecia escolher as palavras para não me machucar. Disse-me que o noivo era boa pessoa, que simpatizava com ele, queria-o bem, aprendera a respeitá-lo naqueles meses de noivado e que ia realmente casar-se em breve; por isso deveria esquecê-la.

Nada me prometera, eu sim é que fiz compromisso de ficar rico e não tinha conseguido. Insisti para que fugíssemos, mas ela, perdendo a paciência, disse orgulhosa: "Não posso, deixa-me em paz! Só se fosse louca, para unir-me a um bruxo! Sei que ajuda o mago da gruta; sou cristã e não quero para marido alguém que pode ser queimado e que, talvez, me leve junto".

Enraiveci-me, pois pensei ter ocultado bem meu trabalho, e olhei-a com ódio. Ela concluiu, irritada: "Deixa-me em paz, mago!

Deixa-me em paz! Te esconjuro!"

Afastou-se rápido e retornei magoado, pois doía-me terrivelmente seu desprezo, e também estava assustado em saber que meu trabalho na gruta não era desconhecido, como pensava.

O Mago consolou-me e incentivou-me a retribuir, cultivando ódio e vingança. E, com isso, os Espíritos maus passaram a assediá-me.

Meus pais e meus irmãos foram visitar-me muitas vezes, tentando que mudasse de atitude e voltasse para casa. Gostava deles, porque eram bondosos comigo e, às vezes, sentia até vontade de atendê-los, porém queria vingar-me e fiquei com o Mago na gruta.

Continuei com a intenção de ficar rico, e descobri que fazer drogas abortivas poderia dar-me dinheiro, tornando-se isso minha especialidade. Uma das empregadas da casa de minha ex-amada, moça ainda, veio em busca de meus favores. Atendi-a, mas não lhe cobreí, e até lhe dei dinheiro, muito dinheiro, para que fizesse o que eu pretendia. Nessa ocasião, a mulher que me desprezara, estava grávida de poucos meses; dei então a droga abortiva, para que a emprega-

da colocasse em sua comida, e o aborto aconteceu.

E, porque o casal queria filhos, fiz desse processo minha vingança.

Assim, todas as vezes que engravidava, a empregada colocava a droga em sua comida e ela abortava. Vê-los infelizes, era meu prazer.

Anos se passaram e, então, planejei matar o esposo dela; entretanto, antes que eu conseguisse, a Inquisição prendeu-nos. Os inquisidores encarceravam muitas pessoas, fossem boas ou más, mas a prática da bruxaria era proibida, e qualquer fenômeno mediúnico era perseguido. Nossa moradia na gruta foi destruída e todo o dinheiro que juntara, mais as coisas de valor que possuía, foram doados à Igreja. As provas eram muitas, por isso resolvemos confessar todas as acusações e evitar a tortura; mesmo assim fomos condenados a morrer na fogueira.

Pensei que pudéssemos, o Mago e eu, livrar-nos e, por isso, invocamos os amigos desencarnados, utilizando toda nossa força mediúnica, porém nada conseguimos. Desencarnamos, os dois, na fogueira em praça pública. Ser queimado é horrível: a dor aguda, ardida, do fogo, o cheiro de carne queimada, a fumaça que sufoca, faz com que a cada lembrança eu estremeça.

Os antigos amigos desencarnados, que tratávamos como empregados, tornaram-se senhores e exigiram de nós o pagamento, fazendo-nos escravos deles. Se os bons ajudam por amor, com a intenção de servir, nada querendo em troca, nem mesmo agradecimentos, os maus o fazem, mas querem pagamento. Por anos servimos como escravos, nos Umbrais. Sofri muito, com o remorso de meus erros, o pavor do fogo e a agonia de ser assassino, pois ajudara mulheres a abortar. E, no caso de minha ex-amada, matara mesmo, pois ela ignorava, julgando-se doente... e quantos tratamentos fizera. O remorso sincero fez-me desejar outro tipo de vida e, ao suplicar por socorro, fui auxiliado e conduzido a um Posto de

Socorro. Libertaram-me das trevas, mas não do remorso. Por isso, ora sentia-me queimar, ora envenenado nas ervas que abortavam, e então desejei o esquecimento e pedi para reencarnar. Não teria mediunidade nessa vida, pois queria resgatar minhas dívidas em sofrimento na matéria.

Cheio de esperança, fiquei perto de uma mulher que engravidara e possibilitaria minha encarnação, porém logo desesperei-me, porque a mulher não me queria, não queria filhos e abortou o corpo por que tanto ansiava. Muito triste, voltei ao Posto de Socorro, entendendo a gravidade de meus erros, pois necessitava tanto de um recomeço e me fora negado, como eu fizera a tantos outros.

Novamente aproximei-me de outra mulher que se engravidara e, esperançoso, vi o pequenino feto que seria meu corpo carnal. Essa mulher também não me quis e tomou drogas para abortar, porém não matou o feto, porém danificou-o. Quis, assim mesmo, o corpo com defeitos, e reencarnei. Nasci muito feio, com o lado esquerdo cheio de problemas, inclusive o braço e a perna eram menores e tortos. Aprendi a andar aos cinco anos de idade e sempre com muitas dificuldades. O remorso era tanto que perturbei o cérebro físico, ocasionando deficiência mental, ficando com o QI bem abaixo do normal. Não me importava, vivia a oportunidade de resgatar meus erros e, no esquecimento provocado pelo corpo físico, o remorso não me atormentava, portanto sentia-me bem. Éramos pobres e aprendi a trabalhar com meu pai: fazia vassouras e cestos e vendia-os. Vivia alegre e sorrindo, tanto que ganhei o apelido de João Feliz. E escutava sempre minha mãe falar:

"Não sei de que ri! É por Deus mesmo! Ser assim e ser feliz!"

Aos quarenta anos desencarnei tuberculoso, sofrendo muito.

Fui socorrido de imediato e, agradecido, vi meu corpo perispiritual recuperado. Recordei meu passado e senti que resgatara muitos dos meus erros, mas havia bastante ainda. Não quis resgatá-los pela dor, pois, naquela encarnação, chamado João Feliz, fui bom somente para mim. Se errei prejudicando meu próximo, queria fazer o Bem a outrem, resgatando meus erros com trabalho. Pedi para reencarnar e ter novamente a mediunidade, como instrumento para que pudesse ajudar o próximo.

Fui atendido e reencarnei no Brasil, no Rio de Janeiro.

Desde garoto, senti a perturbação da mediunidade por prova e, bondosamente, meus pais ajudaram-me, levando-me a um Centro Espírita para tomar passes. Na adolescência, passei a freqüentar, lá, as reuniões e a receber, pela incorporação, Espíritos necessitados de orientação. Fazia isso por necessidade, para ficar livre da angústia, da aflição, que sentia com a aproximação de um desencarnado necessitando de auxílio. Não sentia nele um irmão que sofria, mas em mim um instrumento que poderia aliviá-lo.

Nessa encarnação, recebi por hereditariedade um corpo bonito, que chamava a atenção do sexo oposto e isso envaidecia-me.

Interessei-me pela filha do dirigente do Centro que eu freqüentava, e começamos a namorar. Era trabalhador e, logo que melhorei meu salário, casei. Meu sogro, homem bom e honesto, tratava-me como filho.

Depois de alguns anos, comecei a me chatear com a vida que levava, sentindo rotina em tudo. Tínhamos três filhos, mas já não amava a esposa, e o Centro Espírita parecia-me pequeno e simples.

Um colega de trabalho convidava-me sempre para conhecer o trabalho espiritual do Terreiro que freqüentava. Aceitei o convite, fui e gostei, pois era movimentado e não exigia que se

estudasse, nem que os freqüentadores tivessem vida exemplar, cheia de virtudes que, para mim, naquele momento, pareciam-me tão aborrecidas. Passei a freqüentar o Terreiro, deixando, então, de ir ao Centro Espírita. Então, muitas mulheres que lá freqüentavam, passaram a interessar-se por mim e senti-me tentado. Minha esposa e meu sogro tudo fizeram para me fazer ver que poderia trabalhar em qualquer lugar, porém deveria acautelar-me dos abusos feitos em nome do Bem.

Sei o que pensa, Antônio Carlos, acredita que onde quer que estejamos, se quisermos, faremos o Bem e que existem muitos Terreiros, carinhosamente chamados de Centros de Umbanda, bem orientados e que praticam o Bem. Mas, infelizmente, aquele que freqüentava não era bem assim. Os Espíritos amigos, do Centro Espírita, não me acompanharam na mudança, e os desencarnados que lá serviam, passaram a facilitar a vida para mim, fazendo em meu lugar o que me cabia como lição de aprendizagem. Fui me afastando de casa, abandonei a esposa e os filhos e passei a morar com outra mulher, muito bonita, bem mais jovem do que eu. O Terreiro cresceu com minha mediunidade. Acreditava que só fazia o Bem, entretanto muitas das minhas ajudas resultavam em sofrimento para terceiros. Lá, cobravam-se os favores e, embora no começo estranhasse, depois achei certo, pois era como um trabalho e tinha que ser pago; mas pensava erradamente. Como era muito procurado, deixei meu emprego e passei a dedicar-me só ao Terreiro e dele receber meu sustento. Comecei a viver melhor financeiramente e tive mais dois filhos com a segunda mulher. Minha ex-esposa criou, com a ajuda de meu sogro, nossos três filhos, que se tornaram pessoas honestas e boas. Porém os outros filhos eram dois terríveis, oportunistas e malandros.

O Terreiro, com o tempo, veio a ficar sob minha direção, e lá tudo era cobrado, mas sem

exagero. Meus dois filhos não queriam trabalhar, passaram a desfrutar da renda do Terreiro e a cuidar das finanças. Querendo cada vez mais dinheiro, começaram a cobrar caro e a exigir pagamento de seus protegidos. Os bons afastaram-se, tanto os encarnados como os desencarnados. Senti-me só, triste, sem ânimo para enfrentar a esposa e os filhos, mas continuei meu trabalho por algum tempo, até que um ataque do coração expulsou-me do corpo físico e desencarnei.

Sofri muito e, novamente, o remorso atormentou-me, por cobrar o que deveria distribuir de graça e por graça. Deveria através da mediunidade praticar o Bem, esquecendo o que fazia, mas nunca o que recebia.

- Fabiano, ânimo, amigo - disse -, vencerá desta vez, a lição foi aprendida e o erro não se repetirá. Confio em você!

- Antônio Carlos, contar a você meu passado fez-me bem. Confio na ajuda de amigos do Plano Espiritual e, também, vou reencarnar com a ajuda de pessoas queridas. Meu sogro será o principal responsável, pois serei seu filho, e já prometeu ser severo na minha educação. É espírita militante e muito estudioso. Minha primeira mulher virá comigo como irmã, para exemplo na minha educação. Quero ser médium, e desta vez ter a mediunidade como instrumento de trabalho no Bem e por ela purificar-me, resgatar meus erros com Amor.

Calamo-nos por momentos.

Observávamos, quando quatro dos desencarnados voltaram.

Três entraram na casa e Raquel ficou no jardim. Era ele bem estranho: alto, testa larga, de bigodes e cavanhaque negro, como os cabelos, olhos pequenos, trajava roupas escuras e bota de cano longo. Vestia uma capa preta que ia do pescoço até os joelhos. Usava anéis e uma corrente dourada grossa, no peito.

Ao se aproximar de Ana, modificou sua expressão, suavizando a fisionomia, e carinhosamente sentou-se ao lado dela. Honória, sua comandada, nada disse, ficando quieta. Ana sentiu-lhe a presença, agitou-se e, ao ouvir sua voz, encolheu-se, tremeu e apertou os braços no corpo.

Raquek falava-lhe em voz baixa:

- Ana, Ana, fale comigo! Atende-me!

Sua voz era de tom forte, com ligeiro sotaque europeu.

Vendo que ela se assustava, levantou-se aborrecido e afastou-se.

A perturbada senhora, não o sentindo perto, relaxou-se e voltou a ficar apática.

Nely chegou da escola e entrou em casa. Fabiano e eu a acompanhamos.

Jogou os objetos escolares numa cadeira e sentou-se para almoçar.

Não falou nada e D. Gema também nada disse, somente serviu o almoço. Seis dos desencarnados serviram-se também do repasto: carne, somente carne, quase crua. Nely comeu pouco e retirou-se logo para o quarto.

E, pela tarde, alguns desencarnados saíram e outros ficaram na casa, entretanto sem algazarra. Um deles continuava a vigiar D. Gema, e Honória continuava com Ana.

No horário marcado, no final da tarde, todos de nossa equipe retornaram, e Carlos pediu que cada um relatasse as informações colhidas. Primeiramente coube a mim, que em poucas palavras contei os acontecimentos do dia, e rematei:

- O corpo físico de Nely está debilitado, porque alimenta-se somente de carne. Satura-se de proteínas animais, faltando-lhe vitaminas e cálcio, tão importantes, ainda mais nessa fase de crescimento.

A alimentação sadia e variada é de suma importância ao corpo físico, a exemplo do sal que retém líquidos no organismo, da pimenta que aquece, do cálcio para a fortificação dos ossos.



Um pouco de tudo é ideal para o bom sustento, mas o que excede, em um tipo de alimento, prejudica o corpo. Entretanto, o Mago do Laboratório e Raquel deveriam saber disso, mas permitem. Talvez deixem que seus companheiros a façam alimentar-se somente de carne, mesmo sabendo que está a definhando e venham, com isso, perder seu instrumento encarnado.

-Talvez, Antônio Carlos - diz Carlos -, não estejam dando importância se Nely desencarne, ou não. Pensam em ficar aqui temporariamente. E você, Leila, conte-nos o que descobriu sobre Noel Leocádio.

- Como me informou um trabalhador de um Posto de Socorro no Umbral, Noel Leocádio está com um bando de irmãos inferiores e arruaceiros. Foi levado recém-desencarnado por Raquel e deixado no bando, na condição de não voltar ao antigo lar. Noel adaptou-se ao grupo e não pensa na família, nem na filha. Não se encontra em condições de um socorro, no momento.

- Um dia, Noel cansará da vida de futilidades e procurará socorro.

E Noemy? Você, Cibeli, soube onde ela está?  
- indagou a Carlos.

- Encontrei-a nas enfermarias do Posto de Socorro, perto da Crosta. Seu estado é lastimável e tem pesadelos constantes. Informou-me a direção do Posto que Noemy fora deixada nas proximidades, logo após seu desencarne. Deduzi que foi por Raquel.

Na mente de Noemy, nota-se o ódio profundo pelo esposo, pois vê constantemente suas traições e o dinheiro gasto em jogo.

Em agonia, sente os muitos abortos que fez. Por não querer mais filhos de um marido irresponsável, abortara em toda gravidez, depois do nascimento de Nely. Com o tratamento bondoso e dedicado do Posto esperamos que melhore seu estado vibratório, como também tenha no Bem sua mudança de vida.

Carlos concluiu:

- Raquel não queria os pais de Nely por aqui. Deve ter levado Noemy para as proximidades do Posto, porque sabia que seria socorrida, como também que sua perturbação iria permanecer por muito tempo. Raquel nos traz curiosidades. Que soube dele, Toninha?

- É um Espírito solitário, que há muito está só e desencarnou Na sua última vida física, amou profundamente Ana e, porque um amor impossível, estiveram separados. Raquel é o seu sobrenome, e fora um sacerdote, contra a vontade, por imposição Clero e da família. Acostumou-se com a vida fácil e passou a desfrutar de todas as vantagens que o Clero oferecia. Servindo em uma localidade, conheceu Ana e apaixonou-se por ela, que evidentemente tinha outro nome, era filha de pessoas influentes e muito bonita. Seu pai a fez ficar noiva de um senhor idoso, feio, porém rico, querendo que casasse logo. Ela não quis, desesperou-se e pediu ajuda a Raquel, seu confessor, que prometeu ajudá-la, planejando a morte do noivo, colocando aos poucos no vinho dele um veneno, cujo efeito fazia a morte ter aparência natural. Conseguira a substância a preço de ouro com um bruxo que morava nas proximidades da cidade, e soube dele através da confissão. Disfarçou-se para adquirir o veneno. Ninguém suspeitou, nem mesmo Ana, que, agradecida, achou que fora a oração do sacerdote que a ajudara, passando a tratá-lo com carinho, e Raquel entendeu que era correspondido na sua paixão. Ana chegou a pensar que o amava, porém respeitava-o como sacerdote. Tempos depois, o pai de Ana arrumou para ela outro casamento. Dessa vez, porém, o noivo era jovem e bonito, e ela sentiu-se dividida, porque queria, como toda moça, casar e ter filhos. Raquel se desesperou, por não admitir perdê-la. Pensou em fugir com ela, mas temia, porque, se deixasse o clero, não mais teria a proteção da Igreja e poderia até ser perseguido por ela. Também, conhecia bem o pai de Ana, que era rancoroso e mau e

iria persegui-los até a morte. Pediu, implorou a Ana, que fugisse sozinha e que, mais tarde, ele daria um jeito de ser transferido para longe e a levaria. Ana preferiu ser esposa, por não querer viver escondida e amante de um padre. Raquel, então, com o mesmo veneno, matou-a. Ninguém suspeitou. Meses depois, Raquel foi transferido e seguiu sua vida em erros, muitos erros. Ana, ao desencarnar, perturbou-se e sofreu muito. Foi socorrida carinhosamente pela avó materna. Pediu para reencarnar e o fez no Brasil, numa família pobre. Agora se sentia feliz.

Raquel ao desencarnar foi procurá-la, pois Ana foi a única mulher que amou, e conseguiu encontrá-la. Assediou-a sem obsedá-la, protegendo-a até, mas por causa do ciúme não deixou ninguém aproximar-se dela, com intenções de namoro.

Ana teve uma existência simples, de trabalho e, depois que os pais desencarnaram, viveu sozinha e solitária.

Tudo isso pesquisei em arquivos e, na tentativa de obter mais informações, li discretamente os pensamentos dele. Raquel, vendo Ana doente e prevendo para logo sua desencarnação, quis arrumar um lugar para ela, porque não a queria no Umbral. Pretendia trazê-la para um lugar confortável, grande e que fosse ~~Saís e Espadoura~~ e, passando por aqui, escutou Nely invocar um desencarnado; entrou e ninguém barrou sua entrada. Gostando da vibração da casa, do lugar, atendeu Nely e tratou de travar amizade com ela. Ficou, assim, satisfeito em arrumar um lugar para trazê-la.

Ana demorou mais tempo para desencarnar do que previra Raquel, mas, quando aconteceu, ele a trouxe para cá.

Concluí o porquê de Ana ainda estar perturbada e falei:

- Ana teme Raquel e refugia-se em si mesma com medo de enfrentá-lo. Por mais que ele se

esforce, não consegue despertá-la desse torpor em que se encontra. No seu amor egoísta, não percebeu que Ana nunca o amou e que, na encarnação em que teve vida simples e de trabalho, afastou-se dele definitivamente.

- Carlos - indaga Leila -, o que poderia acontecer com Ana se não viéssemos aqui? Vamos socorrê-la, não é?

- Sem dúvida, será a primeira que levaremos, se permitida for nossa interferência. Leila, não se esqueça de que os trabalhadores no Bem estão em toda parte e, por isso, Ana seria socorrida em qualquer tempo. Se não foi ainda, é porque não se lembrou do Pai, de Deus, e nem clamou por socorro.

- Mauro, e o laboratorista, que nos diz dele?

- Seu nome é Asec. Estudioso da magia-negra, é um mago. Era senhor de um pedaço no Umbral, e foi, em determinada época, desafiado por outro mago. Julgando ser mais fraco que o desafiante, temeu perder a disputa, porque sabe muito bem que, para quem perde, restam a escravidão e muito sofrimento. Por isso, fugiu com alguns comparsas. Queria achar um local onde pudesse estudar, preparar-se melhor para disputar forças com o outro e, ao mesmo tempo, esconder-se. Um dos integrantes do bando viu José, o motorista, num bar bebendo, acompanhou-o até a chácara, que considerou ideal para a nova moradia. Asec veio, gentil, e pediu a Raquel que deixasse seu bando ficar aqui por algum tempo. Ele concordou, mas impôs condição: que eles não fizessem algazarra e que, quando trouxesse Ana para cá, ajudassem a cuidar dela, acrescentando que aqui ele sempre mandaria. Asec e os companheiros mudaram-se para cá e parece que vivem bem.

- Assim, amigos - conclui Mauro -, local onde não há preces, onde não se vive no Bem, é local aberto aos maus.

- Será que Asec tem muitos conhecimentos? - indaga Toninha.

Carlos, após pensar um pouco, respondeu:

- Pelo que vimos no laboratório, Toninha, Asec é estudioso plasmar as plantas que lá estão, necessita de conhecê-las profundamente. Entretanto, utiliza livros, porque não possui conhecimentos na memória. Deduzo que são pesquisas de que lhe foram dadas ou confiadas.

- Carlos, Asec poderá ser perigoso? - indagou Cibeli.

- É imprudência achar que aqueles que servem ao Mal, têm forças. Muitos, como Asec, não têm preguiça de pesquisar, estudar e trabalhar, podendo representar perigo para muitos desavisados. Não viemos aqui desafiá-los, mas tentar ajudá-los. Não podemos ignorar que Asec não deseja nossa ajuda e que, por isso, poderá atacar-nos, ou defender-se, por julgar que apenas se utiliza de sua liberdade. Só que, meus amigos, quem serve ao Mal, escraviza-se a ele. Devemos ser cautelosos, porém nunca medrosos.

Dessa forma, Cibeli, se Asec é perigoso, não o será para nós.

Calamos por instantes e Carlos retomou as palavras, completando a informação que faltava:

- Pesquisei as encarnações de Nely, para que possamos entendê-la e ajudá-la. Teve nossa garota muitas encarnações, Resumindo, o mais importante para nós é saber que por diversas vezes dedicou-se ao Ocultismo, sendo considerada quase sempre como bruxa e fazendo o Mal. Na penúltima encarnação, presa pela Inquisição, teve o corpo queimado e guardou muito ódio. Desencarnada, vingou-se de todos os que a condenaram, Satisfeita na vingança, veio para o Brasil e, pela Bondade do Pai, recebeu a graça da encarnação para o reajuste. Nasceu negra e escrava, entretanto não aceitou sua posição e revoltou-se. Procurou, então, uma forma de extravasar seu rancor nos que a rodeavam, principalmente nos brancos. Juntou-se aos que praticavam

os rituais africanos e, como recordasse de muitos feitiços, passou a praticá-los.

Desencarnou e foi conduzida por amigos desencarnados ao Umbral, onde ficou por algum tempo. Quis reencarnar e escolheu um casal para pais, compulsoriamente. Não tem Nely ligação nenhuma com ninguém de sua família, nem com empregados nem com os desencarnados que aqui estão. Não se apegou a ninguém e, por isso, é fria e indiferente, parecendo incapaz de amar, de querer realmente bem a alguém, embora tenha, a seu modo, gostado de sua mãe nesta encarnação.

- Deduzo, Carlos - falou Fabiano -, que por herança do passado, foi fácil para Nely usar o tablado e, agora, conversar com Raquel sem ter medo.

- Sim, é verdade, Fabiano, grandes são nossas responsabilidades ao aprendermos o Ocultismo e usá-lo para o Mal. Somos reflexos do nosso passado e construímos no presente o que seremos amanhã.

Vamos, amigos, tentar obter algumas informações que nos faltam, na própria casa. Entremos...

Anoitecia e a casa estava quase às escuras. Havia luz no quarto de Nely e na cozinha. Ao entrarmos, vimos D. Gema acender as luzes da sala de jantar, para servir a refeição. Os desencarnados, então, rodearam a mesa com disciplina.

- Nely, vem jantar! - gritou a serva.

A menina desceu as escadas, em silêncio, sentou-se e começou a se servir. Novamente o cardápio era carne de ovelha, quase crua.

- Vamos subir - disse-nos Carlos.

Obedecemos aliviados, pois não era de bom gosto ver aquele repasto.

- É necessária nossa concentração em torno dos objetos e da casa, procurando ler seu astral e conhecer os acontecimentos que nos faltam.

- Como? - indaga Leila.

- Pela Psicometria - esclarece Carlos. - Podemos, cara Leila, definir a Psicometria como a leitura da memória das coisas. Paredes e mobiliários, assoalhos e teto possuem a virtude de receber e conservar eflúvios vitais de acontecimentos ou de fatos marcantes vividos em sua presença, os quais podemos ler, agora, através da concentração. Entretanto são informações do ambiente ligado ao objeto e não da matéria que o constitui. Ou, para nos entendermos melhor, são acontecimentos humanos que registram, na matéria, a própria história. Não é difícil para nós, desencarnados, usar a Psicometria, pois basta a concentração com o firme desejo de ler o astral dos objetos. Começemos pela sala de trabalhos, lugar preferido de Noemy, mãe de Nely. Olhemos fixos nesta tela de pintura inacabada.

Enquanto Carlos falava, acompanhávamos interessados sua orientação e concentramo-nos na tela. Vimos, então, a figura de Noemy, apresentando-se como uma pessoa sem muitos atrativos, de estatura miúda e magra. Mostrava-se pensativa, e a figura do esposo vinha-lhe à mente, pois queria tanto que ele mudasse a forma de viver, mas estava piorando a cada dia. De repente, vimos Nely entrar. Estava diferente, era mais saudável, corada e arrumada. Aproximou-se da mãe e disse:

"Mãe, Raquel pediu-me que lhe falasse. Não é mais para a senhora fazer o que pretende, porque seu corpo está fraco e poderá morrer."

A resposta foi seca:

"Não amole!"

Nem todos do grupo conseguiam ver com perfeição as cenas que narro, porém Carlos explicava-nos tudo o que via, dando-nos o mais perfeito esclarecimento. Cada um tinha seu modo e grau de concentração e, por isso, a leitura através da Psicometria não acontecia da mesma forma para todos. Entretanto, estávamos encan-

tados com os resultados. Vimos ainda, na sala de trabalho, cenas de discussões entre Noemy e Noel, levando-nos a saber que o casal brigava muito.

Também notamos Nely sentada no sofá e presumimos que a menina deveria passar horas ali a cismar, a pensar.

- Passemos para o escritório da casa - disse-nos Carlos.

Não havia nada que chamasse a atenção no escritório: uma estante vazia, uma mesa e quatro cadeiras. Novamente bastou concentrar-nos para ver Noel sentado à frente da mesa planejando suas farras. Era bonito, de tipo alegre e bem cuidado, moreno claro, olhos esverdeados e bigode bem aparado. De repente, vimos uma cena comovente entre pai e filha. Nely entrara no escritório e pedia, implorava chorando ao pai, que não se casasse novamente. Noel respondeu à filha cinicamente:

"Você não manda em mim, pirralha! Vou me casar! Vá choramingar com seu Raquel e não me amole?"

A menina respondeu ao pai no mesmo tom, desafiando-o, e Noel bateu-lhe no rosto, jogando-a ao chão. O tapa forte feriu seu rosto, que começou a sangrar. O pai saiu indiferente e ela ficou caída dizendo palavrões, chamando Raquel como o pai recomendara.

Raquel surgiu e entendemos que Nely via-o claramente. Ajoelhou-se ele ao seu lado, à maneira de um serviçal, sem entretanto demonstrar nenhum carinho.

Ajuda-me, Raquel, ajuda-me!" - disse Nely, chorando alto.

"Que quer que faça?" - responde ele.

"Que meu pai não se case!"

"Você está certa não querendo o casamento, porque, casado trará a idiota da esposa para cá e certamente vai querer mandar na casa, que é sua, por herança de sua mãe. Não é bom ter estranho por aqui, pois vivemos tão bem! Só que,



minha menina, sabem que seu pai não presta, e é um namorador incorrigível. Se o separarmos desta, em pouco tempo arrumará outra, portanto o melhor

seria se sumíssemos com ele..."

Raquel silenciou. Nely, que ainda estava caída, deitada no chão, sentou-se interessada. Mais calma, parou de chorar e indagou:

"Como?"

Raquel responde calmamente:

"Matando-o. Se seu pai morrer, ficará com tudo e será dona de si mesma. Sua tia não a molestará, pois é fácil afastá-la. Noel não serve para nada e, se continuar a jogar, poderá acabar até com o que é seu, com o que sua mãe lhe deixou. Se ele morrer, você ficará com os criados e comigo, que nunca a abandonarei. Se concordar, faremos tudo parecer acidente e ninguém desconfiará."

Nely respondeu com firmeza, sem vacilar:

"Quero. Meu pai deve morrer e farei como recomendar."

As figuras se apagaram e Carlos, com um sinal, levou-nos para a escada.

- Concentremo-nos na escada, amigos, e veremos o que podemos sondar nela.

Cenas sem importância surgiram: um operário que se machucou ao montá-la, cenas com os ex-moradores; mas apareceu o que nos interessava, Noel e Nely. Estavam os dois no alto da escada, o pai da menina ia sair, passear e ela despedia-se dele.

"Volte cedo, papai!"

"Como é bom vê-la boazinha, filha! Precisou levar um tapa, ontem, para ficar obediente. Voltarei cedo, amanhã!" - riu.

Nely fuzilou-o com o olhar, porém sorriu. Despreocupado, Noel começou a descer a escada, quando Nely deu-lhe um forte empurrão, fazendo-o cair e rolar pelos degraus, só parando embaixo.

Asec e Raquel observavam tudo, impassíveis e, quando Noel ficou imóvel, Asec aproximou-se, apontou para um local no pescoço dele e disse a Raquel:

"Aqui"

Raquel transmitiu a Nely:

"Venha, Nely, coloque seu pé aqui e aperte com força. Isso, bastante força!"

Nely seguiu a orientação de Raquel, vimo-la descer as escadas com calma, colocar o pé direito no local indicado e apertar com força.

"Basta!" - exclama Asec - "morreu!"

"Pronto, Nely" - diz Raquel -, "pode chamar os criados."

Nely retirou o pé, friamente olhou o pai e começou a gritar:

"Acudam! Socorro! Gema, José, Sr. João! Papai caiu da escada!"

Asec e Raquel em operação rápida, demonstrando conhecer o que faziam, desligaram Noel - Espírito do corpo e saíram.

Vimos os criados chegarem, e também o médico. Nely continuou a fingir, agora chorando. O facultativo examina o corpo de Noel e diz, naturalmente:

"O Sr. Noel fraturou o pescoço ao cair. Está morto."

As cenas enfraqueceram-se e sumiram. Cibeli exclamou:

- Nely matou o pai!

- Ajudada por Asec e Raquel - completa Toninha, ao mesmo tempo que indaga: - Carlos, Nely é culpada desse crime?

- Toninha - responde Carlos -, nosso livre-arbítrio é respeitado pelo Pai, por Deus. Nely praticou o ato porque quis. Nossas obras pertencem a nós, tanto as boas, como as más. Os três participaram do crime, e todos têm sua parcela de culpa. É muito difícil o encarnado praticar algo que não queira. Ainda mais coisa grave, como a que fizeram. Vibravam igualmente, por isso, Nely

tem culpa. Foi sugestionada, mas fez porque quis e se afina completamente com Raquel, tanto que aprovou desde o início o plano. Caros amigos, ninguém se safa de seus erros culpando só os desencarnados que os tentam. Tentações e maus conselhos por parte de desencarnados sempre houve e haverá, porém cabe a cada um de nós, ou do encarnado, aceitá-los, ou não, como também há os bons conselhos vindos dos obreiros do Bem, que podemos rejeitar ou não.

Após um instante de silêncio, Mauro exclamou:

- A Psicometria é fantástica! Já a conhecia pelo estudo, porém é a primeira vez que a uso.

- Sim - fala Carlos -, é bom utilizá-la para captar acontecimentos em torno das coisas. Em nosso caso, pudemos conhecer o modo como Noel desencarnou. E a casa sempre fechada facilitou-nos ver com clareza e sem maiores interferências.

- Carlos, há encarnados que conhecem a Psicometria e fazem uso dela, não há? - indaga Fabiano.

Carlos, com sua bondade de sempre, continua a nos esclarecer.

- Estou a me lembrar de um fato - falou a Mauro. - Quando encarnado, houve em minha cidade muito alvoroço, em virtude uma casa que diziam ser assombrada. Um amigo de meu pai a comprou e, era só ele entrar em um dos quartos, para ver uma cena trágica: um homem matando uma mulher a facadas. Um respeitável senhor espírita foi chamado e não constatou nenhum Espírito ali. Recomendou que abrissem bem a casa, que a pintassem e trocassem o mobiliário do quarto. Feito isso, as aparições cessaram.

Carlos conclui:

- O amigo de seu pai, Mauro, deveria ser um psicômetra sem o saber, pois percebia, através do astral da casa e dos objetos do quarto, o que tinha ocorrido, certamente um crime praticado às escondidas. A prática da Psicometria,

sem conhecimento, tem desnordeado muitos que confundem o que vêem, com desencarnados.

A leitura do astral dos objetos diferencia-se da clarividência com relação aos desencarnados, porque a Psicometria está relacionada a objetos e a determinados lugares, enquanto que, na Vidência, os desencarnados podem ser percebidos em qualquer lugar, embora saibamos que eles têm preferência por certos lugares ou cômodos da casa. Por isso, o Plano Espiritual tem insistido para que os espíritas estudem, principalmente os dirigentes, a fim de não se deixarem enganar nesses casos.

- Podemos considerar o psicômetra como se fosse médium? - indago.

Carlos responde.

- Médium é aquele que entra em intercâmbio com desencarnados.

Psicômetra é o sensitivo que lê o astral ou a aura dos objetos, lugares, etc. sem a interferência dos desencarnados. Pela sua sensibilidade, o psicômetra vê, através de vibrações, o que ficou registrado na aura pesquisada, tendo conhecimento do que faz, ou nem sequer sabendo o que seja.

- Carlos, poderão as emanções magnéticas e as irradiações contidas em objetos irradiar-se e atingir outras pessoas? - indago.

- Sim, podem. O pensamento humano, ao agir sobre a natureza material, adere de modo mais ou menos prolongado nas coisas e objetos, que nos servem habitualmente. Por isso há muitas pessoas que se sentem inquietas e angustiadas ao visitarem determinados lugares, a exemplo de prisões, prostíbulos, etc. Ou, então, experimentam bem-estar onde só houve, ou ainda há, acontecimentos dirigidos para o Bem, como em certos templos, etc.

Assim acontece, ao sentirem-se mal em contacto com determinados objetos usados em torturas ou que serviram para assassinar alguém. Também receberem benefícios, sentindo-se bem ao

contemplar ou pegar objetos que pertenceram a pessoas boas, como um livro, etc.

- Há muitas histórias principalmente de jóias antigas, tachadas de azaradas, de mau agouro, ou então de talismãs de sorte. Isso aconteceria pelas emanções magnéticas nelas contidas? - indaga inteligentemente Toninha.

- Jóias - responde Carlos - são, na maioria das vezes, objetos de estima ou ódio, de cobiça e disputa. Constituem algo em que se projeta mais a atenção. Por isso, são facilmente psicometradas e com histórias interessantes. Podem realmente influir benéfica ou negativamente, conforme o caso, em pessoas sensíveis que as adquirirem e usarem.

Satisfeitos com os conhecimentos que necessitávamos, encerramos os trabalhos com a Psicometria, para anotarmos um fato deveras interessante.

Durante a tarde, Fabiano e eu tínhamos visto o Sr. João matar uma ovelha, colher seu sangue numa vasilha e, para que não coagulasse, adicionou-lhe vinagre. Saímos do "hall" da escada, fomos para a sala de jantar e notamos que a refeição terminara, porém Nely continuava sentada, silenciosa e acompanhada pelos desencarnados, que também permaneciam quietos.

Ficou ali cerca de vinte minutos e depois levantou-se, dirigindo-se para a cozinha. Foi até a geladeira, retirou um recipiente fechado, abriu-o calmamente e vimos que continha sangue. Pegou um copo, despejou nele o sangue até quase a borda, fechou novamente a vasilha e a colocou de novo na geladeira, A Sra, Germana olhava-a com piedade, porém nenhuma palavra trocaram, nem para despedir-se, porque Nely, pegando o copo, saiu da cozinha, subiu vagarosamente a escada e encaminhou-se para seu quarto. Raquel mais quatro elementos do grupo acompanhavam-na, e também nós, sem contudo deixarmos que nos notassem. O quarto de Nely era bem simples, um dos menores da casa, onde havia uma cama, um

armário, uma cômoda, e a janela, que dava para a esquerda do jardim. Nely acendeu uma luz fraca, que deixou meio na penumbra o local. Em cima da cômoda não havia nada, e foi ali que a menina colocou o copo.

Abrindo o armário, onde havia poucas roupas, pegou uma caixa de sapatos que estava na frente, retirou-a e sentou-se na cama com ela na mão. Deu um triste suspiro e a abriu: dentro havia um galho e fragmentos de uma flor, ambos secos, amarronzados pelo tempo. Ficou olhando-os e pôs-se a recordar. Os desencarnados ficaram pacientemente perto da cômoda aguardando, e nós acompanhamos seus pensamentos.

Nely lembrava do enterro da mãe, pois sabia que sua vida iria mudar. Não podia confiar no pai, e a mãe era, portanto, sua proteção e consolo. Chorava sentida, mais pela pena que sentia de si mesma e pelo medo de enfrentar a vida sem ela, do que pela separação.

Ali conseguia vê-la: sua mãe estava no caixão, fria e triste, com rosas vermelhas muito bonitas enfeitando a urna funerária.

Raquel permanecia a seu lado e disse-lhe:

"Pegue e guarde a rosa que sua mãe tem entre os dedos e verá que não murchará, como não acabará o amor de sua mãe por você, porque nada acaba com a morte do corpo. Não chore, você terá sempre a mim."

"E eu que pensei" - continuou Nely a meditar - "ter ele dito isso só para consolar-me, entretanto ensinou-me um processo simples, para que esta rosa seca floresça sempre bela."

Nely parou de recordar, pegou o galho, deixando na caixa os restos da flor, e colocou-o no copo com sangue e, em seguida, fez um estranho ritual em frente desse copo. Raquel e seus companheiros olhavam impassíveis.

A menina saudou o copo, lembrando saudações a deuses antigos, porque certamente misturava os muitos credos de que já participara em suas

vidas passadas, das quais tinha ligeira lembrança.

Falava depressa e parecia recitar fórmulas das quais entendemos poucas palavras, entretanto repetia o nome de Raquel muitas vezes. Finalmente, parou, pôs as mãos espalmadas em cima do copo e ficou a olhá-lo.

Nada de anormal vimos acontecer com o galho, mas nem um minuto se passara e Nely modificou-se. A expressão de seu rosto suavizou-se, pois parecia que via algo muito belo, porém continuava a olhar o galho como que fascinada. Exclamou, baixinho:

"Floresceu! A rosa seca floresceu! Mamãe está aqui e continua a amar-me!"

Então, observamos Raquel, fixando o olhar em Nely. Entendemos que ele a hipnotizava, fazendo-a ver no galho seco um galho verde com uma linda rosa vermelha.

Nely estava alegre e, pela primeira vez, vimos que sorria. Ficou minutos olhando o galho, depois tirou-o do copo, limpou e guardou-o na caixa, que, finalmente, colocou no armário.

Quando ela retirou o galho, os cinco desencarnados sorveram os fluidos vitais do sangue existente, sem dizer uma palavrinha, mas, pelas expressões, deliciavam-se com o alimento. Logo após, saíram, deixando a menina a ~~só~~ Nely não demorou a dormir, porém seu sono era agitado, e seu corpo enfraquecido exalava odores de carnes deterioradas de que vinha se nutrindo. Bastava olhá-la, para entender que carecia urgentemente de tratamento e mudança de alimentação. Deixando-a no leito, retiramo-nos do quarto.

Raquel estava na sala e dava ordens a Honória:

"Sendo você hoje escalada para zelar Ana, não se distraia. Sabe perfeitamente que exijo que cuide bem dela. Deve colocá-la agora para descansar. Prenda-a na cama, não precisando fi-

car no quarto, porém não saia de casa e fique atenta para atendê-la no que necessitar."

"E aí de você se algo acontecer a ela!" - fala um deles com arrogância.

Honória não respondeu. Raquel e os outros quatro que estavam no quarto, saíram acompanhando José, o motorista. Asec encaminhou-se para o porão, certamente para estudar, e Honória tratou logo de cumprir as ordens.

Segurou na mão de Ana, fazendo com que se levantasse e a seguisse. Encaminharam-se para um dos quartos, entrando em um que, para os encarnados, estava fechado. Acomodou Ana num leito material e ela ficou quieta, indiferente. Honória pegou uma corrente de material mental, de fluidos, plasmada por eles, colocou no pé direito de Ana e fechou o cadeado, verificando se estava bem presa à cama. Os desencarnados usam muito objetos plasmados, sendo que os bons fazem-no para coisas úteis, porém os seguidores do Mal utilizam-nos como instrumentos de tortura ou enfeites. A corrente assim modelada pode incomodar um encarnado, sem encarcerá-lo; mas prende, imobiliza, um desencarnado como Ana.

Honória, usando uma manta também plasmada com fluidos, cobriu Ana e afastou-se, deixando-a imobilizada. Foi sentar-se na varanda, bem embaixo do quarto onde a deixara, para descansar.

Caminhamos para o canto do jardim, onde nos encontraríamos.

A noite estava quente e estrelada, reinando silêncio, que era quebrado pelos insetos ou ruídos distantes de animais.

- Aqui não há cães! - observa Leila.

- Havia - responde Mauro -, porém escutei D. Gema falar que eles incomodavam a menina Nely, com seus latidos, e que ela e José mataram todos. Lendo as lembranças da Sra. Gema, detectamos que mataram os animais a tiros de espingarda. Deduzi que os cães percebiam a presença dos



desencarnados, ladrando muito, e Nely resolveu matá-los, para que não a importunassem mais.

Após uma pausa, Carlos esclareceu-nos, sem esperar as indagações que certamente viriam, porque estávamos curiosos para entender as estranhas cenas que presenciamos.

- Vimos Honória prender Ana, certamente porque Raquel não queria que fugisse. Os desencarnados que aqui estão, usam objetos materiais e complementam, conforme suas necessidades, com aqueles que plasman. Descobrimos que sabem modelar os fluidos, pelo que vimos no laboratório e observando os que Honória usou.

- Podem fazer qualquer objeto? - indago.

- Desde que conheçam e saibam, podem - respondeu Carlos.

- Por que Raquel faz Nely ver no galho seco a rosa florescer? - quis saber Cibeli.

- Presenciamos ali um ritual. Os rituais dão confiança às pessoas acostumadas a eles. E, pelo que soubemos do passado de Nely, usava rituais de magia nos seus trabalhos. As palavras que pronunciou são uma mistura de lembranças, porém sem coerência e sem necessidade. O que aconteceu foi porque Raquel a hipnotizou. Não entendo bem a razão de ele fazer isso. Talvez fosse para que se alimentassem de sangue, mas poderiam fazer isso no sacrifício dos animais e durante as refeições. Pode ser, também, porque, com o decorrer do tempo, Raquel passou a querer bem Nely e, assim, quisesse consolá-la. Ao pedir que pegasse a flor, usou esse estranho processo e continua a fazê-lo diariamente para alegrar a menina.

Assim, Nely sente-se feliz ao ver a flor seca transformar-se!

- Ela vê Raquel. Será que não gostaria de ver a mãe? - indaga Fabiano.

- Acho que nunca pensou nisso, mas se quiser é fácil Raquel hipnotizá-la, fazê-la ver a mãe e até falar com ela. Ou também plasmar em si

mesmo ou em outros deles a imagem de Noemy - esclarece Carlos.

- Isto é fácil a Raquel, que conhece e estuda, como também deve ser a Asec: podem plasmar qualquer imagem, só não podem ter a mesma vibração, enganam imprudentes que não aprendem a distinguir os desencarnados bons dos maus pelas suas vibrações e carismas e não só pelas imagens. Não se podem igualar as vibrações, não podem demonstrar fazer sentir as irradiações, porque eles não as possuem boas. Irradiamos o que somos.

- Como ele hipnotiza Nely rápido e fácil! - exclama Leila.

- É verdade, Raquel hipnotiza fácil Nely, porque ela assim o permite e quer - esclarece-nos Carlos. - É mais fácil encarnado hipnotizar encarnado, e desencarnado a outro desencarnado. Um desencarnado hipnotizar a um encarnado é bem mais difícil. NestE:

caso torna-se possível, porque Nely afina-se com ele e gosta de ver a rosa florir. A liberdade de cada um é muito forte para que outro a anule, só com a permissão do próprio é possível. Meus amigos, devo ir agora á Colônia, ao Departamento de Socorro, para levar as informações que obtivemos e pedir permissão para ajudar Nely.

Carlos volitou e ficamos no jardim aguardando. Fabiano então, falou-nos:

- Gostaria que tivéssemos autorização para ajudá-los. Tenho piedade de D. Gema e gostaria de vê-la livre de seu vigia.

- Se não tivermos consentimento, regressaremos logo, não - indaga Toninha.

- Sim, partiremos em seguida - afirma Mauro -, mas pela experiência que tenho no trabalho com carmas, acho que ficaremos ajudaremos Nely. Parem, nesse caso, essa tarefa envolve muitos fatos e, conseqüentemente, necessita da cooperação de outros setores.

Para o bom desempenho em um auxílio assim, o trabalho deve ser bem planejado e executado.

- E pensar que tudo começou com uma brincadeira, aparentemente inofensiva para muitos encarnados, mas com possibilidade de ser, como neste caso, de conseqüências tão graves! - suspira com piedade Toninha.

Ao trocarmos idéias sobre os acontecimentos, o tempo passou rápido e, antes de completar uma hora que Carlos partira, retornou com fisionomia alegre:

-Amigas, o trabalho espera-nos! Recebemos a permissão. Nely e seus companheiros serão ajudados.

Ficamos por meia hora a planejar como seria realizada a tarefa. Começaríamos já, naquela mesma noite. Tudo deveria ser feito com rapidez, pois nosso objetivo era doutrinar as Entidades espirituais que ali estavam, todas elas se possível, e depois conduzir os encarnados para o caminho do Bem. Carlos, sempre disposto a orientar-nos, deu as últimas instruções:

- Faremos deste canto sossegado do jardim nosso ponto de encontro.

Agiremos com cautela, procurando ajudar separadamente a cada um deles. E quanto mais tardar saberem de nossa presença aqui, melhor. Trabalharemos em grupo, pois não é aconselhável agirmos sozinhos. Primeiramente libertaremos Ana, mas, para isso, precisamos isolar Honória, para que não perceba. Vamos, claro realizar a ajuda no menor tempo possível. Nely corre risco de desencarnar, se continuar com essa alimentação errada.

Caminhamos para perto de Honória e Carlos fez um círculo magnético em sua volta. Ela nem notou, continuando quieta, sentada e distraída em seus pensamentos. Entramos no quarto onde Ana estava, e Carlos, com simples toque das mãos, abriu a corrente.

Dirigiu-se, então, às nossas companheiras:

- Toninha e Leila, por favor, levem Ana para uma de nossas enfermarias na Colônia, deixem-na instalada e voltem. Lá, sem a presença de Raquel que a intimida, e no ambiente salutar da Colônia logo se recuperará e ficará boa.

Toninha e Leila acomodaram Ana em seus braços e volitaram.

- Bem - diz Carlos -, ajudemos agora D. Gema. Vamos conversar com seu vigia.

Fabiano sorriu, e suspirou:

- Queria tanto isso... livrar D. Gema de seu vigia. Posso, Carlos, dar um passe nela e limpá-la dos fluidos nocivos?

- Sim, Fabiano - responde nosso instrutor -, pode ajudar a Sra.

Germana, porém não conseguiria só com um passe limpá-la desses fluidos pesados, porque são muitos e, por aqui, tudo é saturado de energia negativa. Porém, enquanto conversamos com o desencarnado, preste-lhe auxílio.

Entramos nas acomodações do casal. No quarto simples e pequeno, D. Gema preparava-se para deitar, enquanto que o esposo, Sr. João, já estava repousando. Os dois deveriam estar na faixa etária dos 60 anos, entretanto pareciam muito cansados, desanimados e tristes. O Sr. João reclamava para a esposa no momento em que entramos:

- Gema, sinto-me doente. Esta chácara parece-me tão triste e, por isso gostaria de ir embora daqui!

-Acalme-se, João. Ir embora? Para onde? E José? Nosso filho '.. é ruim e bêbado. Em que lugar o aceitariam? E depois, que será de Nely se formos embora?

- Nely! É tão doída quanto José! Não vê de que se alimenta?

Como age? Leva sangue para o quarto. E o que faz com ele? Não o sabemos... quase não fala essa menina. O pior é que quem mata os pobres bichinho sou eu. Que situação esquisita! Ela bem que poderia morar com a tia e, assim, iría-

mos embora. Nem para rezar tenho sossego! Parece estranho, porém todas as vezes que tento, sinto ferroadas na cabeça.

Sentado, no canto do quarto, estava Lemão, o desencarnado que a vigiava. Observava tudo com indiferença.

- Será que ela não consegue mesmo orar com ele por perto? - indaga Cibeli.

- Realizar algo depende somente de cada um de nós, pois temos nosso livre-arbítrio, e a oração é a maior força de que dispomos para resolver nossos problemas. Germana quer orar, porém sua vontade é fraca e ainda se deixa envolver com facilidade pela influência do desencarnado que a vigia. Cede ao domínio dele, ou à tentação vinda de outrem. Se quisesse realmente orar, conseguiria, mesmo com ferroadas na cabeça. Vamos levar Lemão para o jardim.

Com uma rede magnética, Carlos o envolveu, isolando-o, para que não chamasse e alertasse os companheiros. Foi conduzido para o jardim e sentiu-se como que atordoado, sem saber o que estava acontecendo. Tentou chamar os comparsas, mas não conseguiu.

Carlos abriu o círculo magnético e Carlos, Cybele, Mauro e eu entramos nele. Nisso, Lemão, podendo ver-nos, ficou muito assustado.

Lemão era o que apresentava melhor aspecto entre os do grupo.

Alto, deveria medir cerca de dois metros, louro, bem claro, cabelos cortados curtos, vestia roupa preta, e usava correntes de metal no pescoço e pulsos. Ficou alguns segundos observando, até que nos perguntou:

- Quem são vocês? Que querem?

- Somos servidores do Cristo. Trabalhamos para o Bem e amamos todos como irmãos - responde calmamente nosso instrutor.

- Irmão?! - falou Lemão, estranhando. - Que quer dizer irmão?

Julga que sou também seu irmão?

- E - responde com firmeza Carlos.

Carlos era estudioso e servidor do Bem há anos, e bastava olhar para um desencarnado ignorante da verdade, seguidor do Mal, como Lemão, para saber de suas reações e conhecer seu passado, seu nome, além de tudo o que se referisse a ele e pudesse ser útil.

Lemão não parecia ser de difícil conversação. Carlos continuou:

- Somos irmãos, criados pelo mesmo Pai, separados somente pelo diferente modo de viver.

- São fortes? Quero dizer, vocês podem mesmo?

- Se pensa que tememos Asec ou Raquek, engana-se. Não tememos semelhantes irmãos que, temporariamente, escravizam-se no mal - fala Carlos.

- Eles são perigosos... - Lemão muda o tom de voz e fala bem baixinho.

- Por que nos diz isso? - indagou Mauro.

- Bem, fico sempre do lado do mais forte. Estou mesmo desorientado, com medo e não sei o que fazer. Não sou bobo, sou inteligente, e sei que, se vocês me prenderam, não conseguirei fugir.

Que farão comigo? Serei seu escravo?

- Os seguidores de Cristo não fazem escravos - falei. - Lutamos para libertar todos e para que sejam felizes.

- Conversas! - Lemão tenta sorrir -, sabemos que os bons são intrometidos e que fazem maldades a nós, pobres moradores do Umbral.

- Se você nos considera bons, como é que, sendo bons, fazemos coisas ruins? Por acaso já comprovou se praticamos o mal?

- indagou Carlos.

- Não, só me disseram - suspira Lemão. - Afinal, dizem tantas coisas, mas a principal é para que não fujamos nem procuremos os do Cordeiro.

- Não tem vontade de mudar de vida? - indagou Cybele.

- Sim, moça, tenho. Mas sinto medo, e meu medo faz com que obedeça e fique quieto. Sei que erro, porém não vejo outro recurso.

Estou no mato, sem cachorro. Se desobedeço, sou castigado, se procuro os bons e eles não me quiserem, estou enrascado; ou, se os bons me aceitarem, fico escravo deles.

- Engana-se, Mário, não queremos escravos, mas, sim, amigos e irmãos - bondosamente expressou-se Carlos.

- Como sabe meu nome?! - Lemão arregala os olhos.

- Conhecemos muito de você. Sei que seu nome é Mário e que não era bem sua intenção procurar o Bem, ou os bons, como nos designa. Mas, se vier conosco, não será como escravo e sim como companheiro; porém exigimos que mude a maneira de viver. Nada de vampirizar encarnados para fumar ou beber, nada de falar obscenidades.

Deverá respeitar todos e aprender a amar os outros como a si mesmo.

- Isso não é difícil? Gostar de quem nos quer bem, é fácil. Porém...

- Porém, Lemão - arrebatou Carlos -, todos somos amados igualmente por Deus. É como filho amado que Ele lembra agora de você e, por nosso intermédio, convidando-o a mudar de vida e nos seguir.

Lemão permanece quieto e pensa rápido no que ouvira. Vê cenas tristes de sua vida no Umbral. Olha para cada um de nós, analisando-nos:

- Vocês são felizes? - indagou.

- Sim, porque somos livres, porque fazemos o Bem, porque amamos - respondo.

- Se eu for com vocês, eles podem pegar-me? Não? Vocês garantem?

- Sim, porque para onde você vai, eles não podem ir. Mário, queremos levá-lo modificado. Arrependa-se de seus erros, peça perdão a Deus, faça um propósito de emendar-se e queira ter outro tipo de vida - expressou Carlos.

Lemão começa a ver seus erros. Vem-lhe à mente as cenas dos acontecimentos vividos por ele lhe, independentemente de sua vontade. Inquieta-se a princípio e depois chora. Seu pranto é sincero, pois sente vergonha e, no momento, tem vontade de mudar de vida, de ter paz e tranqüilidade. Em voz alta, brada:

- Deus! Oh! Pai, perdoa-me!

Carlos abraça-o, e ele se admira com o carinho que recebe, dizendo comovido:

- Ajudem-me! Levem-me com vocês!

Mauro e Cybele levaram-no para a Colônia, onde seria deixado numa de suas escolas, apropriada para recuperação de Espíritos que, de seguidores das trevas, receberiam a luz do aprendizado do Bem.

Toninha e Leila, que haviam deixado Ana para tratamento na enfermaria da Colônia, reuniram-se a nós; e Fabiano, que havia ficado com D. Gema, contou-nos, alegre:

- D. Gema conseguiu orar e chorou emocionada. Agora ela e o Sr. João dormem sossegados!

- Conseguimos converter Lemão! - exclamei, contente.

- Não se entusiasme tanto, Antônio Carlos, porque Mário, o Lemão, era o mais fácil. - falou Carlos.

Lemão não era mau realmente, e estava no bando por comodismo e medo. O fato é que se cansara da vida que levava, porém, por falta de coragem e fé, nela continuava.

Com o retorno de Mauro e Cybele, aproximamos-nos de Honória, que continuava sozinha e distraída, pensando e recordando seu passado. Entramos no círculo magnético em que a tínhamos deixado, porém ela não nos percebeu e Carlos a motivou a continuar pensando, recordando, e nós seguimos seus pensamentos.

Honória pensou na vida simples e pobre que tivera quando menina.

Mocinha, conhecera Mayo, apelido de seu companheiro Jair, e com ele foi morar. Era ele



chefe de um bando de ladrões. Residiam, ou melhor, escondiam-se, ela e outras mulheres do bando, na montanha, lugar de difícil acesso, onde o grupo de homens ia e vinha após seus assaltos. Teve cinco filhos, mas dois morreram logo após o nascimento. Um deles, o segundo, Luís, era meigo e bom, uma flor no meio dos espinhos. Os outros dois pareciam com o pai e, desde meninos, acompanhavam-no e já roubavam. Luís não queria seguir os exemplos do pai, não gostava de acompanhá-lo e tudo fazia para ficar com Honória, e ela, como mãe, defendia-o, dizendo que ele não iria para ficar cuidando dela. Mayo começou a forçá-lo a roubar e, não conseguindo, passou a odiá-lo. Honória amava o filho, porém achava que também deveria seguir o pai e tudo fazia para convencê-lo. Luís, entretanto, era diferente, de gênio bom, repartia tudo o que tinha com os outros, gostava de trabalhar, mas honestamente. Um dia Luís disse a ela que ia embora, que partiria para longe e ela contou ao marido. Mayo ficou furioso e o matou.

Honória chorou, sentindo a morte do filho. Depois de desencarnarem todos, ela nunca mais viu o filho assassinado. Ficou com Mayo de bando em bando no Umbral, juntamente com os outros dois filhos que, no momento não estavam com ela, mas os via sempre e sabia deles. Entretanto, nada sabia de Luís. Mayo não gostava de recordar o passado, continuava grosseiro com ela e não a deixara remoçar, para que não o traísse, e continuasse como sempre a ser sua serviçal.

Mayo surrava-a bastante, quando encarnados, e agora na espiritualidade, mostrava-se ciumentoso, bastando estar nervoso, para descontar nela. Estava sempre com outras mulheres, sendo desde o tempo das montanhas, traía-a sempre.

Tivemos compaixão de Honória, pois havia cometido erros, mas amava seus filhos e doía-lhe

o remorso por ter dito a Mayo que o filho Luis ia partir.

- Boa-noite - disse-lhe Carlos.

Honória deu um pulo, levando um enorme susto, e olhou com medo. Depois, instintivamente, tentou correr e, não conseguindo passar pelo círculo magnético, gritou por socorro:

- Mayo, Mayo, Raquel, Asec, socorram-me!

Depois de um minuto debatendo-se e gritando, cansou, se sentou-se no chão e, encolhendo-se, ficou a nos olhar apavorada.

- Honória, por favor, escute, somos amigos - falou carinhosamente Leila.

- Não quer conversar conosco? - indaguei.

Ela não respondeu e Carlos interferiu:

- Pensa no seu filho Luís? Bom moço esse seu filho!

- Conhece-o? Como ele está? - indagou com voz trêmula.

- Por que nos teme? Se nos ouvir, verá que só queremos ajudá-la - continuou Carlos.

- Nunca fiquei presa!... Nunca outro bando conseguiu prender-me.

Não conheço vocês, nunca vi gente tão esquisita... são educados. Vocês não são do bando do Tonhão, são? A que bando pertencem?

- Somos membros dos Obreiros do Bem, cios Cordeiros do Cristo, ou seja, os trabalhadores de Jesus - respondeu Carlos, procurando achar um modo de nos apresentar.

- Estranho - disse Honória, relaxando -, vocês também prendem gente?

- Só em casos especiais. Você não está presa, mas provisoriamente dentro de um círculo magnético, para que possa ouvir-nos sem fugir - respondi.

- Que querem falar comigo? Como sabem meu nome?

- Honória, sabemos o bastante de você, para convidá-la a nos seguir e conhecer outro tipo de vida - falou Mauro.

- Vocês são muitos e eu estou só. Por que não conversar com todos juntos?

- Conversaremos com eles depois - respondeu Fabiano. - Agora queremos ajudá-la.

- Não pedi ajuda! Não quero ajuda! Se Mayo escutar, pensará que fui eu quem pedi socorro a vocês. Vai me prender e me torturar.

- Honória, não tema! Acalme-se! Veja nesta tela o local para onde a levaremos.

Carlos plasmou a tela que colocara na frente de Honória, e projetou nela a Colônia, suas belezas e o modo de vida de seus habitantes. Ela observou tudo e, encantada, sentou-se no baneolindo! - exclama.

- Será sua moradia se vier conosco - continuou Carlos -, se quiser mudar seu modo de viver, largar o bando e aprender a fazer o Bem. Esta vida não a aborrece? Não lhe dá um vazio?

Honória esfregou os olhos, ajeitou a roupa e observou-nos novamente:

- Como posso confiar em vocês? Não estão me enganando?

- Nós não enganamos ninguém. Nunca ouviu falar de socorristas, dos trabalhadores do Bem? - indagou Toninha.

- Sim, já. Mayo diz sempre para ficarmos afastados deles, e até nos escondermos, porque são como polícia, prendem-nos.

- Honória - falou Carlos -, não somos polícia, mas socorremos os que sofrem e tentamos alertar os moradores do Umbral, sobre as verdades, sobre os ensinamentos de Jesus, para que eles conheçam um outro tipo de vida e possam ter paz. Somos felizes e queremos que todos também sejam. Nunca pensou em ser feliz, em morar num lugar onde a respeitem, sem que seja surrada ou ameaçada de torturas, onde todos são iguais e têm os mesmos deveres e direitos?

- Onde vocês moram, vive-se assim?

- Sim. Lá existe ordem, tranqüilidade, e poderá estudar e aprender a viver no Bem - res-

pondi. - Aproveite a oportunidade e mude de vida.

- Mayo não deixa. E, se eu o abandonar, até vocês serão castigados!

- Você já ouviu falar que algum socorrista, trabalhador do Bem, fosse apanhado pelos moradores do Umbral e castigado? - pergunta Leila.

- Não, nunca soube.

- Então - argumenta Carlos -, não há o que temer. Eles nem nos estão vendo, porque assim o desejamos. Nossas vibrações são diferentes. Se estiver conosco, nada poderão fazer contra você!

Também, acredito que todos os do grupo virão conosco.

- E meus outros dois filhos?

- Você poderá vê-los e, quem sabe no futuro, ajudá-los - respondi.

- Sinto, senhores, não irei. Deixem-me passar, pois já conversamos muito. Fico por aqui, que já me acostumei com esta vida.

Carlos não desanimou:

- Você sabe, Honória, que o corpo morre e o Espírito continua vivendo. Sabe também que vivemos um período no corpo material, e outro como agora, no Plano Espiritual, para depois voltar novamente a outro corpo físico, não sabe? Você deverá encarnar e já pensou como será seu corpo, se continuar errando? Como será sua reencarnação?

Carlos projetou na tela alguns erros dela. Honória estremeceu, olhando fascinada, e os enganos foram passando, coisas erradas que fizera desde menina, até as mais recentes. Depois projetou um corpo defeituoso, como seria o seu. Honória assustou-se.

- Seus erros e a perseverança no jeito de viver erradamente levarão seu Espírito a vestir um corpo de carne assim. Mude de vida, Honória, volte ao Bem. Além de medo e humilhação, que mais oferece esse tipo de conduta a você? Quando estava encarnada, você orava? Nunca ouviu

falar de Jesus? Venha conosco! Se não quiser vir, teremos que levá-la para esclarecimento, numa incorporação, num Centro Espírita, - falou Mauro.

- Mayo não me achará? Vocês têm certeza?

Carlos projetou novamente a Colônia na tela e indagou:

- Vocês já foram lá?

- Nesse lugar, não. Conheço de longe o Posto de Socorro e nunca conseguimos tirar alguém lá de dentro.

- Já tem a resposta - falei -, lá começará vida nova e irá gostar.

- Sou realmente infeliz, por mais que aparentemente alegria... Somos infelizes! Quero tentar ser feliz!

- Longe de Deus, ninguém consegue ser feliz. Distante do Pai, aparentamos alegria, sem realmente a possuímos. Ninguém é feliz no caminho do Mal. Lá, Honória, você encontrará a felicidade e terá paz.

Mauro e Fabiano pegaram-na, um em cada braço e volitaram, antes que pudesse mudar de idéia.

Carlos explicou-nos:

- Honória irá para a Escola de Recuperação e tenho certeza que gostará. Logo que estiver adaptada, não irá querer sair de lá.

Foi muito maltratada com Mayo e o bando, porém lá receberá carinho e respeito.

- Encontrará Luís, o filho? - indagou Leila.

- Poderá saber dele com facilidade, dentro de pouco tempo, pois na Colônia terão como informá-la. Conseguirá também ajudar seus outros filhos, em futuro próximo - respondeu nosso instrutor.

Com exceção de Asec, que trabalhava no laboratório, os outros desencarnados não estavam em casa. Resolvemos aguardá-los, ficando no jardim.

- Tentaremos conversar com eles - disse Carlos, - Procuraremos esclarecê-los, porém, se não conseguirmos, levaremos todos para um Cen-

tro Espírita, dirigido por um amigo encarnado, que é o Sr. José Carlos Braghini. Então, através da incorporação, serão orientados e, depois, levados para uma Escola de Recuperação.

- Escola de Recuperação? Explica-nos, Carlos, como funciona?

- pediu Toninha.

Carlos não se fez de rogado e, entusiasmado, falou:

- No Plano Espiritual, o desencarnado tem muitas oportunidades de estudar. Para os desencarnados que desconhecem até que seu corpo físico morreu, há escolas que conhecemos, onde irão aprender sobre o mundo espiritual. As escolas de recuperação existem em algumas Colônias distribuídas pelo Brasil. São locais fechados, onde o aluno não pode sair, até que conclua seus estudos.

E dirigida por mestres de conhecimentos, irmãos virtuosos, estimulados a fazer o Bem, pelo bem. Raquel e seus companheiros, Espíritos ativos, de muitos conhecimentos, sem contudo serem espiritualizados, quando estiverem doutrinados, vão redimir-se, harmonizar-se e aprenderão a servir ao Bem. Essas escolas são muito bonitas, além de bem equipadas. Lá ficam o tempo necessário: meses ou anos, num estudo que lhes dará compreensão das verdades eternas. De filhos das trevas, passarão a filhos da luz.

- Levar para serem doutrinados através da incorporação, é mais fácil? - indaga Cibeli.

- O doutrinado irá sentir as vibrações materiais; sentirá como encarnado por minutos, sentirá o corpo físico que há muito não o tem, não gosta e teme só de pensar que voltará a encarnar. Sente-se dominado pela matéria que despreza. Acostumado a dominar mentes, sente-se dominado pelo doutrinador. Todos eles, esses irmãos trevosos, sabem que um dia serão julgados e, ao se sentirem dominados, acham que esse julgamento chegou. No íntimo, reconhece-se incorporado frente a espíritos desencarnados e encarnados

maiores que ele; sente que ali achou um caminho para possuir um valor maior, o espiritual. Sim, é mais fácil doutrinar um irmão incorporado - conclui Carlos.

Já passava de uma hora da manhã, quando José, o motorista, voltou tão bêbado, que mal conseguia sair do carro. Ajudado pelos desencarnados que o acompanhavam, foi para o quarto.

O grupo de desencarnados ficou na varanda. Havia muita conversa, falavam baixo e riam muito, diziam palavrões e obscenidades.

Após meia hora, Isabelita, outra agregada ao grupo, de aparência jovem, bonita, muito enfeitada e pintada, desceu para o porão para encontrar-se com Asec.

Raquel entrou na casa, acomodou-se no sofá da sala e lá ficou.

Quatro deles, Tião, Caixão, Ramu e Mayo, continuaram na varanda.

Carlos disse-nos:

- Vamos concentrar-nos em Tião e fazê-lo afastar-se do grupo.

Tião era moreno, alto, quase preto, vestia calça larga e um colete de couro preto. Não tinha mais nenhum enfeite, além de um cinto largo e nele enfiados punhais e facas.

Inquietou-se com os fluidos que recebia de nós, calou-se e já nem ouvia mais os companheiros. Insistimos, sugerindo que andasse pelo jardim. Deixando os amigos sem dizer nada, desceu devagar os degraus da varanda, caminhou pelo jardim e foi sentar-se num dos bancos. Ficamos à sua volta e Carlos explicou-nos:

- Vamos tentar fazer com que recorde seu passado, revivendo-o.

Podemos dominá-lo com lembranças, inclusive incluindo fatos que lhe provocarão remorso e, com isso, talvez façamos com que peça ajuda. Ajudem-me, amigos, vibrando em favor deste irmão.

Tião continuava inquieto, e Carlos olhava-o fixamente. Começou, então, a recordar o passado e fomos acompanhando suas lembranças.

Era de família pobre, com muitos irmãos, e sempre foi arteiro e briguento. Todos o desprezavam, menos a mãe, que muito o amava. Mulher meiga e bondosa sempre tivera paciência com ele e carinhosamente o aconselhava a mudar o jeito de vida. Ainda adolescente, saiu de casa e juntou-se a um grupo de vadios, começando a roubar e meter-se em brigas. Por várias vezes, teve que se esconder da polícia, ocasião em que contava com a ajuda da mãe.

Escondia-se nas montanhas e grutas, e ela levava-lhe, à noite, alimentos e roupas, tirando de seu sustento para ajudá-lo. Nunca ficava magoada com ele e repetia sempre:

"Tião, filho, Deus existe e o vê. Um dia terá que estar diante dele e como se sentirá? Seja honesto, filho, não maltrate as pessoas, porque um dia será maltratado também."

Numa briga, matou um homem e foi preso. Sofreu na prisão, mas isso só lhe deu ódio. Quando encarcerado, soube da morte da mãe e sentiu muito. Aproveitando uma oportunidade, fugiu e foi para longe, continuando na vida errada, porém sempre com saudades da mãe. E, ao recordar dela, além de doer-lhe, parecia que a ouvia repetir:

"Mude de vida, filho!"

Evitava, então, pensar nela.

Tião enxugou as lágrimas, olhou para os lados e, vendo que ninguém do grupo o observava, continuou a recordar.

Passados muitos anos, voltou à terra natal e soube que seu pai também falecera; procurou um de seus irmãos que, em troca de dinheiro deu-lhe hospedagem. Gostava desse irmão, que era pobre, trabalhador, com muitos filhos, mas não lhe fizera perguntas e nem ele disse nada de seu passado. Esse irmão tinha uma filha, Elizinha, com doze anos. Menina meiga, bondosa e pa-



recidíssima com sua mãe. Ela tratava-o bem, dava-lhe atenção, carinho e, por isso, gostava dela, que fazia com que se lembrasse muito da mãe. Certo dia, ao ficar sozinho em casa com ela, confundiu os sentimentos, violentou-a, matando-a em seguida. Fugiu e nunca mais voltou, mas, pela primeira vez, sentiu-se apavorado e jamais teve sossego. Cometeu outros crimes, e de nenhum deles tinha remorsos, somente desse.

Não deixamos Tião parar de pensar e fizemos com que recordasse várias vezes os conselhos da mãe. De repente, Tião exclamou alto:

"Encarnamos muitas vezes! Agora me lembro disso. Será que minha mãe não era Elizinha? Ai de mim, sou miserável! Matei Elizinha que gostava de mim e, como mamãe, amava-me. Foi ela a única pessoa que se importou comigo."

Carlos sempre olhando fixo para Tião, fez com que pensasse em Elizinha. A imagem da garota veio-lhe à mente e lhe falamos, através da imagem da menina:

"Já perdoei o senhor, tio! Perdoei, como Jesus perdoou os que o crucificaram. Fique bom, titio, fique!"

"Não posso!" - respondeu Tião em voz alta. "Seu tio não tem jeito... Sou ruim."

"Claro que tem!" - continuamos a falar através da imagem que projetamos no cérebro de Tião. - "Jesus perdoou o ladrão da cruz.

Peça perdão, volte a Deus, ao Pai que nos criou. Deixe essas más companhias, deixe de maldades e aprenda a fazer o Bem. Quem assim faz, não teme, não sofre de remorso."

"Oh! O remorso dói tanto! Por que fui fazer mal a quem tanto bem me fez?"

Tião chorava sentido, arrependido realmente desse erro, pois doía-lhe o remorso. Mas nunca se lembrou de pedir perdão, achava-se indigno de ser perdoado, e pensava também que era com os maus que deveria ficar.

Carlos fez com que pensasse na mãe novamente e, assim, falou-lhe:

"Tião, meu filho, aceite minha bênção."

"Abençoa-me, mãe? E eu fiz tantas vezes a senhora chorar, e foi até morreu pelo desgosto que lhe dei!"

"A mãe que ama, não esquece o filho. Amo você, sofri por você e sofro, porque sei que, entre os maus, não irá ser feliz."

"Por favor, por favor, não sofra mais por mim. Não sofra!"

Tião não desconfiou que o forçávamos a pensar, mas nada fez para parar. Esqueceu-se dos companheiros, falava alto e chorava.

A imagem da mãe falava por nós:

"Como ser feliz, meu filho, vendo-o sofrer! Peça perdão a Deus, volte ao Bem, recupere-se entre os bons."

"Pedir perdão? Peço! E se Deus for como minha mãe, Ele me perdoará! Mas como encontrá-lo?" - falou chorando Tião. "Será que Deus está no Posto de Socorro, que só conheço de longe? Oh! Meu Deus, perdoe-me!"

Tião levantou-se, Carlos abriu o círculo magnético e ele volitou.

Seguimos seu caminho. Foi até o Posto de Socorro, perto da Crosta, e bateu no portão:

Abram! Quero pedir perdão a Deus! Quero ser bom! Socorram-me em nome de Deus e de minha mãe!"

Carlos emitiu, em pensamento, pedido de ajuda aos trabalhadores do Posto, inclusive para abrirem o portão. Vendo-o aberto, Tião entrou correndo. Carlos tornou-se visível a ele e o atendeu:

- Entre, irmão Sebastião! Deus está aqui e em toda a parte. Você aprenderá a vê-lo em todos e em tudo, até dentro de você. Seja bem-vindo entre nós!

Chorando, Tião deixou que Carlos o abraçasse e foi conduzido para o interior do Posto. Os fluidos salutares fizeram com que sentisse sono e exclamasse:

- Tenho sono! Meu Deus! Quanto tempo faz que não tenho a bênção do sono para esquecer!

Dormiu nos braços de Carlos, e o levamos para a Colônia, onde seria encaminhado para a Escola de Recuperação.

- Amor! Que bonito sentimento tem a mãe de Tião, para com ele! - exclama Cibeli.

- É verdade - completou Carlos -, quando uma mulher purifica seus sentimentos e ama grande e sabiamente os filhos, planta no espírito deles a boa semente, que um dia germinará. Tião estava perdido no mal e com más companhias, por isso não conseguiu fazer brotar a semente que, amorosamente, a mãe plantou nele.

Diante de um amor materno puro, poucos são os que não se curvam.

Na maternidade, tem a mulher grande oportunidade para amar, auxiliando os que temporariamente são seus filhos, a se redimirem.

O amor materno é dos mais puros sentimentos que nós, humanos, podemos sentir ou ter. Infelizmente, muitos não conseguem isso.

- Honória! Onde está? Velha idiota!

Mayo gritava alto, proferindo palavrões e, como não foi atendido, fez terríveis ameaças. Aproximamo-nos da varanda. Ramu e Caixão vieram correndo e logo veio também Raquel, Asec e Isabelita.

- Que aconteceu? Mayo. Pare de gritar! - falou Raquel com voz baixa.

- Honória sumiu - respondeu, abaixando o tom de voz, mas bastante nervoso.

Ao escutar a resposta, Raquel foi rápido para o local onde deveria estar Ana e, segundos depois, escutamos:

- Ana também sumiu! Ana não está aqui!

Voltou para a varanda e Asec indagou:

- Sumiram? Ninguém some assim, só por sumir. Quem não está aqui, está em outro lugar.

- A corrente que foi colocada no pé de Ana está aberta - explicou Raquel, demonstrando certa intranqüilidade.

- Vamos analisar esse sumiço friamente - falou Asec, calmo. - Vocês já as procuraram?

- Não procurei - replicou Mayo -, Honória atende-me sempre, de onde estiver, vindo quando a chamo.

- Vocês aí, sabem de alguma coisa? - indaga Asec aos que ficaram. - Não sabem? Onde estão os outros, Lemão e Tião? Não confio muito nesses dois. Ramu, vá procurar os dois pela chácara e por onde costumam ir. Você, Mayo, em vez de gritar, vá procurar Honória, que só pode estar visitando os filhos, ou não ouviu você chamar, por causa da tempestade forte que hoje houve no Umbral.

E você, amigo Raquel, não se preocupe, pois Honória deve ter levado Ana para passear. Se não foi por causa disso, só pode ter fugido, e Honória com medo saiu à sua procura. Pensando bem, se Ana fugiu, só poderá estar na casa em que vivia quando encarnada, com algum parente ou amigo encarnado. Vão procurá-las.

Aparentando estarem mais calmos, Mayo e Raquel volitaram.

Ramu saiu em direção aos fundos da casa e Caixão ficou sozinho na varanda, enquanto que Asec e Isabelita retornaram ao porão.

- Vamos isolar Caixão e levá-lo para o jardim - disse Carlos.

Jogamos uma rede magnética nele. Ficou tonto e perdeu os sentidos, a beira de um desmaio, para os encarnados. Fechamos a rede e o levamos para o nosso canto do jardim. Mauro ficou a vigiá-lo.

Retornamos à varanda e não esperamos muito, Ramu voltou e, logo em seguida, Raquel, a gritar por Asec, que veio logo.

"É estranho esse mago: estava preocupado, mas continuou a agir do mesmo modo, calmo e frio" pensou Raquel. Depois olhou bem para os dois companheiros, observando tudo, a varanda, o jardim, a casa, e disse:

- Nada, Asec! Ana não estava lá, nem esteve. Não gosto disso!

Que poderá estar acontecendo? Ramu também não encontrou os outros, e Caixão, que ficou aqui, também sumiu. Acha que pode ser seu rival?

Asec parecia pensar e, após alguns segundos, respondeu:

- Não, não é! Se fosse, eu sentiria. Não conseguiria estar aqui sem que eu soubesse; depois ele iria querer a mim e não aos que me acompanham. Volto ao laboratório, vou tentar saber o que há e, se Mayo voltar com notícias, avise-me.

Asec desceu rápido ao porão e Carlos fez sinal para que o seguissemos.

Todavia, Vimos, com espanto, que o mago pegava seus pertences com rapidez e os colocava numa sacola. Estremeceu quando entramos. Rapidamente, pegou a mão de Isabelita que estava muito assustada, e desapareceram de nossas vistas, volitando.

Asec despediu-se, não o víamos mais, mas escutamos sua voz demonstrando calma, falando baixo:

- Carlos, você e seu bando não me pegarão! Não desta vez!

Sou mais esperto que vocês, bobocas do Bem! Talvez um dia o enfrente, mas devo aprender a vencê-lo. Adeus!

- Asec e Isabelita foram embora? Como Asec conseguiu perceber nossa presença? - indagou Leila.

- Fugiram juntos. Vejam, levou tudo o que lhe poderia ser útil.

Só deixou os companheiros, confirmando o grande egoísta que é.

Entretanto, não menosprezemos os conhecimentos de Asec, pois é estudioso. Percebeu nossa presença, acredito até que nos tenha visto, porque, com o sumiço de alguns membros do grupo, sentiu que somente nós, os socorristas, po-

deríamos estar aqui. Quanto a saber meu nome, deve ter ouvido um de vocês falar.

- Vamos atrás dele? - quis saber Fabiano.

- Não, Asec fugiu, abandonou o local e creio que não voltará.

Nossa missão consiste em ajudar Nely e afastá-la desses desencarnados.

É claro que ajudaríamos melhor, encaminhando-os para o Bem, porém ir atrás de Asec, que se afastou daqui, seria outro trabalho para o qual deveríamos ter permissão. Quanto a querer preparar-se para enfrentar-me um dia, talvez tenha esquecido que não estarei ocioso, pois evoluo todos os dias e, se ele nesse período aprender e tiver dado dez passos, terei dado doze. Porém esses Espíritos não gostam de enfrentar os servos de Jesus, porque sabem que o Bem é mais forte, e por isso fogem de nós, como de suas consciências. Não nos preocupemos com ele, Fabiano, pois esse tipo de vida que Asec leva, fará com que se canse e procure um dia a Verdade e a Paz, no Bem.

Voltamos à varanda. Ramu e Raquel nada perceberam.

Observei Ramu, era um tipo bem estranho e feio, de rosto comprido. Estava sempre com a cabeça inclinada para a frente do corpo. Possuía olhos frios como aço, sorriso cínico e só tinha os caninos; de lábios finos, alto e magro, as mãos desproporcionais, unhas longas e finas. Vestia roupas largas de tom amarelo forte e roxo. Notamos ainda que se pervertera na sexualidade.

Conversava com Raquel em voz baixa:

- Não estou gostando disto, Raquel, tenho Asec por chefe, gosto de Mayo como companheiro de muitas épocas e, se ainda estou aqui, é por eles. Vou só esperar Mayo chegar e, conforme as notícias, me mando.

- Desconfio do rival de Asec e estou com você. Vou embora daqui também. Asec que se vire. De qualquer jeito, encontro Ana e, se não con-

seguir, não me importo, porque já me cansei dela.

Está perturbada e não há meio de fazê-la voltar à razão.

- Vai deixar a doida da Nely, Raquel?

- Por que não? Nada tenho com ela.

- A menina vai sentir sua falta, pois acostumou-se com você.

- Que se dane! Aqui vim temporariamente, mas sempre quis voltar para a Europa, e gostaria que Ana melhorasse para irmos juntos. Planejava partir em breve, mas agora acho que partirei já.

Se Nely sentir minha falta, azar dela!

Mayo regressou nervoso e falou apressado:

- Nada! Ninguém viu Honória por lá. Vocês a encontraram?

- Não - respondeu Raquel -, desçamos ao porão, parece que Asec não nos escuta.

Desceram e se espantaram. Mayo falou, irado:

- Fugiu! Se Asec levou seus apetrechos, fugiu e só com Isabelita.

Covarde! Está sempre escapando. É melhor irmos também. Quem será que nos persegue?

Os três estavam perto um do outro, olhavam o laboratório, preparando-se para voitar e fugir. Jogamos uma rede magnética neles, e Mayo ainda exclamou:

- É tarde, prenderam-nos! São os do Cordeiro!

Perderam os sentidos. Ajeitando-os na rede, volitamos, levando-os para o Centro Espírita, onde seriam doutrinados através da incorporação.

Carlos explicou-nos:

- Estes três, só diante de uma força maior, para entregarem-se ao Cristo. Conversar com eles seria perda de tempo.

Os trabalhadores do Centro receberam-nos com alegria. O local não era grande, porém bem organizado, tanto no aspecto material como no espiritual. Deixamos os três adormecidos, com a

informação de que seriam atendidos naquela mesma noite. Voltaríamos para a reunião e vibraríamos em favor de sua recuperação.

Voltamos à casa de Nely, quando ela saía para a escola. Estava séria, como sempre.

- Parece que não sente falta dos companheiros desencarnados - falou Fabiano.

- Ainda não - explicou Carlos. - Acho que nem sempre eles a acompanham à escola.

- Não é perigoso afastar Raquel de Nely dessa forma? - exclamou Toninha. - Afastar, assim, um obsessor não seria prejudicial à menina?

Carlos, bondosamente, respondeu:

- Uma desobsessão rápida não é aconselhável, porque, numa obsessão, o desencarnado e o encarnado estão tão ligados que, separá-los bruscamente, é como cortar um fluxo de sangue. A obsessão tanto pode ser amorosa como por ódio, porém sempre envolve sentimentos fortes, que fazem um necessitar do outro. Não é o que ocorre no caso de Nely. Raquel não a ama nem a odeia, mas a usa para uma finalidade. Nely, por sua vez, tem em Raquel a segurança de realizar seus anseios, ela também não tem vínculo de sentimentos com ele. Ambos têm interesses: ele queria um local para Ana ficar, e Nely quer que ele a sirva. Pelo que Raquel disse a Ramu, ia deixá-la de qualquer forma e, se não o imobilizássemos, fugiria. Preocupo-me é com Nely, que está muito desarmonizada e infeliz.

- Será que não sente remorso por ter matado o pai? - indaga Leila.

- Não me parece nem um pouco arrependida - continuou a elucidar-nos Carlos. - Somente as boas ações proporcionam harmonia.

Erros e maldades nos distanciam das Leis Divinas, fazendo-nos infelizes. Vamos ver Caixão. Mão estava sentado ao lado de Caixão, que ainda estava sem sentidos. Observei-o e reparei que era o mais feio deles: careca no alto da cabeça e com cabelos ruivos compridos até a metade das costas. Tinha o perispírito deformado



pelo hipnotismo, e notávamos que não se importava com o aspecto que tinha, pois sabia que Asec facilmente poderia transformá-lo. Possuía orelhas grandes, nariz largo, boca saliente e rosto peludo, parecendo-se com um cachorro. Trajava-se com roupas de couro, calças curtas e colete marrom. Seus pés pareciam patas de cavalo, mas suas mãos eram normais.

Carlos observa-o, lê sua memória e elucida-nos:

- Caixão cometeu vários crimes e há muito está ligado ao Mal.

Tem esse apelido desde encarnado. Seu pai possuía uma serralheria onde fazia também caixões de defunto: era uma pequena e simples funerária. Desde pequeno, gostava de brincar com os caixões e de dormir dentro deles, daí o apelido. Herdou o que era do pai, depois de enganar a mãe e os irmãos. Casou-se, porém não conseguia manter vínculos de amor, só de ódio. Teve filhos, mas nunca se importou com a família e, por ser farrista e mulherengo, teve muitas amantes. Uma delas era mulher de um fazendeiro da região, que descobriu e planejou vingar-se, ainda mais porque soube que Caixão estava cortejando sua filha. Começou a segui-lo de longe. Certa noite Caixão tinha bebido demais e, em vez de entrar em casa, entrou na serralheria. O fazendeiro e o filho cuidadosamente entraram lá e o encontraram dormindo dentro de um dos caixões. Friamente, os dois fecharam a tampa, levaram-no para a carroça e partiram. Na estrada, num lugar deserto, cavaram um buraco, onde colocaram o caixão com ele dentro, jogando pedras e terra por cima. Caixão, acostumado a dormir dentro de caixões, nada percebeu, porém acordou sufocado, desesperado e desencarnou em seguida, Ninguém soube do que ocorreu com ele e nem do crime, por isso foi dado como desaparecido para a tranquilidade dos familiares. Muitos achavam que tinha ido para o Inferno com corpo e tudo. Ao desencarnar, foi perseguido por Espíritos

que o odiavam, mesmo transformado como está. Porém soube vencer os que o perseguiram, inclusive porque cursou a Escola de Vingadores, no Umbral. Passou a perseguir o fazendeiro mesmo depois de ter desencarnado. Depois de algum tempo, o fazendeiro foi socorrido, mas Caixão está esperando que ele reencarne para vingar-se novamente. Agora serve a Asec, porém continua farrista e mau.

Fizemos com que acordasse, para conversarmos com ele.

Despertou inquieto, sem conseguir entender o que lhe acontecia, e indagou:

- Ramu, que brincadeira é essa? Quer briga? Sabe bem que Asec não quer brigas entre nós.

Tornamo-nos visíveis e, então, olhou-nos por instantes, assustou-se, porém logo controlou-se e falou cinicamente:

- Pelas barbas do Profeta! Quem são vocês? Intrusos? Que querem de mim?

- Somos emissários do Bem, queremos conversar com você, José - responde calmamente Carlos.

- Como sabe meu nome? Já tinha até esquecido. Certo que fui batizado com o nome de José... Engraçado - riu alto -, batizado...

Que importa o batismo? O Umbral está cheio de pessoas batizadas.

Prefiro ser chamado de Caixão. Mas por que me prenderam?

Estou quieto, não interfiro em nada de vocês!

- Esta casa é sua? Ou Nely é de vocês? - indaguei.

- Ora, é isto! - retrucou Caixão. - Nely é mais nossa do que de vocês. É assassina, má e ótima companheira.

- Vocês ajudaram a matar o pai dela - expressou Leila.

- Nunca vi serviço tão fácil... Porém, se é esse o problema, podem soltar-me, vou embora e

vocês ficam com o "anjinho" - falou, debochando.

Carlos respondeu calmamente, com voz harmoniosa e agradável:

- Queremos ajudá-lo. Você, sendo inteligente, sabe que a forma de vida que está levando é uma plantação e que não se livrará da colheita. Não teme? Terá que reencarnar, e já pensou como será sua vida?

- Não gosto de pensar nisso. Deixem-me sair! Posso fazer uma troca, soltem-me que lhes digo onde está uma riqueza escondida.

Carlos continua a falar-lhe, tentando doutriná-lo!

- Não estamos interessados em riquezas materiais, pois isso afeta apenas a encarnados ambiciosos, mas para nós não tem serventia.

Se gosta de trocas, veja onde moramos, conheça outra forma de viver e troque seu modo de proceder.

Mauro projetou imagens da Colônia, na tela que levava, mostrando os jardins, as fontes de água pura e cristalina, os prédios, a escola para onde iria e os desencarnados que lá vivem felizes.

Caixão no começo tentou não dar atenção, mas a curiosidade foi mais forte e acabou admirando tanto, que até se assustou com a pergunta de Leila:

- Então, José, vamos para lá?

- Nunca pensei que fosse tão bonito! Não julgava os bons com tanto bom gosto! Sei que para ir a esse local, terei que renunciar a vinganças, à vida ociosa, aos meus amigos. Terei que obedecer as regras de lá, não é? Acho que não quero ir.

Fabiano argumentou:

- Vingar! Quando age assim, você faz o mal aos outros e a si próprio. A vingança é uma faca que corta dos dois lados. Não pensou ainda, José, que mereceu o desencarne que teve? Não foi você primeiro a ofender seu assassino? Não

o desonrou, fazendo da esposa dele sua amante, e não queria também sua filha?

- Como sabem disso? Isso não é assunto de vocês!

Carlos falou calmo, mas com autoridade.

- Não gosta de recordar seus erros? Só apreciava ver-se como vítima? Foi enterrado vivo, mas não fez algo parecido com seu pai?

Não o embebedou e sufocou com o travesseiro para ficar com a serralheria? Seu desencarne foi colheita do que plantou, por isso não tem por que se vingar. Já pensou, José, em como será o restante de sua colheita? Recomece, agora, aproveite a oportunidade, volte-se para Deus, peça perdão e abandone essa forma de vida que leva. Seus amigos já foram, só resta você aqui. Asec fugiu, abandonando-os, e os outros partiram conosco.

Caixão ficou quieto por instantes, observou a casa e chamou os amigos mentalmente e, por não obter resposta, entendeu que era verdade, que estava sozinho conosco. Pensou em tudo o que viu e ouviu, indagando em voz baixa:

- Que posso fazer com vocês?

Toninha respondeu:

- Conhecerá o Bem, para praticá-lo. Aprenderá numa escola especial onde se preparará para trabalhar conosco ou para reencarnar.

- Gosto tanto da Grécia! Lá encarnei tantas vezes e gostaria de voltar para lá!

- Poderá fazê-lo depois de cursar a escola - falou Carlos -, porém vamos primeiro transformá-lo no que era antes.

- Não precisa, eu mesmo me transformo.

Para nossa surpresa, Caixão foi se transformando e seu aspecto passou a ser o de um homem comum. Falou com sinceridade:

- Vou com vocês, mas posso mudar de idéia e dar-lhes trabalho.

Carlos sorriu e disse:

- Acompanhe-nos, José, comece uma nova fase, renascendo para a verdadeira vida, para o Bem.

Carlos, levou-o para a Colônia, voltou em seguida e Cybele indagou:

- Carlos, Caixão não dará trabalho na escola?

- José conhecerá outra forma de viver. A escola é para receber, acolher indivíduos como ele e, por isso, está preparada para transformá-lo. Não terá tempo para causar problemas, porque vai ser estimulado para trabalhos e estudos interessantes. Creio na sua transformação.

- Amigos, nosso trabalho não terminou ainda, pois falta-nos levar para a escola os três que serão doutrinados no Centro Espírita, e ainda cuidar de Nely. Aguardaremos aqui até a hora de irmos à reunião. Faremos rodízio para ficar com Nely e veremos se ela aceita um de nós ao seu lado.

- Eu quero ser a primeira - diz Cybele, alegre - porém explique-me antes, Carlos, por que diz sempre "doutrinado" e não "evangelizado"?

- Evangelizar um Espírito é tentar que se modifique pelo Amor, pela Moral evangélica. Doutrinar é mostrar ao desencarnado, e perturbado no Mal, que a lei do carma existe e que um dia sofrerá como fez e faz outros sofrerem. Nosso amigo, dirigente do Centro Espírita onde serão doutrinados é, além de evangelizador, um doutrinador que tudo faz para encaminhar esses irmãos trevosos para o Bem, com a moral cristã e também com sua força mental.

Nisso, Nely chegou da escola, sentou-se silenciosamente para almoçar, quando nos aproximamos dela. Repeliu-nos, ficou inquieta e alimentou-se pouco, indo para o quarto em seguida. Cybele acompanhou-a.

Voltamos para nosso canto do jardim e, por instantes, ficamos silenciosos. Observei Carlos, sempre tranqüilo, amoroso e achei que sua vida poderia nos servir de exemplo. Com certo atrevimento, falei:

- Carlos, todos nós temos uma história, conte-nos sua vida.

Todos se interessaram, confirmando meu pedido, e Carlos narrou-nos:

- Muitos indagam: "Que nos importa o passado? O passado, passou", mas não é assim, porque somos o que vivemos, somos fruto do passado, seja bom ou mau; e nossa graça é Deus ser bom e misericordioso. Do fruto mau que fomos, temos a oportunidade de torná-lo bom, até de ser útil e agradável. Não fugi à regra, vivi como mau fruto e, através das existências, fui tornando-me bom e, através do sofrimento, fui tornando-me útil. Fui bruxo, porém das maldades que fiz ficou a lição para desmanchá-las e que hoje me fazem compreender, para ajudar os magos do Mal. De comerciante corrupto à piedade para com todos os ladrões. O usurpador, caluniador e invejoso me fez entender os defeitos humanos, desprezar os vícios e amar os pecadores. Desencarnado, fui vampirizador, além de perturbado e muito sofredor, mas agora tenho a graça de ajudar os maus e recuperá-los, como fui ajudado. Mas, depois de ter abusado do meu livre-arbítrio, colhi o que semeei e, por não ter plantado nada de bom, colhi sofrimentos. Como leproso, despi o orgulho; mudo, aprendi a não caluniar; médium, fiz o bem para reparar o mal que pratiquei como feiticeiro. Morri na Inquisição, e o fogo queimou o resto de meus vícios.

Contarei a vocês, meus amigos, começando por esta última existência, porque foi nessa encarnação que encontrei vários Espíritos a mim ligados ou pelo ódio ou pelo amor. Até aos treze anos, minha vida foi tranqüila, junto de meu pai e de Maria, minha ama.

Meu pai e eu dávamo-nos bem, éramos muito amigos. A única preocupação dele, em relação a mim, era que eu via Espíritos e com eles conversava, e também pelas muitas visões que eu tinha e que ele não conseguia entender. Com medo da Inquisição, que era violenta naquela épo-

ca na Espanha, fez-me prometer-lhe não contar o fato a ninguém e, por isso, só comentava com ele.

Meu pai era forte, mas de repente adoeceu, fato que me preocupou muito, porque, numa visão que tive, ele estava morto. De fato foi enfraquecendo e não conseguia esconder de mim sua tristeza.

Numa tarde, chamou-me e disse, sério:

"Estêvão, sempre fiz você pensar que era órfão de mãe, porém não é verdade, ela está viva. Soube há pouco tempo que enviuvou, e escrevi a ela contando que adoeci gravemente e que você não tem ninguém com quem ficar, quando eu morrer. Hoje, Margarida, este é o nome de sua mãe, respondeu minha carta, pedindo que o leve para lá. Preste atenção, meu filho, amo você e até quando Deus o permitir ficarei a seu lado. Porém sinto que morrerei logo, pois meu corpo enfraquece e as forças me abandonam. Entretanto, Estêvão, nunca perca a fé em Deus, como também nunca conte que vê coisas que ninguém vê. Prometa-me, filho."

Afirmei com a cabeça, segurando para não chorar, e meu pai continuou:

bom "Vou contar-lhe nossa história. Morava em outro sítio, era vizinho de sua mãe. Mocinho ainda, fiquei órfão de mãe e, por motivo banal, meu pai brigou com o pai de Margarida, tornando-se inimigos.

Conhecera Margarida, recordava-me dela como menina, mas um dia encontramos no bosque perto de nossas casas, surpreendemo-nos e nos apaixonamos. Por muito tempo encontramos às escondidas, no bosque. Nesse tempo, meu pai, de um mal súbito, desencarnou e fiquei sozinho com os empregados.

Logo depois, Margarida, aflita, contou-me que esperava um filho, e propus que fugíssemos para casar, porém ela não quis, dizendo ter medo do pai. Por coincidência, o pai dela partiu para uma viagem demorada e, com o auxílio da

mãe, ela teve você. Mandou-o, então, para mim, com um bilhete terminando tudo entre nós e pedindo-me que criasse você. Maria, que já trabalhava comigo, cuidou de você. Amava muito Margarida e não me conformei com sua decisão. Enfrentando perigo, escalei a janela de seu quarto, ouvindo dela mesma que não me amava e não nos queria. Voltei triste, consolei-me com você, colocando-lhe o nome do primeiro dos mártires do Cristianismo: Estêvão.

Pouco tempo depois, sabendo que Margarida ia casar-se, resolvi mudar-me, ir para longe e iniciar com você nova vida. Vendi a propriedade e estabeleci-me aqui, juntamente com Maria, sempre bondosa a cuidar de nós. E agora, vendi tudo o que temos aqui, converti em moedas de ouro, que estão aqui nesta caixa e são suas.

Guarde-as com cuidado, porque servirão para que se estabeleça no futuro. Maria ficará com você e o continuará ajudando, até que um dia possa você olhar por ela. Partiremos amanhã cedo."

Enquanto meu pai falava, apareciam-me visões. Vi o passado e, em outra existência, meu pai fora casado com Maria, eram ricos e tinham filhos fortes e bonitos. Eu vivia como criado deles e mudo.

Um dos filhos deles matou numa briga um fidalgo, e correu para casa, contando aos pais. Para defender o filho, vestiram-me com as roupas do filho assassino, entregaram-me aos soldados, dizendo que eu era o culpado. Não podendo gritar minha inocência, os soldados, cientes que era o criminoso, mataram-me.

Meu pai apertava-me a mão.

"Entendeu tudo, Estêvão? Prometa cuidar de Maria."

Olhei bem para meu pai. Foram, Maria e ele, maus comigo no passado, porém nessa existência tudo fizeram por mim.

"Ama-me muito, não é, meu pai? Também o amo! Cuidarei de Maria, prometo."



No outro dia, bem cedinho, partimos. Papai padecia com a viagem, e fomos de carruagem, parando sempre para que descansasse.

Tinha ele trinta e dois anos, porém aparentava muito mais, pois estava magro e cada vez mais fraco. Maria ajudava-o em tudo, nutrindo um amor maternal por nós dois. Tinha ela quarenta e dois anos, era feia, morena escura, mas muito simples e boa.

Perto da cidade em que minha mãe morava, meu pai desencarnou.

Sofri muito, fizemos seu sepultamento e, em seguida, Maria e eu continuamos a viagem.

Minha mãe morava num sítio perto de uma boa cidade, e herdara do esposo uma criação de cavalos que era sua renda. Lugar muito bonito, com a casa-grande rodeada de belo jardim. Cheguei assustado, de mãos dadas com Maria, e entrei com medo. Uma mulher jovem ainda, linda, recebeu-me abraçando-me. Era minha mãe.

Sentia-me uma ave estranha em ninho novo, Depois de ter cumprimentado Maria, minha mãe disse-me:

"Estevão, que lindo é você! Sejam bem-vindos! Entretanto, necessito da compreensão de vocês. Disse a todos que você é Filho de uma prima que faleceu, e que ficará por pouco tempo. Seria um escândalo contar a verdade, por isso até para meus filhos menti, mas falarei a eles logo que for conveniente. Espero que me compreendam."

"Sim" - disse Maria.

Nada respondi, senti-me rejeitado, pois estava com minha mãe e não poderia chamá-la assim.

Conheci meus outros irmãos, dois meninos e uma menina, Simão, Artur e Madalena. Foram amáveis comigo, simpatizei com eles e gostei muito de Artur.

Maria foi alojada na ala dos empregados, e meu quarto seria perto do de Simão. Pedi a D. Margarida para ficar com Maria e, meio a con-

tragosto, deixou. Assim, fiquei hóspede da ala dos serviçais.

Percebi que minha mãe não estava bem financeiramente e confirmei isso quando a vi conversando com um senhor na sala.

Instintivamente, escondi-me e ouvi a conversa. Exigia ele de minha mãe o pagamento da dívida, senão tomaria tudo o que tinha, o sítio, a criação de cavalos e a casa. Minha mãe implorou para que tivesse paciência, pois mandara vender as jóias e pagaria tudo.

O senhor, louro, de bigodes, muito antipático, ameaçava minha mãe com certa satisfação, então vi-os no passado. Era ele, outrora, um comerciante; estava sujo e amarrado, frente a minha mãe, que o acusava:

"Foi você, ladrão! Entrou em minhas terras para roubar-me. Aqui mando eu! Vai ser castigado. Perderá o que transporta!"

Só porque o mercador entrara sem autorização nas terras da baronesa, ela mandou castigá-lo com chicotadas, ficando com tudo o que era dele; mandou, depois, abandoná-lo na estrada.

Agora, era o senhor nas posses da dívida e cobrava sem piedade, ameaçando tirar tudo o que ela possuía.

Quando ele foi embora, saí do meu esconderijo e fui até minha mãe, que chorava.

"Meu filho!" - suspirou triste -, "em que má hora veio até mim.

Não tenho como pagar a dívida e perderei tudo. O dinheiro que receberei das jóias é pouco, e mal dará para comprar uma casinha, mas do que viver?"

Corri ao meu quarto, peguei a caixa com o dinheiro que meu pai me entregara, tirei a quantia que daria para pagar a dívida, guardando o pouco que restou. Levei o dinheiro para minha mãe.

"Meu pai não morreu pobre, deixou-me este dinheiro, que lhe dou, para que a senhora pague tudo."

"Não posso aceitar, meu filho, esse dinheiro é seu."

"Se a senhora não tiver lugar para morar, nem eu terei. Se não tiver do que viver, nem eu. Aceite!"

Mamãe hesitou, mas depois o pegou e beijou-me, agradecida:

"Obrigado, Estevão! Aceito como dívida, darei a você um título e pagarei tudo mais tarde. Com o dinheiro da venda das jóias, aumentarei a criação e logo terei o dinheiro para pagá-lo. Obrigado, meu querido."

Naquele dia mesmo, deu-me o título que guardei na minha caixa.

Com o resultado da venda, minha mãe aumentou a criação de cavalos e nossa vida continuou normal. Estudava com meus irmãos e continuava a dormir com Maria. Minha mãe não me pagou, nem falou mais no assunto, nem eu.

Só sentia o fato de continuar a ser o filho da prima falecida.

Artur e eu tornamo-nos grandes amigos, embora fosse mais novo que eu três anos. Só ele sabia que eu era seu irmão, pois ele mesmo descobrira, por ser também dotado de faculdade médica.

Quando me confessou os dons que possuía, contei-lhe dos meus, e isso uniu-nos mais ainda. D. Margarida proibira Artur de falar sobre o assunto, do mesmo modo que meu pai o fizera, temendo a Inquisição.

Continuava cada vez mais a ter visões, bastando olhar para uma pessoa para ver seu passado, suas vidas ou sua existência anterior.

Entre brincadeiras, vi o passado de minha irmã. Fora ela, em encarnações passadas, minha escrava e odiou-me, depois veio como filha e reconciliamo-nos, porém não chegamos a nos amar; agora éramos indiferentes.

Também já vivera com meu outro irmão, Simão, no século XII.

Cavaleiros-guerreiros, fizemos muitas maldades e sofremos por isso.

Agora juntos, caminhando para o progresso, éramos amigos, mas não unidos.

Via o passado de todos os que me rodeavam, do professor, dos empregados...

Sempre fiel à promessa que fizera a meu pai, só comentava o fato com Artur, porque possuía problemas parecidos.

Tínhamos uma serva que era muito feia e que mancava, puxando a perna direita. Um dia, ela caiu com uma bandeja, ao servir o desjejum. Limpou chorando a sujeira do chão. Vi seu passado, como uma rainha orgulhosa e ociosa que desprezava os deficientes físicos, proibindo até que entrassem em seu castelo.

Descobri, com minhas visões, que sempre pagávamos pelos nossos erros. Que todo abuso tem punição. Pensei muito no que deveria ter feito para estar órfão de pai, e de ser estranho no lar da própria mãe. Recordei meu passado e enxerguei tudo com perfeição, como se o estivesse vivendo novamente.

Naquela encarnação, fora mulher. Na adolescência, tive uma filha, que coloquei num cesto de serragem, que usavam para acender o fogão na casa de minha patroa. Pela manhã, ela encontrou a criança e a criou entre os servos. Nunca me aproximei dela, temendo ser descoberta, entretanto procurava saber sempre como estava. Quando completou dezoito anos, foi expulsa da casa em que servia, por estar grávida. Procurei-a, encontrei-a ao relento e trouxe-a para casa, dando-lhe um quartinho no fundo do quintal, como abrigo, pois não podia deixá-la dentro de casa por causa de meu marido, que nada sabia. Contei a ela quem era e pedi-lhe perdão.

"É difícil desculpá-la" - disse-me chorando -, "queria tanto uma mãe, mesmo que fosse a mais pobre e feia; queria alguém que me amasse. Cresci sem carinho e fui me apaixonar pelo fi-

lho da patroa, de quem engravidei e por isso fui expulsa."

Vi-a triste, enfraquecer e, ao dar à luz, morreram ela e a criança.

O filho da patroa fora meu pai. Minha filha era agora a minha mãe, Margarida, que se esforçava para me amar, mas acho que não conseguia. Por isso, sabia, sentia que não poderia contar muito com ela, abandonara-me uma vez, não hesitaria em abandonar a segunda.

Estava com vinte anos e, juntamente com meus irmãos, ajudávamos mamãe no sítio, que prosperava muito. Comecei a namorar uma moça da vizinhança, pensava em me casar e parecia que tudo ia bem.

Por outro lado, Artur não conseguia dominar seus dons, pois, ao ver alguém doente, impunha-lhe as mãos e curava. Logo vieram os comentários e começou a ser procurado às escondidas.

O senhor, ex-credor de minha mãe, denunciou-nos à Inquisição.

A denúncia era de que alguém de nossa casa, com o poder do demônio, curava as pessoas.

Minha mãe foi presa.

Ficamos desesperados, porque sabíamos que Artur seria preso e morto.

Muito triste, tentei achar uma solução. Orei com fé e, então, vi meu passado em que estive com Arthur.

Éramos amigos, moços da mesma idade e, certo dia, ao voltar de uma festa, fomos assaltados. Entretanto um de nossos companheiros conseguiu escapar, e sabíamos que procuraria socorro.

Fomos despojados de todos nossos pertences, e os ladrões, ao partirem, acharam conveniente levar um dos nossos, como refém.

O chefe disse, apontando-me:

"Vamos levar este como prisioneiro, porque, se os soldados vierem atrás de nós, não nos atacarão, por causa do refém. Você aí, vem conosco."

Tratei de safar-me, entregando Arthur:

"Pobre de mim! Nada sou e os soldados não ligarão para minha vida. Este, sim, é filho do Barão de V, amigo do Rei."

Levaram Artur, que olhou-me tristemente, sendo encontrado pelos soldados três dias depois, morto sob tortura.

A recordação do olhar triste do meu amigo de outrora, irmão agora, encheu-me de remorso, dando-me vontade de fazer algo por ele.

Bastou a notícia correr sobre a prisão de minha mãe, D. Margarida, para todos temerem e afastarem-se de nós. Recebi um bilhete de minha namorada terminando o namoro. Pensei muito e decidi que deveria agora salvar Artur. Sem contar o que iria fazer, dei à Maria a caixa com as moedas de ouro que me restaram e escrevi um bilhete para minha mãe, Escrevi pouca coisa, que minha decisão fora muito pensada, que tudo deveria continuar bem e que cuidasse de Maria. Coloquei junto o título da dívida.

Deixei com Maria, para que lhe entregasse.

"Artur, vou entregar-me à Inquisição, pois, se alguém aqui faz curas, este alguém sou eu."

"Está louco! Não pode mentir assim. Sabe o que o espera se disser isso?"

"Tenho, meu irmão, uma dívida para com você, deixe-me pagar."

"Você anda vendo de novo o passado! Não é justo! Não estou a cobrar, por isso eu é que irei me entregar."

"Artur, se fizer isso, morrerá. Sua mãe, Simão e Madalena sofrerão torturas e tomarão tudo de vocês, deixando-os na miséria.

Se eu me entregar, nada lhes acontecerá, porque sou um servo da casa."

"É sacrifício demais, meu irmão, por isso pense mais um pouco.

Agradeço, comovido. Se me salvo dessa, Estevão, vou partir para longe, para não mais colocar a vida dos meus em perigo, já que não consigo controlar meus dons."

"Quando curar, faça-o por mim também. Você alivia as dores também, mas eu só vejo o passado, tenho lá minhas visões, o que não é útil para ninguém. Você, sim, é necessário."

Abraçamo-nos.

Artur pensou que eu ainda iria meditar sobre o assunto, entretanto, saí de casa e fui me entregar.

Minha mãe já começava a ser torturada. Quando me entreguei, foi libertada e nada aconteceu a todos, a não ser terem de pagar à Igreja rezas e missas, para limpar a casa de minha influência.

Confessei todas as acusações que me fizeram, na presença de minha mãe, que escutava calada, nada fazendo ela para me defender.

Por ter confessado, não me torturam, porém fui condenado a morrer na fogueira, no dia seguinte, que era data já marcada para outra execução.

Logo que amanheceu, fui levado com outros condenados para a Praça e amarrado a um poste de madeira. Enquanto esperava que acendessem o fogo vi-me no passado longínquo, em tempos bárbaros, ajudando a bloquear janelas e portas das casas de uma aldeia, para depois incendiá-las, com os moradores dentro.

Acenderam o fogo e muitos gritavam, pois as queimaduras doíam muito. Gritei também. Senti que Artur orava por mim e uma paz invadiu-me. Orei e não me desesperei, desencarnando após muito sofrimento, com o nome de Jesus nos lábios.

Fui socorrido imediatamente por Espíritos bondosos e, assim, a morte de meu corpo deu-me alívio e felicidade. Encontrei-me com meu pai e adaptei-me fácil à vida espiritual. Vi Artur partir para longe da família e fazer uma cabana, onde era seu lar e o lar dos infelizes, curando todos os doentes que o procuravam.

Compreendi que eram verdadeiras minhas visões e, por isso não fiquei magoado nem com a

Inquisição, nem com o Clero. Entendi que eram pessoas más e ambiciosas, que agiam em nome de uma religião, em que até os bons padres eram perseguidos.

Senti-me em paz, porque fizera amizade com todos os que no passado magoara ou por quem fora magoado. Estive muito tempo desencarnado, porém querendo progredir e construir meu futuro, reencarnei no Brasil, onde me tornei padre, com o nome de Padre Carlos. Oitenta e cinco anos servi a Jesus, educando infantes e jovens, procurando ensinar-lhes o Bem.

Depois de desencarnar, pude ver, já na Colônia, como eram atendidos os pedidos feitos à Virgem Maria e aos Santos, pois muito lhes pedi quando encarnado, orientando também outros a fazerem. Interessei-me tanto que, logo que pude, fui trabalhar no Departamento de Socorro a Encarnados, em que estou até hoje e onde quero ficar por muito tempo ainda.

Carlos calou-se, estávamos tão encantados com sua narrativa, que nenhum de nós ousou fazer comentários. Depois de alguns minutos de silêncio, Carlos falou:

- Amigos, é hora de irmos ao Centro Espírita. Mauro ficará com Nely.

" Chegamos ao Centro Espírita, bem antes do início dos Trabalhos, e o dirigente encarnado, Sr. José Carlos, já estava presente, sentado na cabeceira da mesa, orando. A movimentação espiritual era grande. A equipe médica atendia os desencarnados doentes, e a equipe de proteção estabelecia a ordem, dominando com fluidos magnéticos os desencarnados trevosos e bagunceiros, para lá conduzidos com a finalidade de assistirem à reunião e serem doutrinados.

O ambiente tranqüilo cobria-nos de Paz, levando à meditação.

Fomos recebidos por Alexandre, que nos cumprimentou alegre e cordial, solicitando que ficassemos ao lado do doutrinador encarnado, em local reservado a Espíritos convidados que, co-



mo nós, vinham assistir à reunião. Alexandre inspirava simpatia e principalmente respeito aos irmãos inferiores, pois era alto, com cerca de 2,15 m, sorriso aberto e muito forte. Ao deixar-nos acomodados, voltou para perto do dirigente do Centro, e com ele permaneceu juntamente com Artur, o guia do dirigente, Espírito amável, gentil e de muita sabedoria.

Todos os Espíritos em serviço no Centro movimentavam-se ordenadamente e com Amor. Trabalho ali é que não faltava.

Examinei tudo, curioso e atento, observando que o local estava aberto a todos, encarnados e desencarnados, e que ninguém era barrado, para receber ali orientação e ajuda. Irmãos com intenção de confundir ou perturbar, entravam também, aquietando-se logo pelo respeito que os mentores espirituais e a equipe de proteção impunham.

Antes do início da reunião, o dirigente atende bondosamente às pessoas que lá buscam auxílio para seus males espirituais e materiais. Observei uma jovem senhora que entrou no Centro aflita e triste, sentou-se ao lado do dirigente encarnado, pondo-se a queixar:

- Sr. José Carlos, tenho dezoito anos, estou casada há três. E tenho dois filhinhos. Há uma semana, perdi um outro, pois abortei em virtude de ter levado uma surra de meu marido. Casei-me jovem, mas combinávamos bem, mas de uns tempos para cá meu marido começou a beber e a me tratar mal.

Depois de algumas palavras de consolo, o Sr. José Carlos deu-lhe um passe, e pudemos observar que o abdômen da jovem estava com manchas negras, predisposto a uma infecção. Ela mostrava-se abatida e fraca.

A equipe médica espiritual aproximou-se e, em conjunto com os encarnados, limpou o perispírito da jovem, retirando as manchas escuras; em seguida, com os fluidos do dirigente, foram fortalecidos os órgãos doentes. A jovem senhora

suspirou aliviada, absorvendo os fluidos doados. O perispírito da moça inundou-se de luz, que lhe propiciou conforto e saúde. Assim que a jovem começou a receber o passe, uma equipe de Espíritos visitou seu lar e de lá trouxeram um Espírito perturbado e mau, que a perseguia.

Muitos desencarnados acompanham encarnados às reuniões espíritas, mas outros, temendo os bons, não vão. O que foi trazido, demonstrava não gostar de orações, nem de reuniões espíritas. Veio imobilizado magneticamente, rindo e debochando, mas calando-se em seguida só de ver a equipe espiritual do Centro. Foi colocado na fila para que incorporasse em um dos médiuns da casa e recebesse a doutrinação.

Alguns minutos antes do início, tudo estava organizado, e as filas formadas para a incorporação. Uma era de doentes, que ignoravam sua situação de desencarnados, e necessitavam de fluidos dos médiuns, para que pudessem entender seu real estado. A outra com desencarnados endurecidos em maldades. Lá estava, entre eles, o acompanhante da jovem mãe, e os três que nos interessavam:

Mayo, Ramu e Raquel. Estes olhavam tudo curiosos, no entanto havia outros com medo, e alguns tentando aparentar indiferença.

Pontualmente, os médiuns foram chegando e formando um bom número de encarnados de boa vontade. Sentaram-se ao redor da mesa e, no salão, imperava silêncio entre os encarnados.

Para nós, havia alguns gemidos dos doentes desencarnados.

O Sr. José Carlos iniciou a reunião, recitando com voz forte e harmoniosa o Pai-Nosso e em seguida orou:

- Senhor, agradecemos a oportunidade que nos dá de nos reunirmos em Seu nome, encarnados e desencarnados, sofredores e abastados, participando de seu socorro e de seu amor. Ajude-nos para que possamos, pouco a pouco, caminhar para nossa união definitiva com o Senhor, Pai de

Bondade. A sua luz imploramos para que não nos percamos em nossas trevas. As tuas mãos lhe pedimos para que nos coloque no barco de Sua soberania. E, assim, possamos atravessar o oceano de nossa ignorância em segurança, desfrutando de Sua harmonia e Amor. Aguardamos a assistência dos bons Espíritos, como sempre, e pedimos-lhe que em Seu nome todos sejam amparados. Pai, fazei com que esta reunião seja mais uma de Suas manifestações!

- Que beleza! - exclamou Leila.

Um dos dirigentes desencarnados olha para Leila e sorri, explicando:

- A oração que escutamos nasce da Alma, da inspiração e da verdade que o doutrinador está vivendo. Cara convidada, não adianta dizer fórmulas preconcebidas para atingir outras almas. É preciso que uma alma fale à outra, pois elas têm sua própria linguagem.

Em seguida, o Sr. José Carlos leu os dois parágrafos do capítulo XVI de O Evangelho Segundo o Espiritismo: "Servir a Deus e a Mamom." Fechou o livro e explanou. Tentarei resumir e descrever:

- A Parábola do jovem rico fala-nos também da redenção do homem. O jovem foi ao Mestre pedir um atestado para sua conduta e perguntou: "O que é necessário para salvar-se"?

Jesus respondeu de pronto que, para ter um lugar no Céu, era suficiente cumprir os mandamentos.

O mancebo retrucou que fazia isso desde sua mocidade. Jesus então completou: "Se queres ter um tesouro no Céu, renuncia a tudo e segue-me!"

Mas o moço não estava disposto a renunciar aos favores e facilidades que no momento desfrutava, e saiu, voltando para casa, triste.

Assim procedemos em vários momentos de nossa vida, à maneira do jovem rico, sem coragem de deixar gozos, trabalhos, afetos e recreações materiais, para procurar o aprendizado, através do trabalho edificante na vivência espiritual.

As vezes, não nos acovardamos só pela riqueza, mas por tudo o que nos prende à vida no corpo físico. É preciso ter coragem suficiente para viver encarnado de acordo com os exemplos de Jesus. Deixar as coisas relacionadas à matéria em segundo plano, como ele e os apóstolos fizeram, e colocar as atividades espirituais em primeiro lugar em nossa vida.

Renunciar aos benefícios exteriores em favor dos bens interiores, não é fácil, ou seja, trocar as vantagens materiais pelas espirituais. E, para fazer o Bem, temos que renunciar a muitos estímulos grosseiros a que nos acostumamos e dos quais até gostamos.

Se estivermos presos à matéria e aos bens materiais, faremos igual ao jovem da parábola: ficamos tristes.

Porém a redenção do homem não vem através de favores externos, mas sim de um trabalho de transformação interior que ele consegue ao colocar o espírito em primeiro lugar.

Atitudes boas, exteriores, não redimem o homem, mas têm a capacidade de criar ambiente propício para que ele se torne bom.

E, para que isso seja possível, não devemos amar a matéria mais do que o espírito.

Para aquele que ainda não se entregou ao Pai, que não vive nos exemplos do Mestre Jesus, fazer o Bem exige sacrifício, é doloroso.

Quando o Bem é feito, entretanto, por aquele que já se cristificou, é só uma consequência de ser bom, pois ele já se conscientizou da importância dos bens espirituais.

Grande exemplo deu-nos o Apóstolo dos Gentios, Paulo de Tarso, ao dizer: "Eu transbordo de júbilo em todas as minhas atribulações, morro todos os dias, e já não sou eu, o Paulo, que vive, mas sim o Cristo é que em mim vive." Havia Paulo se integrado no Cristo, intimamente, e renunciado a tudo com Amor, para ser um servo útil de Jesus.

Nós, cristãos espíritas, devemos meditar nessa Parábola e ter a certeza de que a matéria passa, mas a vivência espiritual permanece, é verdadeira e representa a renúncia aos bens materiais, pelas verdades espirituais que nos beneficiam, realmente.

Certo é, irmãos, que o indivíduo é o único responsável pela sua remição ou condenação. Jesus, ao falar aos discípulos e ao povo, dá-nos as condições para a entrada no Reino do Céu, e termina dizendo: "Exemplos vos dei; façam como eu fiz."

Portanto é de interesse do homem viver como ensina o Mestre Jesus: ser bom. É verdade que, ao fazer o Bem, muitos serão beneficiados, mas o maior favorecido é ele mesmo, pois agindo assim está se redimindo. Fazer a vontade do Pai e seguir os ensinamentos de Jesus é tarefa nossa. Façamo-la.

Depois dos esclarecimentos, apagaram a luz, ficando somente uma tênue claridade a focalizar um retrato de Jesus. Os trabalhos práticos começaram, pela doutrinação dos desencarnados que se incorporaram.

Todos os Espíritos que se manifestavam eram muito bem recebidos.

O Sr. José Carlos cumprimentava-os com um amável

"Boa-noite e que a Paz seja convosco".

O dirigente, de raciocínio rápido e lógico, respondia com argumentos bondosos aos doutrinados. Dos que aguardavam na fila para atendimento, alguns escutavam atentos, outros pareciam ignorar, outros ainda procuravam um modo de se safarem, sem, contudo, conseguir.

Convidados que éramos, observávamos tudo com interesse.

Narro o que nos foi de maior importância, salientando algumas argumentações do doutrinador.

O perseguidor da jovem mãe incorporou-se. Desafiou o doutrinador com uma risada e disse, sem responder ao cumprimento:

- Não sei por que estou aqui e o que faço não é da conta de vocês. Se a prejudico, faço porque quero e porque ela merece.

- Meu irmão - respondeu o Sr. José Carlos -, se alguém deve ou não sofrer, não cabe a nós julgar. Cada um tem sua colheita.

Isto não justifica nos arvorarmos em cobradores de algo, que a nós não compete. Somente a Deus cabe julgar, e a cada um de nós pertencem os próprios erros. Você, que ainda está dominado pela mente egoísta, não consegue nem administrar seus erros, e tenta impedir que outros possam ter paz. Você quer felicidade e, por não consegui-la, faz com que os outros não a tenham.

- Também, não sou culpado de tudo - respondeu ele. - É desculpa de encarnados colocar sobre nós a culpa de erros que cometem. Sou sincero em dizer que quero vingar-me, fazer com que ela sofra, porém não sou culpado de tudo. Apenas disse "bata nela", e ele fez porque quis, não o forcei. Agora, somente eu estou aqui sendo julgado?

- Cabe ao Pai julgar seus filhos, bons ou maus, e não a nós.

Não julgamos ninguém, apenas tentamos ajudá-los. Enquanto se intromete na vida alheia, deixa a sua com tudo por fazer. Nenhum dos dois está isento de erro: nem você, que agiu provocando a tentação, nem o encarnado, que se afinou com você e o atendeu. O homem é livre e Deus lhe dá a oportunidade de fazer de si mesmo o que quiser. Acontece que a lei do menor esforço é sempre cultivada pelo encarnado que o culpa. Fácil é desculpar nossos erros, incriminando os outros. Porém, amigo, contribuir para a desarmonia do casal, como você faz, está errado e não lhe traz bem nenhum, porque a vingança é como fel, não dá prazer. Nós nos faze-

mos bem ou mal todos os dias e, por isso, depende de você ser a favor ou contra Deus.

- Fui mandado. Os que sofreram por causa dela, na outra existência, obrigam-me a fazer o que faço.

- Não se justifica, pode ter sido obrigado a realizar o mal, realmente pode-se ser dominado pelas entidades maléficas, porque se afina com elas. Você está sendo muito medíocre, pois, ao não conseguir realizar em si próprio a harmonia, engana-se destruindo a harmonia do próximo. Fala que não obrigou o encarnado, mas agora se diz obrigado. Assuma seus erros, reconheça-os e se envergonhe deles, entendendo que é hora de mudar. Esqueça a vida alheia, olhe os melhores para que possa imitá-los, e os piores para que possa ajudá-los. Não deve cobrar dívidas, para não gerar sofrimentos. Você, meu irmão, preocupado em infelicitar a outros, que tem feito por sua própria felicidade? Não é tempo de pensar e fazer algo de bom para você? Convidamos você para freqüentar uma escola onde conhecerá outra forma de vida. Esqueça os encarnados, vá com esses amigos espirituais!

Ele ainda vacilou, pensou que não podia sair dali, entendera que o doutrinador tinha razão, neste tempo em que perseguia, era perseguido pela infelicidade e intranqüilidade, fazia sofrer e isto dava-lhe satisfação exterior, mas continuava a sofrer.

Mudado, o ex-perseguidor afastou-se da médium e passou para outra fila, a dos que iriam logo mais para a Colônia.

Mayo dirigiu-se para a incorporação. Estava ainda furioso com Asec, por tê-lo deixado após tantos anos em que lhe fora dedicado.

Entretanto, cumprimentou o doutrinador, olhando tudo, curioso.

Nunca experimentara a incorporação, achou interessante e teve uma idéia: procurou aparentar humildade e disse:

- O senhor é forte, é um mago também. Vou servi-lo!

- Engana-se, irmão, aqui não temos outro senhor a não ser Jesus, e somos servos dele, no trabalho do Bem. Para servir ao Bem, é necessário aprender: convidamos você para esse estudo. Por que pensa em servir a pessoas e não ao Mestre Jesus? Até quando vai se contentar com mesquinhas temporárias? Quando no corpo físico, encarnado, não se preocupou com a Alma. Agora, fora dele, desencarnado, ciente da sobrevivência, ainda não se interessa pelas coisas espirituais.

- Bem - respondeu Mayo, encabulado -, nunca tive oportunidade de mudar de vida.

- Alunos relapsos no esforço da evolução justificam suas atitudes dizendo que não fizeram o Bem porque não sabiam ou não tiveram oportunidade. Enganam a si mesmos. Oportunidades sempre temos. Por acaso as procurou? O homem é a imagem e a semelhança de Deus e, se você ainda acha que não teve a oportunidade de cultivar valores maiores, tem-na agora. O Pai não se esquece de seus filhos e socorre-os através de seus próprios filhos.

Irá para uma das casas de Deus, para que tenha, irmão, o propósito de transformar-se, e que isso possa fazê-lo melhor, tornando-o bom para sua própria harmonia e felicidade. Se queria uma oportunidade, aqui a tem, seu destino está em suas mãos, portanto decida.

Mayo ficou inquieto, pois ali estavam pessoas bem maiores que Asec. Pensou no filho que tinha matado, e em Honória que estava nessa escola para onde seria levado. Meditou também que era melhor ir com os bons do que com os impiedosos inimigos do Umbral.

Então, disse humilde, realmente: Nunca ninguém me falou como o senhor, nem com tanto respeito.

Sou mau, errado e pecador.



Por que não diz ex? Ex-mau, ex-pecador? Inicie vida nova! Mayo não hesitou mais, era Fabiano, que estava ao meu lado, indagou a um dos trabalhadores do Centro:

isto - Será que a doutrinação através da incorporação, é suficiente para a conversão, realmente?

- Não, absolutamente - responde, educadamente o indagado.

- A doutrinação é o primeiro passo no extermínio do orgulho e na conscientização de que o Espírito não é nada sem Deus. O verdadeiro trabalho de transformação é realizado por um longo período de estudo e compreensão, nas escolas do Espaço.

Agora foi a vez de Ramu incorporar. Tentou dar um murro na mesa para se impor, porém o médium não o atendeu, porque os trabalhadores encarnados estavam educando a mediunidade, para não fazer os excessos sugeridos pelos desencarnados. Ramu já estava assustado por ver Mayo, seu chefe, atender o chamamento, sem reagir. E, como não conseguiu dominar o médium, não respondeu às saudações do doutrinador, que insistiu:

- Que a paz esteja com você! Em que podemos ser-lhe útil?

- Em nada, aqui nada me interessa e não sei por que me trouxeram!

- Deus não se esquece de seus filhos, eis a razão de você estar aqui.

- Nunca me preocupei com essas coisas, nem acreditava em Deus...

- Agora acredita?

- Não sei... A vida não acabou quando meu corpo morreu e isso me deixou com muitas dúvidas, que nunca falei a ninguém.

- Deus é o sustento do Universo, Pai de todos nós. Se você vive sem o corpo físico, tem prova de que nada acaba e que nosso Criador é nosso sustento.

- Deixem-me ir embora e fazer o que gosto!

- Não é mais possível. Aceite nosso convite para recomeçar, antes que a dor bata à sua porta. Dívidas você tem muitas, inclusive a pior delas, a de saber se lhe convém a deturpação das funções normais de viver, que Deus lhe concedeu.

Ramu estremeceu, pois viu que sua vida era como um livro aberto, porém ninguém o julgava. Respondeu, então, mudando de assunto:

- Se não tiver vontade, não vou, porque sou livre para fazer o que quiser.

- Sim, é livre, mas será obrigado a responder por seus atos. Os tempos para você são chegados e, se continuar assim, vai ser obrigado a reencarnar e veja como será seu corpo em sua nova existência física.

A tela à sua frente foi acionada e Kamu viu um corpo todo defeituoso e sentiu arrepios, porém nada respondeu. O Sr. José Carlos continuou:

- Se nem a esta oportunidade der valor, será expulso da Terra para outro planeta primitivo, onde recomeçará reencarnando em corpos primitivos, praticamente sem capacidade alguma.

O medo de perder seus conhecimentos abalou Ramu. Isso, porque muitos de nossos irmãos trevosos são maus, porém inteligentes, e sua experiência é sua maior riqueza.

- Siga - continuou o doutrinador - com nossos irmãos para a Colônia Escola ou a dor se incumbirá de fazê-lo mudar de idéia, - Está bem, eu vou! - exclamou, vencido, Ramu.

- Então, inicie cultivando a humildade, peça a Deus perdão e siga.

Raquel foi o próximo. Respondeu polidamente ao cumprimento do doutrinador, procurando ter calma e falou em seguida:

- Não quero ir para onde levou os outros. Tenho meu livre arbítrio, sou livre.

- Usou sua liberdade para o mal. Fez mau uso dela e sabe que deverá dar conta a Deus, um dia.

- Deus é bom e, quando eu quiser, peço perdão e Ele me perdoa.

- Sim, é verdade, Deus é bom e ama a todos os seus filhos.

Podemos, pelo sincero arrependimento, ser perdoados pelo Pai-Amoroso, porém não estamos livres das reações de nossos atos.

Deus permite que façamos dívidas ou créditos e é nossa própria consciência que nos vai cobrar. Deus é o pano de fundo da consciência de todos nós. Não estaremos livres dos resultados de nossas ações pelo perdão, porque pedir perdão é pedir um recomeço, e Deus nos dá sempre nova oportunidade. Somos como uma caixa d'água, colocamos dentro pelo livre-arbítrio o que queremos. Ao ter água suja, não basta que se ponha água limpa junto da suja, é preciso limpá-la com trabalho e através da transformação, para depois colocar água pura.

- Quer dizer que terei que pagar por todos os meus erros? São muitos!... Levarei muito tempo.

- Não levou tempo para fazê-los? Precisarás de muitas encarnações para repará-los. Adiado e contraindo mais débitos, não estará aumentando sua dívida?

- Meu caro - falou preocupado Raquel -, o caminho do erro é largo e fácil, mas o da recuperação é estreito e trabalhoso.

- Porém, de final feliz. Você, meu irmão, confundiu o meio com o fim, pensou em servir ao Senhor pelos atos exteriores, com orações labiais. Foi agraciado muitas vezes, inclusive vivendo em meio da classe esclarecida quando encarnado, tendo conforto e supremacia que o cargo lhe conferia. Contaminou-se, em vez de fazer o bem para si próprio e tornar-se bom. Fez de você um Espírito ocioso, interessado somente em satisfazer seus desejos. Desencarnado, continuou da mesma forma. É chegada a hora de acordar e viver na verdade. Acredita, irmão, que Deus lhe deu essas oportunidades e a inteligência,

para que tenha essa vida tão medíocre? Quem tem, pode. Quem tem e pode, porém não faz, cria débitos. Portanto, você é um devedor. Teve oportunidade de ser bom, de fazer o Bem, teve título até de Seguidor do Cristo e não o fez.

- Mas... nunca pensei assim.

- Está tendo uma oportunidade, agora, de renascer para uma nova vida, digna de um Espírito. Para tanto, poderá ir para uma Colônia, onde estagiará numa escola, para trabalhar e estudar, adquirindo novos valores para vivê-los futuramente, em seu cotidiano.

No entanto, é necessário que você queira isso. Deus deu-lhe o livre-arbítrio, mas somos responsáveis pelo uso dessa liberdade. Servimos a Deus pelo Amor ou voltaremos a Ele pela dor. Decida.

- Quero estudar, vou com vocês.

- Vá em paz, irmão, porque a finalidade maior do Espírito é fazer tudo o que puder, para a maior glória da manifestação de Deus.

É fazer tudo o que puder para melhorar, e nunca piorar. Não basta, irmão, refrear o mal, é preciso ser ativo no Bem. Que Deus o abençoe.

No termino das doutrinações, todos os desencarnados entraram em um aeróbus e partiram rumo à Colônia, ficando no local somente os desencarnados que ali trabalhavam, e nós, os convidados.

A equipe médica tratou dos encarnados necessitados que estavam presentes.

A Prece de Cáritas foi recitada por um médium e, enquanto orava, vimos fluídos salutares caindo sobre todos, fortalecendo-lhes o corpo e o Espírito. A visão era tão linda que Toninha, ao meu lado, chorou emocionada.

- Que beleza! Se os encarnados soubessem quantos benefícios recebem numa reunião espírita séria, mais valor lhe dariam.

O Sr. José Carlos encerrando com o Pai-Nosso, orou:

- Senhor, como sempre o Seu amparo não nos faltou e, por isso, aceite nosso agradecimento. Queremos, Pai, que ao sair desta reunião, em nosso dia-a-dia, possamos viver, a todo momento, o que aqui ouvimos e falamos, para vê-lo manifestando-se em tudo o que existe. Queremos amá-Lo em todos os nossos irmãos. Enfim, Pai, queremos deixar de cultivar a personalidade passageira e viver aquilo que realmente somos: cidadãos cósmicos, Seus filhos.

Assim, Senhor, agradecemos mais uma vez o que recebemos, o que nos foi confiado, embora aqui e agora não possamos avaliar o tanto que nos concedeu. Obrigado, Senhor!

Acendeu-se a luz e os encarnados, felizes, conversavam entre si, e também nós, os desencarnados, comentávamos sobre os trabalhos que presenciamos.

Carlos agradeceu comovido ao Alexandre e ao Artur. Nesse momento, recebemos de Mauro, que estava com Nely, pedido de socorro.

Partimos em seguida, após ligeira despedida.

Chegamos à chácara e fomos direto aos aposentos de Nely.

Ao ver-nos, Mauro explica-nos, triste:

- Nely tentou matar-se!

Nely estava deitada em seu leito, com D. Gemma ao seu lado, chorosa e aflita. Havia sangue por todo o quarto, além de vários objetos espalhados pelo chão. Um médico desencarnado medicava a menina, que estava desmaiada. Mauro continuou a nos esclarecer:

- Chamei pela equipe médica da Colônia, e Dr. Renato veio em nosso auxílio. O Sr. João foi à procura de um telefone, na vizinhança, para pedir uma ambulância.

Dr. Renato, muito simpático e competente, sorriu e cumprimentou-nos; era conhecido da equipe do Departamento de Socorro a Encarnados. Informou-nos sobre o estado de Nely:

- Perdeu muito sangue e está muito debilitada, enquanto que seu coração doente bate fraco e seu cérebro não quer reagir à altura:

enfim não quer viver.

- Que aconteceu, Mauro? - indagou Carlos.

- Nely jantou pouco, subiu para o quarto e repetiu o estranho ritual da noite anterior, porém, como a rosa não floriu, gritou desesperada:

"Mãe, não me abandone!"

Sem que pudesse perceber sua intenção, pegou um estilete na gaveta e cortou o pulso esquerdo, então o sangue jorrou com violência do corte. Tudo fez para impedi-la, mas não me ouviu, não me atendeu e, friamente, trocou o estilete de mão, cortando o pulso direito. Usando tudo o que sabia e que podia para ajudá-la, fiz com que esbarrasse nos objetos e os derrubasse. D. Gema veio ver o que acontecia chamou pelo esposo e ele foi procurar ajuda, porque você está bêbado e dormindo. D. Gema, aceitando minha sugestão, enfaixou com toalhas os pulsos de Nely. Chamei, então, Dr. Renato e vocês. Desculpem-me!...

- Mauro - falou Carlos, abraçando-o -, você agiu certo. Se Nely não o atendeu, não se culpe, porque ela, com sua vibração baixa, não queria ajuda dos bons. Uma pessoa em desespero, médium ou não, é difícil que tenha boas intuições, inspiradas por nós, trabalhadores do Bem. E depois, como interferir no livre-arbítrio de um encarnado? Se queria suicidar-se, como impedir? Agiu bem em fazer a menina derrubar objetos e provocar barulho.

Nisso, o Sr. João entrou no quarto cansado e aflito:

- A ambulância já vem, abri o portão. Como está ela, Gema?

- Não sei... parece mal.

A ambulância chegou e dois enfermeiros entraram na casa, subindo rápido a escada. Apro-

ximaram-se de Nely e um deles tomou-lhe a pulsação.

- Está viva! Quem enfaixou os pulsos da menina? Trabalho bem feito!

- Fui eu - respondeu D. Gema -, nem sei como fiz!

D. Gema, nervosa, não percebera que Mauro ajudou. Isso às vezes acontece, quando, num apuro ou num socorro, os encarnados fazem coisas que, em ocasiões normais, não fariam.

Colocaram Nely na maca e levaram-na para a ambulância, seguidos por D. Gema. Fomos juntos, porém Fabiano ficou com o Sr. João.

Com cuidado, o motorista rumou a ambulância para o hospital, enquanto que Dr. Renato nos esclareceu:

- Vai agravando-se o estado de Nely. Esia com proteína demais no sangue e carência de muitas vitaminas, faltando pouco para ter um enfarte do miocárdio. Espero que o médico encarnado perceba e a socorra a contento.

Nely cheirava mal, exalando odor de carne podre, juntamente com emanações de sua vibração baixa. Manchas negras concentravam-se em seu tórax, sem que conseguíssemos dispersá-las.

No hospital da cidade, que era simples e pequeno, um médico jovem atendeu-a prontamente. Não havia aparelhos modernos, entretanto o facultativo auscultou-a, percebendo logo que Nely estava muito fraca.

Em quase todos os hospitais da Terra, existem equipes de desencarnados, trabalhadores do Bem, que prestam serviços. Carlos pediu aos socorristas que ali serviam, auxílio para o caso, expondo em rápidas palavras o estado de Nely. Um deles, chegando perto do médico encarnado, fez com que voltasse a examinar o coração de Nely, e foi com alívio que ouvimos:

- Enfermeira, rápido, aplique este medicamento, pois a menina está para ter um enfarte.

Imediatamente tudo foi feito em favor de Nely e, depois, o médico fez a sutura e os cu-

rativos nos pulsos. Logo em seguida, saiu da sala para dar notícia a D. Gema, que chorava e tentava orar, no corredor.

-A menina Nely deverá ficar uns dias no hospital para exames, porque seu coração não está bem.

- Doutor! Depressa!

A enfermeira chamou-o e o médico voltou rápido para perto de Nely, enquanto o Dr. Renato já tentava socorrê-la. Os dois facultativos, o encarnado e o desencarnado, tudo fizeram para ajudá-la, mas seu coração parou fulminado por um enfarte.

Agora, só restava a nós e aos encarnados tomar as providências para o sepultamento. Nely adormeceu no corpo e Carlos chamou-nos para uma reunião no pátio do hospital, para explicar:

- Infelizmente, não conseguimos evitar o desencarne. Nely poderia ficar anos na matéria, pela bênção da reencarnação, entretanto destruiu seu corpo, e seu Espírito continua vivo, teve uma oportunidade fracassada. É verdade que não desencarnou porque seu sangue esgotou-se pelos cortes dos pulsos. Porém, se não os houvesse cortado, teríamos conseguido ajudá-la, fortalecendo-a ou até mesmo curando-a e não ocorreria agora esse enfarte. A intenção é tudo, por isso Nely é suicida e assassina. Ficará horas, dias, dormindo em pesadelos, ligada no corpo e, ao acordar, sentirá o pavor da decomposição. Experimentará o fruto que plantou. Porém bastará que clame por socorro, para que possamos retirá-la do corpo e levá-la para uma enfermaria, num dos hospitais do Plano Espiritual, onde aos poucos obterá melhoras. A cada um é dado como justiça o que lhe cabe. Lembremos que nenhuma infração tem penalidade igual à outra e, num suicídio, muitos fatores são levados em conta. Nely sofrerá o remorso de ter assassinado o pai, de ter tentado se matar, experimentará a falta da carne que comia por vício e sentirá a falta do corpo por tê-lo abandonado



antes da hora. O corpo físico é uma bênção muito grande e nunca poderá ser desprezado; e quem faz, paga caro por isso. Nely estará sempre em minhas orações e ficarei atento para ajudá-la assim que ela quiser e pedir.

- Não podemos ajudá-la sem que o peça? - indagou Leila.

- É difícil ajudar quem não quer ser ajudado. Mauro tentou e não conseguiu auxiliar Nely, porque todos nós necessitamos querer, para receber.

- Nely violentou o próprio corpo. Trará isto conseqüências a ela no futuro? - indagou Fabiano já reunido a nós.

- "Cada caso é um caso" dizem sabiamente muitos. O suicida agride seu perispírito pela própria vontade, ao destruir o corpo físico e, nesse caso, o remorso muitas vezes não o deixará sarar. E pode o perispírito lesado, ao reencarnar, transmitir ao corpo essa lesão. Quanto a Nely, não sei, pois há tantos acontecimentos a serem considerados em favor dela, a exemplo da solidão, da falta de amor, de ter o corpo ainda criança, embora saibamos que ela seja um Espírito milenar. Se todos acreditassem que somos eternos, que morre somente o corpo físico e que os sofrimentos continuam depois de desencarnados, haveria menos suicídios conscientes.

Suicidar-se não é resolver problemas, mas sim agravá-los.

- Carlos - comenta Toninha, preocupada -, atualmente, muitos são os jovens que tentam contra sua vida física. Que pensa disso?

- Minha cara amiga, esse fato não preocupa só a você. Numerosos trabalhadores do Plano Espiritual têm organizado equipes para ajudar crianças e adolescentes a não cometer tal ato. Talvez muitos deles encaixem-se nos acontecimentos vividos por Nely, sentindo a falta de compreensão e de amor, a solidão e ainda a carência de crença e oração. A educação religiosa é demasiadamente importante, assim é que o Es-

piritismo tem batalhado para que em todos os locais haja a Evangelização Infantil e o Encontro de Jovens.

Orientar, indicar o bom caminho deve ser a conduta dos espíritas, para com os jovens. Deixar os filhos sem religião, para que decidam qual caminho a seguir quando adulto, não é certo. Devem todos os pais educar seus dependentes na religião que seguem e que considerem certa. Entretanto, nada melhor para os jovens inteligentes do que uma religião que não choque, nem contradiga o raciocínio. O Espiritismo esclarece muito, e os jovens que realmente o seguem, não se suicidam. São de fato muitos os adolescentes que, insatisfeitos, procuram a morte do corpo, e quantos acidentes são provocados em razão disso. As estatísticas são alarmantes, isso porque o Evangelho é pouco estudado, meditado e vivido.

Fez-se silêncio entre nós e observei Carlos, que estava concentrado em seus pensamentos. Todos nós sentimos o ato praticado por Nely e, embora estejamos acostumados a isso, vimos que nem todos os socorros a encarnados dão certo, ou acabam conforme nossa vontade. O livre-arbítrio existe para todos e deve ser respeitado.

Evitar que encarnados errem é difícil e, às vezes, impossível.

Carlos voltou a falar, e sua voz agradável dava-nos ânimo:

- Amigos, não conseguimos evitar que Nely tentasse contra seu próprio corpo. Quando uma pessoa realmente não quer uma bênção, é impossível fazer com que aceite receber a dádiva da boa sugestão. Nely já havia planejado esse ato e por qualquer motivo o faria. Se a razão foi porque a rosa não floriu, isso iria acontecer também, pois Raquel arquitetava ir embora. A rosa florir era uma ilusão, uma mentira, e ninguém vive eternamente apoiado em uma irrealidade.

Com a nossa vinda, ela só teve benefícios, porém não quis nos atender. Se Mauro não a fizesse provocar barulho, nem seria socorrida. Talvez não errasse tanto, se a tivéssemos deixado prostrada, mas como deixá-la assim por muito tempo? Por oportuno, narro a vocês o que ocorreu comigo, em época distante. Fui procurado por uma irmã também desencarnada, que, aflita, contou-me que seu filho, meu sobrinho, planejava suicidar-se.

Acompanhei-a, para que tentássemos fazer com que desistisse da infeliz idéia. Tudo o que estava ao nosso alcance, fizemos. Verificamos que não havia influência de desencarnados e que seus problemas não eram muitos. Sugerimos, conversamos com ele, desligando-o do corpo enquanto dormia. Não adiantou, pois quando acordado lembrava-se apenas parcialmente do sonho, e sentia mais saudades ainda da mãe e de mim, aumentando sua vontade de reunir-se a nós. Clamei pelo auxílio de socorristas e dois deles vieram unir-se a nós. Meu sobrinho não aceitou ajuda, estava irredutível e comprou um veneno. Ao colocá-lo no copo, esforçamo-nos para deixá-lo prostrado e, aí, sentiu-se tonto e deixou cair o copo.

Mas, bastou melhorar, para pegar a garrafa e tomar seu conteúdo destrutivo. Tentamos socorro através de uma vizinha, que atendeu nossa sugestão e veio à sua casa, achando-o agonizante. Levou-o para o hospital, onde foi socorrido, mas desencarnou horas depois.

Meu sobrinho foi culpado. Todavia deve salientar-se que, embora criado com os ensinamentos de uma religião, aprendeu a orar e a crer em Deus, mas sem entendê-lo. Conheceu o Evangelho, só que não viveu conforme nos exemplificou o Mestre, por não ter compreendido as verdades eternas. Por seu ato, sofreu muitos anos no Vale dos Suicidas, até que pudemos socorrê-lo. Deus não desampara a ninguém e as dores são divinas lições. Atualmente, está encarnado, é surdo-

mudo e tem ataques freqüentes de asma. Sofre agora dificuldades bem maiores do que aquelas que o levaram a cometer o ato infame. Porém é resignado e confio que, desta vez, aproveitará a bênção da encarnação.

Quanto a Nely, os encarnados tomaram todas as providências necessárias, sendo que seu corpo foi colocado na pequena capela ao lado do hospital, onde poucas pessoas, a maioria curiosas, foram velá-la. Padre Anselmo, o vigário da paróquia, foi o único que orou com fé por sua Alma. Era realmente um servo de Jesus, de boa vibração, caridoso, crente e fervoroso. Ficou longo tempo ao lado do corpo.

A tia de Nely chegou e estava com o rosto inchado de chorar.

Cumprimentou o Padre Anselmo, apresentando-se:

- Sou Marta, tia de Nely.

Marta era alta, bonita e trajava-se de preto, com elegância, tinha cabelos louros-pintados e estavam penteados conforme a moda. Sentia realmente o desencarne da sobrinha.

As providências que faltavam foram acertadas e, no horário previsto, sepultaram Nely.

Carlos chamou um socorrista que trabalhava no cemitério e pediu:

- Assim que Nely apresentar condições de ser socorrida, avise-me, por favor.

Marta saiu do cemitério conversando com Padre Anselmo.

Acompanhamos os dois.

- Padre, sou herdeira da chácara como única parenta de Nely, porém não a quero e vou doá-la à igreja. - Começou a chorar: - Sou culpada do ato de Nely, minha única sobrinha, filha de meu único irmão, pois deixei-a sozinha. Quando morreu minha cunhada, sabia da maneira errada como vivia meu irmão, dos maus exemplos que poderia dar à menina, porém nem me ofereci para ficar com ela, por achar que seria trabalhoso. Depois, meu irmão morreu, e que fiz? Deixei-a na

chácara com empregados, embora quisesse, naquela época, que fosse para um colégio interno, mas não a quis comigo. Nely, porém, implorou para ficar na chácara e, comodista, iludi-me, pensando que era o melhor para ela, e consenti.

Assim, Padre, deixei-a com esse casal de empregados que a amaram mais do que eu, porém eram somente empregados em quem Nely mandava, mas não obedecia. Sou culpada por Nely ter tentado contra sua própria vida!

- Não pense nisso agora, D. Marta, e oremos para que Nely tenha salvação. Mas, se quer mesmo doar a chácara, não o faça para a Igreja, e sim para uma fundação que está empenhada em construir um asilo para idosos. O local será excelente abrigo para os velhos.

Marta, querendo resolver logo o assunto, pediu ao Padre que lhe indicasse um advogado, e os dois foram em seguida consultar um que ele conhecia. Deixaram tudo acertado, com a doação feita, e combinaram que Marta voltaria para assinar a documentação, logo que estivesse pronta.

Padre Anselmo acompanhou Marta à chácara e ficaram na varanda.

Padre - falou a tia de Nely -, vou pegar os documentos necessários para que o senhor os leve ao advogado. Desta casa, levarei apenas algumas fotos e jóias.

Os três empregados aproximaram-se e Marta abraçou D. Gema:

- Obrigada Gema, pelo que fez por Nely. Quero comunicar-lhes que doei a chácara para uma Fundação que fará dela um abrigo de idosos. Pedi ao Padre Anselmo que o Sr. João e você fiquem aqui como moradores.

Gema e o marido agradeceram aliviados, pois estavam muito preocupados com o destino de suas vidas, já velhos e com um filho problemático. E Marta continuou:

- Quanto a você, José, infelizmente não poderá ficar, pois sabemos que é viciado no álco-

ol e, por isso, não é um morador ideal para um local que abrigará necessitados. Doarei a você o carro.

Sim, será seu. Poderá trabalhar e sustentar-se.

José bateu palmas e pulou de contentamento:

D. Marta, obrigado, o carro era tudo o que queria. Irei morar na cidade, para trabalhar com ele, mas virei sempre visitar meus pais.

Gema e João entreolharam-se tristemente, não acreditando no que José dizia, porque estavam cansados das confusões do filho, porém acharam que talvez fosse melhor para todos ele viver longe.

Padre Anselmo sentou-se na varanda, e Gema e Marta abriram toda a casa. Uma equipe de descarnados veio, atendendo a pedido de Carlos, limpar o local dos fluidos pesados. O sol entrava pelas janelas abertas, facilitando o trabalho.

Marta colocou numa sacola alguns objetos que queria, separando outros e colocando-os num canto do jardim para serem queimados.

O colchão, com as roupas de cama de Nely, manchadas de sangue, foram os primeiros e, depois, também livros, cadernos, enfim tudo o que não iria servir para o futuro asilo.

Atendendo à sugestão de Mauro, D. Gema foi ao porão, pegou os livros do pai de Nely e o tablado. Mostrou-os ao Padre e à Marta:

Com isto, Nely falava com o demônio!

Marta suspirou, triste e perguntou ao Padre Anselmo:

Demônio!? Será que ela conversava mesmo com o demônio?

Tenho lutado, Marta, com meu rebanho sobre esse tipo de brincadeira, de invocações, utilizando tabladros, para fazer o que chamam por aqui "copos que andam". O que significa realmente, não sei e, por isso, procuro instruir todos para que não façam isso, porque não devemos brincar com o que desconhecemos. Se são demô-

nios, não posso dizer, mas bons é que não são, porque, seja quem for, tem mais o que fazer do lado de lá, sem tempo para atender a brincadeiras.

- Por que fazia isso? Por que Nely usava esse tipo de diversão?

- Marta, as pessoas, de um modo geral, anseiam por descobrir a verdade, que sabem existir, mas não sabem onde. Desejam saber o que há depois da morte do corpo. Procuram no sobrenatural algo que as satisfaça em vez de confiar em Deus e buscar amparo nos ensinamentos de Jesus, para entender a sobrevivência após a morte.

Contudo, fazem brincadeiras desse tipo, que podem gerar inúmeros problemas, em vez de procurar orientação entre pessoas que conheçam o fenômeno, mesmo que sejam de outras religiões. Porque as religiões, Marta, são setas no caminho, e não basta apenas ter uma crença, mas é necessário caminhar, seguir essas indicações.

Padre Anselmo fez ligeira pausa, suspirou triste e completou:

-Talvez a solidão tenha levado Nely a essa brincadeira perigosa, não sei. Era tão estranha!...

Gema colocou o tablado junto aos outros objetos e pôs fogo.

Ver queimar tudo aquilo foi alívio para todos nós.

Marta despediu-se do casal e do Padre, pois voltaria para casa.

Padre Anselmo também retirou-se, porque tinha em mente tomar as providências necessárias para que, no menor espaço de tempo possível, a chácara se transformasse no Asilo tão sonhado.

Nossa equipe retornava ao Departamento. Despedi-me dos amigos abraçando-os, porque não iria com eles:

- Amigos - expliquei -, acompanharei Marta. Indago-me sobre o motivo que a impediu de levar Nely consigo e, também, de haver orado com tanta fé por ela, fato que nos levou a este traba-

lho de ajuda e, por fim, de ter feito essa doação maravilhosa! Acho que Marta necessita da ajuda de um consolo. Agradeço a vocês, amigos, pela oportunidade que me foi dada, ao acompanhá-los.

Retribuindo os abraços, meus companheiros volitaram, entendendo-me.

Acompanhei Marta no carro e partimos.

Temos todos, realmente, uma história.

Marta dirigia o carro com cuidado. Falei-lhe, e recebeu minhas palavras como se viessem de seu pensamento. Indaguei:

"Marta, como se relacionava com Nely?"

Vieram-lhe muitas cenas vividas à mente e, então, acompanhei seus pensamentos.

Marta lembrou-se de sua infância e do irmão, mais velho que ela dois anos. Pequena ainda, seu pai os abandonou e nunca mais o viram, fazendo com que sua mãe lutasse com dificuldades para criá-los.

Brigava muito com o irmão, que era irresponsável desde garoto. Para poder estudar, trabalhava como empregada no Colégio e, quando faltavam dois meses para a formatura, sua mãe desencarnou de mal súbito. Formou-se e arrumou emprego, porém trabalhava bastante, enquanto seu irmão não firmava em nenhum serviço, ficando a despesa da casa por sua conta. Certa vez, brigou sério com ele e mudou-se para um apartamento, com amigas. Passou a vê-lo raramente.

Soube posteriormente, que começou a namorar uma moça, filha única e que possuía alguns bens materiais. Conheceu a cunhada nas vésperas do casamento: era feia, estranha e mais velha do que ele. Casaram-se e foram morar com o pai dela, já viúvo. Parecia que Noel, seu irmão, tivesse endireitado e, nessa época, Nely nasceu. Pouco depois, o pai de Noemy desencarnou e Noel começou a viver como irresponsável entre mulheres e jogo, gastando o dinheiro que a esposa recebera do pai. Noemy achando que a cidade grande era o motivo da perdição dele, resolveu



mudar para o interior, comprando a chácara, para onde se mudaram. Mesmo residindo na mesma cidade, via-os pouco e, depois que mudaram, passou a vê-los ainda menos. Assim mesmo, ao se encontrarem, esforçava-se para não discutir com ele. Quando Noemy, sua cunhada, desencarnou, teve pena da Filha Nely, por ficar com o pai, mas nada fez pela sobrinha. Com a desencarnação do irmão, Marta pensou em colocá-la num colégio interno, para que tivesse um bom estudo. Foi nomeada sua tutora, mas nem por um momento pensou em trazê-la para viver com ela.

Nely não quis ir para o internato da escola, então deixou-a na chácara, que recebera de herança, sendo que também ganhava uma pensão, com a desencarnação do pai. Preferiu pensar que a sobrinha estava bem, para não se preocupar e não sentir culpa. Escrevia com freqüência para ela, que respondia prontamente, dizendo sempre que estava tudo bem. Nunca achava jeito para visitá-la, mas, num feriado prolongado, foi vê-la. Preocupou-se com a situação, pois Nely estava pálida, magra e estranha, embora fosse educada e agradável com ela. Pediu à sobrinha que procurasse um médico e ela prometeu que iria, porém disse para não se preocupar, porque não sentia nada de errado e estava tudo bem. Marta sentiu-se inquieta durante a visita à chácara e não conseguiu dormir naquela casa. Voltou preocupada e orou pedindo ajuda à menina.

Insisti, para que se lembrasse mais:

"Marta, por que não levou Nely com você? Por quê?"

Marta parou o carro, chorou bastante e disse alto:

- Tudo por causa dele, de Cristiano!

"Quem é Cristiano, Marta?" - indaguei.

Marta foi se acalmando, parou de chorar, enxugou as lágrimas e retornou aos seus pensamentos. A fisionomia de um homem elegante veio à sua mente: era Cristiano. Marta pensou:

-Sempre ele, dediquei-me sempre a ele e, mesmo quando Nely necessitou de mim, voltei para atendê-lo. Não tirava férias há anos, trabalhava muito e estava sempre à disposição dele. Por causa dele, nem Nely quis junto a mim, inclusive para não atrapalhar as visitas que ele me fazia.

Em resumo, Marta, quando começou a trabalhar, era funcionária de uma firma do pai de Cristiano. Nessa época, conheceu-o, mas já era casado e brigava muito com a esposa. Todos no escritório sabiam do caso e, quando o pai dele desencarnou, passou a ser o dono e colocou Marta como sua secretária. Ela apaixonou-se por ele e tornou-se sua amante. Cristiano abusava desse amor, pois Marta era secretária eficiente e amante paciente. Por isso, dizia que ia separar-se da esposa para casar-se com ela, porém adia sempre, ora por causa dos filhos pequenos, e depois porque estavam na adolescência, Marta voltou a dirigir o carro e, sem demorar muito, chegou a seu apartamento, que, embora pequeno, era bem decorado e agradável.

Pegou a sacola que trouxera com os pertences da chácara e voltou a chorar, lamentando em voz alta:

"Meu Deus! Que fiz de minha vida? Não casei, não tive filhos, o tempo passou e estou só. Deixei Nely sozinha, pobrezinha, como me arrependo! Não quero mais saber de Cristiano, deixei tudo por ele e, se tivesse tido a coragem de trazer Nely comigo, não seria ela tão infeliz e estaria viva!"

Dei-lhe um passe, foi acalmando-se e adormeceu.

No outro dia pela manhã, acompanhei Marta ao trabalho. Quando entrou na sala, vimos um senhor à sua espera, que reconheci ser Cristiano em quem ela pensava. Veio ao seu encontro sorrindo e foi beijá-la, mas Marta virou o rosto.

- Marta, querida - falou com voz sensual e desagradável aos meus ouvidos. - Esperava você

ontem, por que não veio? Precisei daquele contrato e não o achamos! Por que demorou?

- Não lhe contei da morte de minha sobrinha?

- Contou, mas já não estava morta? Que tinha mais a fazer lá?

Precisei de você e sabia disso.

- Sinto a morte dela! Não tenho o direito de sofrer? Que tenho feito esse tempo todo a não ser sofrer? Não diria dessa forma, se fosse um de seus filhos que tivesse morrido!

- Você está nervosa! Está bem, não falaremos mais disso. Pegue o contrato e traga-o, com urgência.

Ele saiu da sala. E pude ver que era por esse egoísta que ela sofria. Marta sentou-se triste à frente de sua mesa. Penalizado, abracei-a; "Marta" - disse-lhe -, "você é filha de Deus. Deve amar a si mesma para poder amar o próximo. Quer tanto assim a esse homem?

Ou já o amou? Deve querer bem a quem lhe quer, a quem a proteja. Alguém que, nesta hora, enxugaria suas lágrimas consolando-a, entendendo-a. Merece amar alguém melhor, que seja seu amigo. Se ele ainda não largou a esposa, não irá largar mais e, se o fizer, já pensou quantas pessoas sofrerão por isso? A esposa pode ser mais uma vítima nas mãos desse egoísta. E os filhos, quantos?

Quatro. São pessoas inocentes que nada têm a ver com os desentendimentos dos pais. Pense, Marta, é isso o que quer? Quer ser esposa desse homem? Enfrentará ele a Sociedade para ficar com você? Simples secretária? Ou não seria você a amante, que ele se gaba de ter, junto de seus amigos?"

Marta ouviu-me parcialmente, acalmou-se pegou o contrato, colocando-o em cima da mesa. Em seguida, pôs uma folha na máquina de escrever, datilografou rápido uma carta de demissão e assinou-a.

Pegou a carta e o contrato, entrou na sala de Cristiano e ouviu dele:

-Acalmou-se, querida? À noite, prometo ir a seu apartamento.

- Cristiano, quando vai se separar de sua esposa? Quero data certa.

- Por que isso agora? Não sei, você sabe, os meninos...

- Você pensa em se separar, realmente? Se separar, casará comigo? Quero a verdade, Cristiano!

- Meu bem, estamos felizes assim, não estamos? Por que estragar tudo com o casamento?

- Cristiano, por anos invejei Clarice mas agora vejo que é pena que tenho dela. Ela é como eu, um objeto em suas mãos! Nunca pensou em separar-se não é? Repartir os bens, a fortuna... Mas, meu caro, para mim chega! Estou indo embora, da firma e de sua vida. Aqui tem o contrato e minha carta de demissão, não trabalho nem mais um minuto aqui!

- Está brincando? Lógico que está! Não pode me abandonar assim! Que faço sem você? Olhe, meu bem...

Marta encheu-se de esperança, estava de costas para ele, ela sorriu, ia virar e jogar-se em seus braços, mas segurei-a para que pudesse ouvir o resto da frase. E Cristiano continuou:

-Aqui na firma vai virar uma bagunça sem você. Ninguém sabe fazer nada direito. Não pode me abandonar logo agora que temos tantos negócios. Onde arrumo outra secretária?

Esforçou-se Marta para segurar o choro:

- Cristiano, não lhe será fácil substituir a escrava da firma, não é? Não tiro férias, trabalho horas a mais sem receber extras e cuidado de tudo! Porém substituir a amante é fácil!

- Marta, se não me quer mais, tudo bem. Há outro, não é? Mas continue trabalhando aqui.

- Não, Cristiano, saio agora e para sempre!

-Ah! é assim?! Não pago seu salário, ingrata! Não lhe dou carta de recomendação. Ainda bem que não me casei com você.

Ela saiu da sala, amparei-a e vi que se controlava para não chorar.

Foi até sua mesa, pegou o que lhe pertencia e saiu do prédio sem se despedir de ninguém. Consolei-a, acompanhando-a até o apartamento, pois estava magoada e triste.

"Não fique aqui sozinha a chorar, Marta" - disse-lhe -, "saia, vá passear, distrair, faça uma visita..."

Marta lembrou:

- O Sr. Leonardo, coitado, deve estar sofrendo tanto! Acho que vou lá um pouco, pois perdeu o filho único, no domingo passado, e está só como eu!

Arrumou-se, retocando a maquiagem e penteando os cabelos.

Saiu do apartamento, entrou no elevador e apertou o botão do oitavo andar. Parou numa porta e hesitou, pensando: "Que falo a ele?"

"Bata na porta, Marta! Console para ser consolada" - insisti.

Marta tocou a campainha, esperou segundos e já ia voltar, quando a porta se abriu e surgiu um senhor de aspecto agradável, simpático, com bons fluidos e a cumprimentou:

- Boa tarde, Marta, que deseja?

Marta engasgou, tossiu, suspirou, porém nada respondeu. Vendo sua hesitação, Leonardo pegou em seu braço, puxou-a para dentro e, sorrindo, disse:

- Entre, Marta, sente-se, por favor, mas não repare, pois sabe como é, homem sozinho nada arruma direito.

Marta olhou-o e respondeu baixo:

- Boa-tarde!

Leonardo sentou-se à sua frente, esperou educado que a visita falasse. Então encostei a mão na testa de Marta e pedi:

"Marta console para ser consolada, você sofre, ele também deve ter sofrido e talvez sofra ainda. Sente-se sozinha, e ele também deve sa-

ber o que é solidão. Diga-lhe palavras de sentimento e fraternidade."

Marta observou Leonardo paciente à sua frente e pensou: "Deve achar-me louca." Tentou sorrir, esforçou-se e disse:

- Sr. Leonardo, vim aqui para dar-lhe meus pêsames pelo falecimento de seu filho. Sinto muito, todavia não pude ir ao enterro.

Ta inventar uma desculpa, mas não queria mentir mais, pois não fora porque Cristiano passou a tarde com ela. E completou:

- O fato é que sinto muito, porque sei o que é isso! Ontem mesmo sepultei minha única sobrinha. Agora estou só, sem família e achei que o senhor está sofrendo como eu, então vim aqui.

Marta começou a chorar, Leonardo sentou-se ao seu lado, ofereceu-lhe um lenço e olhou-a penalizado.

- Chame-me de você, nada de senhor, Marta. E também ninguém está só, quando tem Deus por companhia.

- Aí é que está, não tenho Deus por companhia.

- Não acredita em Deus?!

- Sim, acredito! Mas acho que não sou boa companhia para que Ele fique comigo. O senhor... desculpe-me, você se sente na companhia Dele?

- Tudo o que faço, Marta, faço com a certeza de que estou diante Dele.

- Será, Leonardo, que o meu Deus é o mesmo que o seu?

- Deus é um só, mas há muitas maneiras de chamá-lo e, também, são inúmeros os meios de entendê-lo. Porém, não importando nossa crença, devemos adorá-lo acima de todas as coisas.

Viver, tendo-O por companhia, é tudo fazer para viver no Bem e para o Bem. Marta, deve consolar-se com a morte física de sua sobrinha, porque só o corpo foi sepultado. Nosso choro desesperado perturba nossos entes queridos do

lado de lá. Confie no Pai, ore, estará assim ajudando sua sobrinha.

- Acredita mesmo nisso?

- Claro, o Espírito, a Alma, sobrevive ao corpo. Meu filho Leonel partiu cedo, com dezesseis anos, mas está bem melhor agora, mais feliz do que aqui, preso ao corpo doente. E estarei um dia com ele, quando me for também.

- Que religião tem você, Leonardo? Fala com tanta convicção!

- Sou Espírita. Conhece?

- Bem... na verdade não conheço bem nenhuma, mas fui certa vez a um Centro Espírita com uma amiga. Vi, sentada à mesa, fazendo parte da equipe de ajuda, uma pessoa de mau procedimento e não voltei mais lá.

- Marta, o Espiritismo é uma religião aberta a todos. E é certo que, para pertencer à equipe de ajuda ou à corrente mediúnica, deve o orientador encarnado do Centro exigir boa moral. O Espiritismo tem insistido muito com seus seguidores na reforma interna, na troca de vícios por virtudes e, se nem todos o fazem, não é culpa da religião. Uma pessoa de má conduta deve regenerar-se primeiro para depois pertencer a uma equipe de auxílio, ou participar do trabalho mediúnico. Será que você não deu uma desculpa a si mesma, para não voltar?

Marta não respondeu e abaixou a cabeça, envergonhada. E pensou: "Quem sou eu, para julgar alguém?"

- Já almoçou, Marta?

Como ela negasse com a cabeça, Leonardo convidou-a:

- Venha, almoce comigo, fritaremos mais uns ovos.

Automaticamente Marta levantou-se e seguiu Leonardo a cozinha, com a conversa girando em torno de assuntos culinários.

Acabaram de fazer a refeição, almoçando em silêncio. Marta sentiu-se bem ao lado de Leonardo, pois sua calma fazia-lhe bem. Aceitou de

imediatamente seu convite para passear. Caminharam devagar pela calçada e Marta falou-lhe com sinceridade:

- Leonardo, que feliz idéia tive em visitá-lo. Se ficasse em casa, estaria sem alimentarme e chorando.

Leonardo sorriu, Marta reparou que ele era jovem ainda, charmoso e muito educado. De forma natural, contou a ela sua história:

- Casei cedo e minha esposa e eu fomos felizes, porém, o tempo passou e ela não engravidava. Fomos ao médico e, após muitos exames, constatou-se que eu era estéril. Resolvemos adotar crianças e Leonel recém-nascido veio alegrar nosso lar. Quando ele completou dois anos, Ivone, minha esposa, adoeceu e nunca mais recuperou a saúde. Com câncer, viveu anos entre médicos e hospitais fazendo com que adiássemos a idéia de mais adoções.

Quando Ivone desencarnou, ficamos Leonel e eu, e a vida voltou ao normal por uns tempos. Em certa época, notando o menino pálido, levei-o ao médico, que diagnosticou leucemia. Lutamos contra a morte, mas meu Leonelzinho se foi. E aqui estou, até que chegue minha hora também. E você, Marta, o que se passa com você?

Marta suspirou, triste, vendo Leonardo tranquilo e sereno, não parecendo que tinha passado por tantos sofrimentos. Abriu seu coração e contou toda sua história, sem omitir nada, sem desculpar seus erros. Não chorou e acabou exclamando:

- Vê, Leonardo, como tenho motivos para me envergonhar de Deus, de querê-lo por companhia?

- Marta, se de fato envergonha-se de estar com Deus, deve modificar-se e acabar com o motivo que a leva a isso. Arrepende-se com sinceridade dos erros significa que, se voltássemos atrás, agiríamos diferentemente. Não se aflija tanto e recomece sua vida, recomece acertando. Já pensou em quantas pessoas estão sofrendo pela morte de alguém querido neste mo-



mento? Pode ajudar Nely agora, mas de outra forma, orando por ela e, em seu nome, ajudando outras pessoas. É certo que somos donos de nossas obras, mas ajudar alguém, pela intenção de outrem, é orar. E orar com sinceridade também é fazer a Caridade para o próximo. Fez bem, Marta, em separar-se de Cristiano. Há tempo, observo você, pois penalizava-me vê-la ligada a um amor assim. Desculpe-me, mas no prédio todos sabem, comentam e, depois, é bonita demais para passar despercebida. Marta, estou de férias, volto ao trabalho na semana que vem. Posso nestes dias ajudá-la, se quiser, a arrumar outro emprego. Se concordar, podemos começar pela firma em que trabalho e amanhã mesmo.

- Ah! Leonardo! Agradeço, quero sim!

Anoitecia quando voltaram. Marta entrou no apartamento, o telefone tocava, atendeu e franziu a testa. Era Cristiano, como sempre indelicado.

- Marta, onde estava? Liguei a tarde toda. Quero-a aqui amanhã no trabalho. Onde estão os documentos do cliente "Z"?

Marta respondeu, friamente:

- Calma, Cristiano. Não tenho que lhe dar satisfação. Os documentos estão na sua mesa, na terceira gaveta à direita. Meu pedido de demissão é verdadeiro. Não volto mais, nem para você, nem para o trabalho. E não me ligue mais, por favor!

Desligou o telefone, deu dois passos, porém voltou-se e tirou-o do gancho.

Trocou-se para dormir e ia dar-lhe um passe. Porém Marta orou, e a oração sincera e comovida deu-lhe a paz de que tanto necessitava.

Adormeceu.

No dia seguinte, acompanhei-os. Marta notava, e eu também, o quanto Leonardo era querido e estimado por todos em seu local de trabalho. Lá, fez um teste, com perfeição, e foi contratada logo após como datilógrafa, para começar

no dia seguinte. Na volta, Marta agradeceu a Leonardo:

- Leonardo, obrigada! Vou ganhar menos, mas tudo bem, pois todos aqui são tão simples e não necessitarei comprar tantas roupas para vir trabalhar. Gostei de todos, serei eficiente e não se arrependerá por ter-me recomendado.

- Marta, hoje à noite teremos uma reunião de estudo sobre a Doutrina Espírita, quer vir comigo?

- Quero. Ontem, enquanto orava, senti que, se quero realmente modificar-me, tenho que começar seguindo uma religião. E o Espiritismo, julgando-o por você que a segue, deve ajudar-me a melhorar.

Necessito mesmo de reformar-me intimamente.

Com a certeza de que Marta encontrara em Leonardo a ajuda que necessitava, voltei aos meus afazeres.

Decorridos seis meses após a desencarnação de Nely, tive a feliz notícia de que ela foi socorrida. Encontrava-se na enfermaria de um hospital de auxílio a suicidas, onde por longo tempo receberia amparo e socorro.

A chácara já abrigava diversos idosos e o lugar parecia outro, com o Padre Anselmo trabalhando duro, todo sujo, ajudando na construção e carregando tijolos. Sentia-se feliz, servindo ao Senhor através do serviço ao próximo. Gema e João estavam muito bem, ajudando, saudáveis e tranquilos, o Padre no trabalho de reforma da casa e a cuidar dos idosos.

Nos fundos do imóvel, havia uma imensa horta, onde os internos contentes trabalhavam. O jardim com aspecto diferente, já não continha os canteiros tortos nem as estranhas e feias estatuetas.

Quando chegamos, D. Gema tinha colhido uma rosa linda e, contente, foi mostrá-la ao Padre.

- Padre Anselmo, veja que linda! É a primeira que floresce no jardim.

- Gema - disse ele -, coloque-a no jarro, vamos ofertar à Virgem.

A casa estava diferente, toda aberta, movimentada e agradável devido aos fluidos benéficos produzidos pela oração e pela caridade.

Visitei Marta, também estava muito diferente, tanto no aspecto físico, agora bem mais simples, sem o excesso de maquiagem e sem a tintura nos cabelos. Parecia mais jovem e bonita. Também modificara seu íntimo e estava tranqüila, em paz. Notei, pelos seus fluidos, que orava muito agora, que sua fé aumentara, que estava reformando-se intimamente. Preparava o jantar e aguardava ansiosa uma visita.

Leonardo chegou, era a visita que Marta esperava. Trazia-lhe flores e gaguejou ao falar:

- Marta, quero... Bem, quero que se case comigo!

-Oh! Leonardo! Pensei que nunca iria pedir-me em casamento!

Quero, sim!

Abraçaram-se, felizes.

- Vamos casar logo, Marta. Mudará para meu apartamento e, assim, não precisará pagar aluguel. Marquemos a data para o mês que vem, está bem?

- Leonardo, posso pedir-lhe algo em que há tempos penso?

Poderíamos adotar crianças.. duas, três!

- Marta, querida! Agora sei que seremos felizes realmente, você é boa, é um amor. Crianças? Que beleza!

Desejei-lhes muita felicidade e saí, deixando-os a fazer planos para o futuro.

Dois anos se passaram. O Asilo, repleto de abrigados, é uma instituição que exemplifica pelo carinho com que os idosos são tratados, e Padre Anselmo ainda constrói e aumenta a propriedade, fazendo chalés.

Marta e Leonardo estão felizes com três rebentos que adotaram, dois meninos e uma menina, sendo negro, o menor deles.

Muitas vezes, nesses tempos, visitei Nely. Naquele dia, entretanto, ao entrar na enfermaria, vi um homem ajoelhado ao lado de seu leito. Não querendo interromper, esperei que a visita se fosse para falar com minha amiga.

Não esperei muito, o homem levantou-se e, ao sair, passou por mim, então o reconheci: era Raquel. Um Raquel diferente, vestido com simplicidade, limpo, mas triste e com lágrimas nos olhos.

Aproximei-me de Nely, que sorriu ao ver-me:

- Tio Antônio Carlos, veio ver-me?

- Como vai, minha pequena Nely?

Nely melhorara e logo seria transferida para outra ala, onde se levantaria do leito e poderia passear pelos jardins, para, depois de algum tempo, freqüentar as salas de aula. Seu aspecto era o de uma doente em convalescença. Sentia ainda as perturbações que provocou em seu perispírito. Teria muito do que reclamar, demonstrando estar aprendendo as lições de bem-viver, que não devemos nos apiedar de nós mesmos e que queixas e tristezas só envenenam mais os sofrimentos.

Respondeu-me, deixando de sorrir:

- Recuperando-me, Tio, estou me recuperando. Tio Antônio Carlos, o senhor viu aquele homem que aqui estava? Parece gostar de mim, mas, não sei por que, não sinto o mesmo por ele. Sei que é errado não querer bem a ele, porém não sinto raiva ou ódio, só não gosto dele. Pareceu-me que ia fazer-me algo ruim. Pediu-me perdão, dizendo que gostava de mim e que, quando eu era criança na vida física, não teve compaixão de mim e abusou da minha solidão.

Depois disse adeus, informando que ia reenagnar e que orava todos os dias pedindo a Deus a oportunidade de, um dia, fazer-me o bem. Falou, falou e só escutei. Lembrei-me vagamente de algumas coisas, do "tablado", como chamava um quadrado de madeira pintado com letras e números, com que eu brincava, e de um Espírito

arrogante e feio que respondia. Não gosto de recordar, faz-me mal, dói-me o remorso e, também, vejo sangue e rosa, carne crua e animais feridos. Quando fico triste, tia Isaura recomenda-me não pensar nisso. Será que o conheci? Só sei que me lembro bem de D. Gema e do Sr. João, porque recebo muitas orações deles e, também, da Tia Marta e do Tio Leonardo, que se casou com ela. Faz-me bem receber esses incentivos: dão-me ânimo e coragem, fazendo-me sentir amada. Quero ficar como eles desejam: sadia e feliz!

- Você é querida, Nely!

- É verdade. O senhor e o Tio Carlos visitam-me tanto e aqui tenho amigos, inclusive tia Isaura, que me quer tão bem!

Tia Isaura é uma psicóloga que tudo faz para recuperar os abrigados daquela enfermaria: os jovens que se suicidaram.

- A prece, Nely - disse-lhe, voltando ao assunto -, faz-nos muito bem! Onde quer que estejamos, ao orar por alguém, os fluidos vão até ele, fortalecendo-o, transmitindo nosso recado de amor. A oração é o elo que todas as criaturas dispõem para obter auxílio e ajudar a outros, ou para entregar-se às forças positivas do Bem.

Aprenda, Nely querida, a orar com fé e amor.

- Ontem aprendi uma oração linda que Tia Isaura me ensinou.

Quer ouvi-la?

E Nely recitou:

- "Pai Celeste, abençoa-me nesta hora de dor e remorso, Dá-me coragem para bem sofrer, Dá-me alegria para viver, Dá-me o Amor, para que possa distribuí-lo a todos os meus irmãos. Amém!"

Bonita, não é?

- Sim, bonita e comovente. Tenha como hábito orar sempre, Nely, e o mais importante: aprenda a fazer a oração por si mesma, deixe-a brotar do coração, não só pedindo, mas agradecendo também.

- Eu! Sempre agradeço! Por estar aqui, por ter Tia Isaura, Tio Carlos e o senhor.

Sorrimos, dei-lhe um passe e deixei-a adormecida.

Saí da enfermaria e, ao chegar ao jardim que circunda o hospital, Raquel esperava-me:

- Posso falar-lhe um momento?

- Claro que sim, sentemos neste banco.

- O senhor desculpe-me se o incomodo, mas sei que estava na equipe que me socorreu há dois anos e quero agradecer-lhe. Desejo também saber notícias de Nely. Como ficará ela?

- Nely recupera-se rápido, melhora muito e logo poderá estudar e participar de lazeres com o grupo de jovens.

- Breve reencarnarei e preciso ajustar-me ao meio em que vou viver, na Terra. Duras provas esperam-me nessa encarnação, mas estou confiante, porque aprendi muito nesse tempo, na escola, sentindo-me forte e disposto a resgatar meus erros. Quero pedir-lhe um favor, que cuide de Nely por mim também.

- Claro, Raquel, estarei sempre com ela, e será bem orientada e preparada.

- Sabe meu nome? Sabe também minha história?

Concordei discretamente com a cabeça, pois não queria que se sentisse humilhado ou envergonhado. Porém Raquel abaixou a cabeça e continuou a falar tristemente, demonstrando que aqueles dois anos na Escola de Recuperação na Colônia foram-lhe úteis e proveitosos.

- Fui ocioso e mau, sempre me aproveitei de pessoas invigilantes e não instruídas, para fazer brincadeiras com elas, na guerra.

Quando possível, até materializava-me para provocar-lhes susto e medo. Saindo à procura de Ana, vim para o Brasil e aqui encontrei um campo vasto para minhas brincadeiras, inclusive quando incorporava em médiuns vaidosos e dizia ser pessoa famosa e, então, ria às gargalhadas, ao ser acreditado. Participei de muitas brincadeiras com o copo, com encarnados que, invigi-

lantes, não sabem o perigo que correm. Satisfazia-os, respondendo com asneiras, pois achava que mereciam escutar. Respondia com tolices que me vinham à mente, na hora, às inúmeras perguntas bobas que faziam, contando histórias tristes e comoventes. Achava certo, naquela época, dizendo que nenhum encarnado tinha o direito de fazer desencarnados de empregados ou adivinhos. Divertia-me muito e vi, também, muitos problemas sérios começarem com essas invocações, que provocavam tantas obsessões. E isso acontece, porque muitos dos Espíritos evocados, gostando do lugar ou das pessoas, ficam com elas, como eu que, procurando um lugar para levar Ana quando desencarnasse, encontrei Nely que chamava um Espírito para responder-lhe. Gostei do lugar, achei-o seguro e lá fiquei, usufruindo do lar alheio. Tantas desgraças atraem os encarnados para si, através de brincadeiras ou curiosidade. E, depois de chamarem os Espíritos e respondidas as perguntas, querem afastar os que foram convidados, proferindo orações decoradas, juntamente com ramos, ervas ou água benta. Podem certas ervas, quando queimadas, serem tóxicas e incomodarem Espíritos maus e ociosos.

Mas voltam depois, mais furiosos e rancorosos por terem sido expulsos.

Só não entrava em lares onde a oração era sincera e o Evangelho estudado e vivido, deixando fluidos que faziam uma barreira, pela qual não conseguia passar. Nem Espíritos com minha experiência passam. Onde os pensamentos de caridade de seus moradores fluem de um modo que favorece os semelhantes, ou seja, com fluidos bons, torna-se insuportável, ali, a presença dos invasores de lares alheios, os inescrupulosos que semeiam desgraças.

Mas quando forem convidados ou chamados, sentem-se então como donos, tanto do lugar, como das pessoas. Vampirizam fluidos como pagamento das respostas dadas e julgam-se ainda credores.

Raquel silenciou e indaguei, mudando de assunto:

- E Ana?

- Ana perdoou-me. Está bem, serve e estuda aqui na Colônia.

Obrigado por ouvir-me. Agradeça em meu nome a todos da equipe que nos ajudou, que não nos repeliu e teve por nós a maior caridade, despertando-nos para a verdadeira vida. Adeus!

Raquel levantou-se, deu uns passos, mas levantei-me e o alcancei:

- Raquel, espere! Permita-me abraçá-lo? Desejo a você, irmão amigo, que aproveite as lições que terá na nova vida. Que tenha um feliz retorno para nós e no tempo certo.

Pela primeira vez, vi Raquel sorrir. Retribuiu meu abraço:

- Obrigado! Obrigado!

Partiu, sentei-me no banco novamente e orei por ele:

"Deus-Pai, abençoe esse seu filho pródigo, que regressa ao corpo físico para uma nova tentativa. Necessita ele de bênçãos e apoio, para que vença seus vícios e adquira virtudes. Iluminai-o com Seu amor, fortalecendo seus propósitos de melhoria, para que possa aproveitar a bênção da encarnação, fazendo o Bem, e que, ao regressar ao Mundo Espiritual, tenha a tarefa cumprida. Que Jesus o abençoe!"

Recordava essa história, sentado num banco do tranqüilo e belo jardim, na frente do Departamento em que, no momento, tinha a oportunidade de servir e obter conhecimentos. Fui despertado das minhas recordações com a voz suave de Laura, companheira de equipe:

- Antônio Carlos! O irmão está sendo esperado para um novo trabalho.

- Ah, sim! Obrigado!

Novo trabalho... novas tarefas. Como sou grato pelas atividades a mim confiadas, dentro de uma equipe. Como é gratificante o labor na Seara do Pai, como simples serviçal, aprendendo



a cada ajuda, construindo, amenizando dores e recuperando almas. O trabalho no Bem é a grande oportunidade que o Pai dá a todos nós, seus filhos, para que caminhemos, progredamos e aprendamos sempre mais.

Acompanhei-a, feliz.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com as pessoas do seu relacionamento, dar de presente a alguém que você sinta estar precisando ou até mesmo emprestar aquele que não tenha condições de comprar. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura Espírita. Entre nessa corrente?

Contra-capa do livro:

Copos que Andam

Apenas uma "ingênuu" brincadeira? Quem os faz "andar?" A força do Pensamento? . . .

Se é assim que você imagina que as coisas funcionam, não deixe de ler este livro e saiba o que de fato acontece! . . . A realidade é bem outra !

Antonio Carlos, neste romance busca nos alertar através de seus personagens (extraídos da vida real), para o grande risco e perigo em que incorrem todos aqueles que, por meio de objetos, tais como copos, pêndulos, etc, acabam atraindo para si mesmos a atenção de espíritos inferiores, ignorantes e maus e, a tal ponto de acabarem sendo perseguidos e obsediados pelos mesmos, uma vez serem estes, portadores de fluídos pesados e negativos. Bons espíritos jamais se prestam a tais brincadeiras ou invocações.

Um tema fascinante, um alerta aos incautos, uma leitura, obrigatória de conteúdo útil e verdadeiro ! . . . Um livro que, certamente todos devem ler e divulgar.